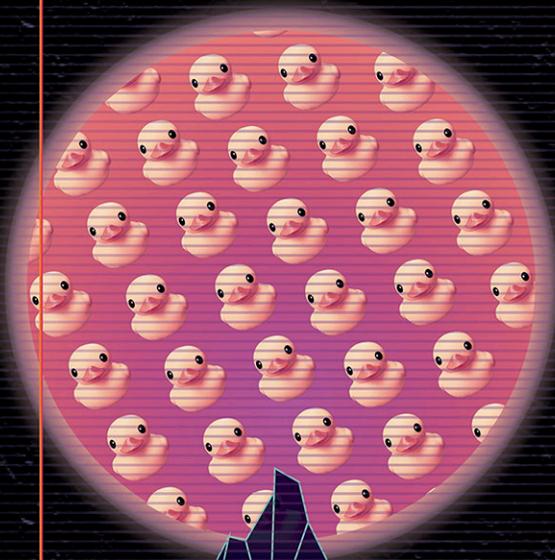


Júlia Frank de Moura



# PRIMEIRO COMO FARSA, DEPOIS COMO TRAGÉDIA:

A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO MBL EM CONTRAPOSIÇÃO À ALTERIDADE



Sem muito medo de errar, podemos afirmar que os estudos de grupos e sub-grupos juvenis costumam dar atenção para os traços de transformação social que eles carregam, com suas concepções vanguardistas e o inconformismo que os move. Quando ligados a alguma dinâmica com conotação de organização política, esses traços são acentuados por perspectivas que, de um modo ou de outro, projetam esforços de emancipação por meio da rebeldia. O estudo que o leitor tem agora em mãos não difere desse encaminhamento, mas com um detalhe que muda completamente seu traçado, tendo em vista que o grupo de jovens em escopo se calca em proposições políticas que mesclam o vanguardismo e rebeldia juvenis com uma perspectiva de mundo francamente reacionária. Entender o motivo que levou a esse amálgama e suas principais estratégias de comunicação não é um propósito simples, muito menos agradável, mas é a tarefa a que Júlia Frank de Moura se entregou com paixão e verve crítica notáveis. O Movimento Brasil Livre (MBL), grupo de jovens que atua como organização política, é uma peça central no desastre político e social em que o país se meteu (ou foi metido?) desde meados do primeiro mandato do governo Dilma Rousseff. A ebulição social que se desdobrou desde 2013 ainda se coloca como um nó que tem levado importantes pesquisadores das Ciências Sociais a debaterem sobre seus diversos aspectos. Sem ignorar as divergências sobre a natureza e resultados dos protestos que sacudiram o país naquele ano, Júlia se dedica a observar atentamente um ator político que ganha destaque desde então. Mesmo não sendo consenso, é possível indicar que o bate-cabeça entre as diversas forças constituídas, à esquerda e à direita, no cenário nacional diante da avassaladora onda de protestos abriu sendas para a ascensão de um tipo de organização política que, propalando ideias que, se não eram novas no Brasil, buscavam atingir ainda mais corações e mentes juvenis que, com esforço e obstinação, passariam a ocupar espaços de decisão e poder.

Manoel Dourado Bastos  
Professor Adjunto da Universidade Estadual de Londrina



## **Primeiro como farsa, depois como tragédia**

**A construção da imagem do MBL em contraposição à alteridade**

## *Direção Editorial*

---

Lucas Fontella Margoni

## *Comitê Científico*

---

**Prof. Dr. Manoel Dourado Bastos**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

**Prof. Dr. Jefferson Rodrigues Barbosa**

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

**Prof. Dr. Marcia Neme Buzalaf**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

# **Primeiro como farsa, depois como tragédia**

**A construção da imagem do MBL  
em contraposição à alteridade**

Júlia Frank de Moura



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

**Arte de Capa:** Amanda Gollo

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da Creative Commons 4.0 [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

MOURA, Júlia Frank de

Primeiro como farsa, depois como tragédia: a construção da imagem do MBL em contraposição à alteridade [recurso eletrônico] / Júlia Frank de Moura -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

116 p.

ISBN - 978-65-5917-071-5

DOI - 10.22350/9786559170715

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. MBL; 2. alteridade; 3. farsa; 4. tragédia; 5. Brasil; I. Título.

---

CDD: 172

Índices para catálogo sistemático:

1. Ética Política 172

## Agradecimentos

Ao meu orientador, Manoel Dourado Bastos, peça fundamental desta dissertação.

À minha banca de qualificação, por toda sua paciência e receptividade. E aos demais professores do Mestrado em Comunicação da UEL, em especial ao Alberto Klein.

Ao meu primeiro orientador, Eduardo Yuji Yamamoto, por ter me ensinado a pesquisar.

À minha colega de apartamento, Larissa, por todo apoio na solidão que a dissertação traz e toda paciência. E aos meus quatro companheiros mais fiéis, Juno, Sagu, Hércules e Margarida.

Aos meus pais, por depositarem todas suas energias na minha formação. À minha vó. E à Berna, minha segunda mãe.

À Unicentro, minha *Alma Mater*.

Ao Gustavo.

À minha melhor amiga, Amanda.

Aos colegas de mestrado, em especial Lariane Casagrande.

A todos meus amigos de Londrina, Guarapuava e Palotina, pelo companheirismo e vida fora da Academia, amenizando a angústia e preocupação todos os dias: em especial, Kelly, Luiza, Alisson, André, Amanda Molinari, Conchudas e colegas do CEEDUC.



*A verdadeira democracia é a que dá voz às maiorias e não apenas no momento do voto. É a forma social que assegura que estas governem, decidam os rumos da vida social. Estamos assistindo – escrevo entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais de 2018 – a uma avassaladora técnica de produção de medo e de terror, e não a uma participação política esclarecida e plena.*

Virgínia Fontes



## **Lista de abreviaturas e siglas**

EPL	ESTUDANTES PELA LIBERDADE
EUA	ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA
FHC	FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
IRS	INTERNAL REVENUE SERVICE
MBL	MOVIMENTO BRASIL LIVRE
PSDB	PARTIDO DA SOCIAL DEMOCRACIA BRASILEIRA
PT	PARTIDO DOS TRABALHADORES
UNESP	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



# Sumário

<b>Prefácio.....</b>	<b>15</b>
Manoel Dourado Bastos	
<b>Introdução .....</b>	<b>18</b>
<b>1 .....</b>	<b>24</b>
<b>Sobre o contexto histórico e o MBL</b>	
1.1 Neoliberalismo: conceito e contexto histórico.....	24
1.2 Contexto histórico no Brasil e nova direita brasileira .....	32
1.3 Como se dão as relações no neoliberalismo, e o sujeito neoliberal .....	38
1.4 Sobre o MBL.....	44
1.4.1 MBL e os think tanks.....	51
1.5 Nacionalismo .....	60
1.6 Crise do capitalismo.....	67
<b>2.....</b>	<b>71</b>
<b>Descrição do corpus e metodologia</b>	
2.1 Corpus da análise: vídeos escolhidos .....	72
2.2 Metodologia.....	82
<b>3.....</b>	<b>84</b>
<b>Sobre o Outro</b>	
3.1 O que é o Outro.....	84
3.2 Alteridade e a crise do trabalho.....	94
<b>Considerações finais .....</b>	<b>106</b>
<b>Referências .....</b>	<b>110</b>
Fontes primárias.....	110
Fontes bibliográficas.....	112



## Prefácio

*Manoel Dourado Bastos*<sup>1</sup>

Sem muito medo de errar, podemos afirmar que os estudos de grupos e subgrupos juvenis costumam dar atenção para os traços de transformação social que eles carregam, com suas concepções vanguardistas e o inconformismo que os move. Quando ligados a alguma dinâmica com conotação de organização política, esses traços são acentuados por perspectivas que, de um modo ou de outro, projetam esforços de emancipação por meio da rebeldia. O estudo que o leitor tem agora em mãos não difere desse encaminhamento, mas com um detalhe que muda completamente seu traçado, tendo em vista que o grupo de jovens em escopo se calca em proposições políticas que mesclam o vanguardismo e rebeldia juvenis com uma perspectiva de mundo francamente reacionária. Entender o motivo que levou a esse amálgama e suas principais estratégias de comunicação não é um propósito simples, muito menos agradável, mas é a tarefa a que Júlia Frank de Moura se entregou com paixão e verve crítica notáveis.

O Movimento Brasil Livre (MBL), grupo de jovens que atua como organização política, é uma peça central no desastre político e social em que o país se meteu (ou foi metido?) desde meados do primeiro mandato do governo Dilma Roussef. A ebulição social que se desdobrou desde 2013 ainda se coloca como um nó que tem levado importantes pesquisadores das Ciências Sociais a debaterem sobre seus diversos aspectos. Sem ignorar as divergências sobre a natureza e resultados dos protestos que sacudiram o país naquele ano, Júlia se dedica a observar atentamente um

---

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Estadual de Londrina

ator político que ganha destaque desde então. Mesmo não sendo consenso, é possível indicar que o bate-cabeça entre as diversas forças constituídas, à esquerda e à direita, no cenário nacional diante da avassaladora onda de protestos abriu sendas para a ascensão de um tipo de organização política que, propalando ideias que, se não eram novas no Brasil, buscavam atingir ainda mais corações e mentes juvenis que, com esforço e obstinação, passariam a ocupar espaços de decisão e poder.

Após um dedicado estudo do histórico do MBL, no primeiro capítulo, reconhecendo suas filiações libertárias e seu indisfarçável fundo neoliberal, bem como suas redes de apoio e mecanismos de financiamento, Júlia pôde se dedicar àquilo que ela se propôs analisar e interpretar: quais foram as estratégias de comunicação utilizadas pelo grupo a fim de criar uma imagem de si que, presume-se, seria capaz de ressoar nas mentes insatisfeitas e conflagradas desde 2013. O histórico que Júlia nos apresenta já nos dá algumas pistas para entender os fundamentos desse processo, principalmente no que diz respeito às articulações entre uma ascendente conotação nacionalista e os marcos da crise do capitalismo. Ainda há quem receie em observar a ascensão reacionária no Brasil recorrendo ao arcabouço conceitual em torno do fascismo. Parece-me que as indicações de Júlia servem para deixar o receio um pouco de lado e partir para uma observação empírica do que há de novo sem se descuidar em reconhecer as filiações históricas de longo alcance.

O próximo passo, dado no segundo capítulo, está em elaborar um corte e ordenação coeso e forte das atividades do MBL na construção de redes por meio de plataformas digitais. Não bastasse o indigesto trabalho de observar as diferentes lógicas de atuação do MBL nessa produção de redes, Júlia ainda decidiu encampar a análise e interpretação daquela que pareceu a atividade mais significativa do grupo: a ação audiovisual no YouTube. Para dar conta da questão, foi necessário compilar analiticamente os vídeos, o que só é possível assistindo-os e escrutinando seus temas e modos de expressão. Júlia nos apresenta detalhadamente os vídeos, descrevendo seus principais aspectos. Ao leitor, há de parecer que os vídeos

escolhidos e a maneira de ordená-los pode ser dada ao acaso. Contudo, ao contrário, a dedicação e seriedade da pesquisadora fizeram com que a escolha dos vídeos redunde de uma análise prévia criteriosa, a partir da qual foi possível entender o MBL por meio de sua práxis comunicativa. A análise revelou que a principal estratégia de comunicação do MBL estava em estruturar uma identidade do grupo a partir de uma abordagem depreciativa de um Outro. Deixo para que os leitores descubram ao longo do livro a compreensão desse singelo e poderoso achado conceitual de Júlia, com capacidade crítica decisiva.

Imagino que os leitores reconhecerão o esforço intelectual empreendido por Júlia e as ferramentas que ela nos oferece. Provavelmente sentirão o mesmo entusiasmo que nosso Programa de Mestrado na Universidade Estadual de Londrina teve ao receber a pequena e aparentemente frágil pesquisadora, de sorriso fácil, contagiante com sua gana em aprender. Seu jeito agradável e meigo não esconde que a pesquisadora irrequieta nos entrega com esse livro uma série de ferramentas para não só entendermos a ascensão reacionária no Brasil, como para encaminhar seu fim. Enfrentar conceitualmente um grupo de personagens políticos que não mede esforços para depreciar as pessoas é um esforço que só um espírito calmo, porém inconformado como o de Júlia pode nos oferecer. E eu só tenho a agradecer a oportunidade de tê-la orientado, para ver esse livro que agora os leitores têm em mãos chegar a público e oferecer mais um instrumento de luta contra o obscurantismo.

## Introdução

Os aparelhos privados de hegemonia que atuam no Brasil e os seguidores da ideologia neoliberal ganharam um novo aliado, gestado a partir das manifestações de 2013. Em novembro de 2014, surgiu no Brasil um grupo que se autodenominava apartidário e defensor da liberdade, o MBL (Movimento Brasil Livre). Neste livro, aborda-se a questão da autodefinição deste grupo com base na relação com o Outro, ou seja, como o MBL define a si mesmo destacando as diferenças em relação a grupos e partidos com ideias opostas. Esse Outro, utilizado pelo MBL para a comparação com sua própria imagem, toma diversas formas – na maior parte das vezes, sendo representado pela esquerda brasileira em geral, mas também assume imagens mais específicas, como a do PT (Partido dos Trabalhadores), a de Dilma Rousseff (principalmente na época do *impeachment*) e, mais recentemente, a de Lula.

A análise se baseia nos vídeos publicados no canal do MBL de novembro de 2014 (seu início) a agosto de 2016 (golpe) e trabalha com uma amostra de 20% do total de publicações desse período, ou seja, 18 vídeos de um total de 92. Os vídeos foram escolhidos conforme abordam o Outro. Apesar de praticamente todos os vídeos do movimento falarem da oposição e da esquerda, alguns o fazem de maneira mais incisiva e com algumas particularidades importantes, e esse foi o critério de escolha. O livro é dividido em três partes principais: um capítulo sobre o contexto histórico e o MBL; um capítulo de descrição do corpus e metodologia; e um capítulo sobre o Outro, seguido da conclusão.

O capítulo inicial trata do contexto histórico no qual ocorre o neoliberalismo, tanto mundial quanto nacionalmente, pois essa ideologia é crucial para o surgimento e ascensão do MBL no Brasil. Trata também do

objeto de estudo – ou seja, a história e todas informações levantadas sobre o MBL –, do nacionalismo, o sujeito neoliberal e a crise do capitalismo.

O capítulo 2 trata do corpus e da metodologia, e é composto principalmente pela descrição de todos os vídeos escolhidos para análise, feita por meio de uma tabela. Essa tabela compreende o nome dos 18 vídeos do corpus, sua duração, número de curtidas, data de publicação, trechos falados e imagens. A análise desses vídeos descritos é feita no terceiro capítulo, após o estudo teórico sobre o Outro.

O capítulo 3 trata do Outro, o que é o Outro e como se dá sua estereotipagem. Após esse primeiro estudo, faz-se a análise dos trechos dos vídeos, descritos na tabela do capítulo 2, relacionando-os com a questão do Outro mais profundamente.

Esse novo movimento neoliberal, que surgiu em 2014, trouxe à tona as mesmas ideias de Milton Friedman e Friedrich Hayek, da década de 1970, e o mesmo ideal de choque do Chile de 73, mas com uma nova capa, novos patrocinadores, novo público-alvo e novo formato de comunicação. O MBL, investimento de *Think Tanks* e formado por membros de outras organizações de direita que já tomavam forma, como o Fórum da Liberdade e o Students for Liberty, é composto majoritariamente por jovens e voltado também a eles. O intenso uso das redes sociais é uma novidade em relação a antigos movimentos; além disso, traz consigo também um discurso de repúdio à oposição e aos movimentos de esquerda, como destaca Fernando Henrique Calheiros Casimiro no livro *A nova direita: aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo*, resultado de sua tese de doutorado:

O discurso de ódio sobre minorias, movimentos sociais e sindicatos, a perseguição de professores e à liberdade de cátedra, o ataque a concepções progressistas, o repúdio ao bem público e a exaltação exacerbada do mercado tem sido algumas das manifestações dessa espécie de “refluxo” reacionário. O debate acadêmico progressista e crítico tem convergido no entendimento de que esse fenômeno configura-se como a constituição de uma “nova direita” no Brasil (CASIMIRO, 2018, p. 18).

Na análise do livro, a base teórica são os preceitos de Marcuse, destacando suas concepções de liberdade e de ideologia, bem como o pensamento do autor de que um indivíduo, inserido em um sistema econômico vigente, não é capaz de conceber sua própria ideia de liberdade, portanto, jamais seria livre. Com isso, o MBL, sendo um movimento neoliberal, não poderia prometer essa ideia de liberdade a seus seguidores, pois, estando ele inserido no capitalismo, não seria capaz de definir o que é liberdade por si só.

O título é, por sua vez, uma referência à escrita de Zizek e ao duplo caráter de liberdade e autodefinição do MBL, que surge em 2014 como resultado das manifestações e depois muda sua forma. Em *Primeiro como tragédia, depois como farsa*, Slavoj Zizek faz referência ao *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, de Karl Marx, obra na qual aparece sua famosa citação: “[a] história se repete, a primeira vez como tragédia, e a segunda como farsa” (MARX, 2011, p. 25). Em um dos prólogos escritos à obra de Marx, Herbert Marcuse, por sua vez, assume uma posição um pouco diferente, argumentando que, na segunda vez em que algo ocorre, quando a história já se repete, a farsa seria mais terrível do que a tragédia que a antecede:

Esse horror exige uma correção das sentenças introdutórias de O 18 de Brumário: os “fatos e personagens da história mundial” que ocorrem, “por assim dizer, duas vezes”, na segunda vez, não ocorrem mais como “farsa”. Ou melhor: a farsa é mais terrível do que a tragédia à qual ela segue (MARCUSE, 2011, p. 9).

Segundo Marcuse, isso ocorre porque, a partir do século XX, toma-se conhecimento de um horror que ainda não existia no século XIX: o fascismo e pós-fascismo. E por isso é necessário esse ajuste na ideia. Como o livro trata de um grupo neoliberal com indícios de contraposição à alteridade, é necessário utilizá-la nos moldes de Marcuse e, por isso, a inversão no nome. O MBL começa em 2014 com uma imagem um pouco mais amena; já em 2018, com as eleições, atinge uma nova forma, um pouco mais agressiva politicamente e discursivamente. Trabalhos sobre o início

do movimento, como este, são necessários e importantes para a compreensão desse duplo caráter do grupo.

Novamente parafraseando Zizek, o que este livro oferece não é uma análise neutra, mas sim engajada e parcial – “pois a verdade é parcial, e só é acessível quando se adota um dos lados, mas nem por isso menos universal” (ZIZEK, 2011, p. 18).

Voltando ao movimento, o MBL ganhou seguidores e espaço na internet de uma forma surpreendentemente rápida. Seus líderes, unanimemente jovens, conquistaram espaço com a organização de manifestações por meio das redes sociais e com a publicação de inúmeros vídeos muito bem segmentados e direcionados para um público-alvo predefinido. Também foi por meio de polêmicas famosas que a existência do grupo alcançou o conhecimento de todos, por exemplo: os casos do Queermuseu<sup>1</sup>, do projeto Escola sem partido<sup>2</sup>, as brigas com o deputado Jean Wyllys, e o acampamento e caminhada pró-*impeachment* da presidente Dilma Rousseff, que terminaram com o protocolo de um dos pedidos pelo afastamento da presidente pelo próprio grupo no congresso nacional.

Com um clima descontraído nos vídeos, acompanhado de músicas da moda e jovens descolados, o MBL já chegou a ser comparado com uma banda *indie* em matéria *online*<sup>3</sup>. E é assim, com essa imagem, que conquistou seu público constituído quase majoritariamente por jovens<sup>4</sup>. Esse movimento ocorre na época da pós-modernidade, apesar de se entender neste livro que esse tipo de organização de direita não é algo novo, mas

---

<sup>1</sup> TAVARES, Flávia; AMORIM, Daniele. Como movimentos ultraconservadores conseguiram encerrar exposição Queermuseu. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/brasil/noticia/2017/09/como-movimentos-ultraconservadores-conseguiram-encerrar-exposicao-queermuseu.html>>. Acesso em: 17 de dez. 2018.

<sup>2</sup> CASTRO, Gabriel de Arruda. MBL fará marcha pelo Escola sem Partido em todo o país. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/educacao/mbl-fara-marcha-pelo-escola-sem-partido-em-todo-o-pais-4i3elisi28qrftbzodr3y1l,>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

<sup>3</sup> MARTÍN, Maria. Não é uma banda de Indie Rock, é a vanguarda anti-Dilma. Disponível em: <[https://brasil.el-pais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638\\_389650.html](https://brasil.el-pais.com/brasil/2014/12/12/politica/1418403638_389650.html)>. Acesso em: 17 dez. 2018.

<sup>4</sup> Segundo a Lei de 05 de agosto de 2013 do Estatuto da Juventude, sancionada pela então presidente Dilma Rousseff: “são consideradas jovens as pessoas com idade entre 15 (quinze) e 29 (vinte e nove) anos de idade”. Kim Kataguirí, o líder mais conhecido do MBL tem, em 2018, 22 anos, assim como Fernando Holiday, um dos principais representantes do movimento em discursos e manifestações. Ambos nasceram em 1996. Também é notável que a maioria dos seguidores do movimento são jovens – isso pode ser comprovado com uma rápida análise dos comentários nas redes sociais do movimento ou por meio das imagens das manifestações e discursos organizados pelo movimento.

sim trazido à tona novamente pelo MBL com alguns diferenciais modernos (redes sociais). E conta com as tecnologias oriundas da WEB 2.0 em seu favor, assim como o *ciberativismo*<sup>5</sup>. O objetivo dessa pesquisa é analisar como essa ascensão do MBL precisou se construir por meio da difamação da imagem do Outro, que, nesse caso, seria a esquerda brasileira e, principalmente, o PT.

Justifica-se a escolha desse movimento como objeto de pesquisa por sua grande repercussão nacional e ascensão em número de seguidores e apoiadores em tão pouco tempo. O MBL acabou se destacando dos outros movimentos formados pelas manifestações de 2013, como o Vem pra Rua e o Revoltados Online. Com esse destaque, Kim Kataguirí chegou a ser colunista da Folha de São Paulo e eleito pela revista *Time*<sup>6</sup> como um dos jovens mais influentes no mundo em 2015, ao lado de personalidades como Sasha Obama (filha de Obama), e a paquistanesa Malala (vencedora do prêmio Nobel da paz e militante da educação para meninas no Paquistão). Hoje, o membro do MBL é Deputado Federal pelo Partido Democratas. Fernando Holiday, outro importante nome do Movimento, é vereador de São Paulo, também pelo Democratas, eleito com mais de 48.000 votos: “[e]m outras palavras, é como se o MBL materializasse um anseio sócio-histórico: esperava-se que alguém ocupasse essa posição, naquele momento específico” (YAMAMOTO; DE MOURA, 2018, p. 158).

Quanto ao estado da arte do objeto, estão crescendo as pesquisas na área que abordam a nova direita no Brasil; portanto, a pesquisa ganha espaço para alcançar importância. No quesito corpus, será uma importante adição aos trabalhos da área por utilizar os primeiros vídeos do canal do MBL no YouTube, o que ainda não foi feito. Trabalhos importantes sobre o MBL e a nova direita, como os de Jefferson Rodrigues Barbosa, de Flávio

---

<sup>5</sup> “Por ciberativismo podemos denominar um conjunto de práticas em defesa de causas políticas, socioambientais, sociotecnológicas e culturais, realizadas nas redes cibernéticas, principalmente na Internet” (SILVEIRA, 2010, p. 31).

<sup>6</sup> ÉPOCA. Revista Americana Time inclui Kim Kataguirí em lista de jovens mais influentes de 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/tempo/filtro/noticia/2015/10/revista-americana-time-inclui-kim-kataguiri-em-lista-de-jovens-mais-influentes-de-2015.html>>. Acesso em: 02 fev. 2019.

Henrique Calheiros Casimiro e de Marina Amaral foram utilizados como base para esta pesquisa.

A partir da análise dos 18 vídeos escolhidos, pretende-se chegar a conclusões sobre como o MBL caracteriza o Outro dentro de sua autodefinição e como a contraposição à alteridade é necessária ao movimento. Neste livro, optou-se pela utilização da palavra Outro com a inicial maiúscula sempre que esta estiver se referindo à oposição, às ideias contrárias ao MBL, àquele que o movimento utiliza como seu inverso.

## Sobre o contexto histórico e o MBL

### 1.1 Neoliberalismo: conceito e contexto histórico

*A ameaça de uma catástrofe atômica, que poderia exterminar a raça humana, não servirá, também, para proteger as próprias forças que perpetuam esse perigo? Os esforços para impedir tal catástrofe ofuscam a procura de suas causas potenciais na sociedade industrial contemporânea.*

Herbert Marcuse

Para compreender a ascensão e emergência de um novo grupo neoliberal atualmente no Estado brasileiro, é preciso entender as raízes do crescimento do neoliberalismo e seu contexto histórico: desde seu fortalecimento na década de 1970 e consolidação na década de 1980 até os dias de hoje.

Na fase dos anos 70, o neoliberalismo se consolidou como ideologia dominante no pensamento das autoridades econômicas nos EUA. Isso ocorreu após a crise do petróleo, quando os ideais de pensadores como Friedrich Hayek e Milton Friedman começaram a ser espalhados por meio de governos autoritários e a dominar o pensamento econômico. Eram conhecidos como “neoliberais”. O termo neoliberalismo foi difundido pela primeira vez em uma reunião em Paris em 1938, na qual se destacam duas presenças, a de Ludwig Von Mises<sup>1</sup> e a de Hayek. Ambos consideravam a social-democracia do New Deal como uma manifestação de um coletivismo que eles comparavam ao nazismo e ao comunismo. Hayek, em

---

<sup>1</sup> Economista austríaco e defensor da liberdade econômica, é um dos gurus dos liberais e da nova direita alternativa.

seu livro *O caminho da servidão*, relaciona o socialismo ao nazismo, nomeando-o de Nacional-socialismo (MONBIOT, 2016<sup>2</sup>, s.p).

Como o livro *Bureaucracy*, de Mises, *The Road to Serfdom* foi amplamente lido, chamou a atenção de algumas pessoas muito ricas, que viram na filosofia a oportunidade para libertar-se de impostos e regulação. Quando, em 1947, Hayek fundou a primeira organização que iria espalhar a doutrina do neoliberalismo – a Sociedade Monte Pelèrin –, ela foi sustentada financeiramente por milionários e suas fundações (MONBIOT, 2016, s.p, tradução da autora).

Após discordar das ideologias do *keynesianismo*, implantadas para auxiliar o *New Deal* pelo presidente Roosevelt nos EUA, Friedman começa a testar a consolidação dessa doutrina neoliberal, que, apesar de já existir há um tempo, foi difundida e tomada como ideologia vigente. Isso teve de começar na América Latina, para que o neoliberalismo ganhasse notoriedade e aceitação antes de ser implantado nos países mais fortes politicamente, como os EUA. Os testes da ideologia tiveram início no Chile, com Pinochet, em 1973, quando se exploram o choque e o medo para realizar uma transformação de livre mercado no país, por meio da Escola de Chicago e de *think tanks*<sup>3</sup> ligados a Reagan. O mesmo choque é implantado, em diversos outros países, por Friedman e seus seguidores, conhecidos como garotos de Chicago (devido à sua ligação com o departamento de economia da Universidade de Chicago). Outros exemplos dessa aplicação fora da América Latina são a Polônia, a China e o Iraque. A partir disso, “o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretarem, viverem e compreenderem o mundo” (HARVEY, 2008, p. 13).

<sup>2</sup> Nota bene: todas as citações extraídas do artigo “Neoliberalism, the ideology at the root of all our problems” são de tradução da autora.

<sup>3</sup> “Dedicados à promoção de ideias liberais, estas instituições de formação de opinião, *think tanks*, são voltadas a persuasão e formação de novos consensos, intervindo nos campos da cultura, religião, economia, direitos civis, entre diversos temas. Estes grupos, exercendo influência internacional ganharam grande força e influência nos debates da opinião pública vinculadas nas mídias, com estruturas organizacionais, de comunicação e propaganda, muitas atuando em âmbito nacional e internacional. [...]No contexto contemporâneo, a propagação de concepções conservadoras e liberais destas organizações ecoaram de forma polifônica, à direita do espectro político, a defesa da chamada ‘liberdade’ da sociedade de mercado” (BARBOSA, 2017, p. 30).

Em 1980, aconteceu a eleição de Ronald Reagan nos EUA, que tinha como conselheiro Hayek. Outra figura importante é Paul Volcker, que assumiu o comando do FED (Banco Central dos EUA) em 1979. Reagan assumiu o governo apoiando as decisões de Volcker no FED e adicionando “sua própria mistura particular de políticas destinadas a restringir o poder do trabalho, desregular a indústria, a agricultura e os setores extrativistas, assim como liberar os poderes das finanças tanto internamente como no cenário mundial” (HARVEY, 2008, p. 11).

Nesse mesmo período, Margaret Thatcher já havia assumido o comando da Inglaterra e se tornou propagadora dessas ideias, como mostrou sua famosa frase (dita sobre a implantação da ideologia neoliberal): não há alternativa. Thatcher foi eleita “com a tarefa de restringir o poder dos sindicatos e levar ao fim uma destruidora estagnação inflacionária que envolvera o país na década precedente” (HARVEY, 2008, p. 11).

A chegada desses ideais neoliberais nos países subdesenvolvidos, que serviram principalmente como testes para a implantação da ideologia, não ocorreu de modo pacífico. Muitas vezes, necessitava de populações em choque e com perda de sentido de si, pois as mudanças não seriam aceitas normalmente; porém, quando marginalizada, a população tende a ignorar essas implantações. Conforme coloca Noam Chomsky em seu livro *Mídia: propaganda política e manipulação*:

Uma vez que as pessoas se encontram marginalizadas e confusas e não conseguem organizar ou articular seus sentimentos – ou mesmo saber que outras pessoas partilham desses sentimentos – aqueles que diziam preferir gasto social em lugar de gasto militar, que respondiam às pesquisas como a esmagadora maioria fez, supunham que elas eram as únicas que tinham aquela ideia maluca na cabeça. Elas nunca ouviram isso de nenhuma outra fonte. Ninguém deve pensar isso [...]. Assim, você se retrai e não presta a menor atenção ao que está acontecendo. Olha para outra coisa, vai assistir ao futebol americano (CHOMSKY, 2013, p. 32).

Esse choque e marginalização citados por Chomsky, os quais são necessários ao neoliberalismo, são mais profundamente estudados por

outros autores. Doutrina do choque é uma metáfora utilizada por Naomi Klein (2007), autora e jornalista canadense, ao explicar e contextualizar, em seu livro *A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre*, essa caminhada e implantação neoliberal lideradas por Milton Friedman, o guru do capitalismo, que se inicia nos anos 1970. A autora explica que Milton Friedman entendeu a utilidade da doutrina do choque, antes utilizada na tortura com pessoas pela CIA, em relação à política e cita que “a tortura tem sido uma parceira silenciosa dessa cruzada global pelo livre mercado” (KLEIN, 2007, p. 12). Explica que ela não é apenas uma ferramenta utilizada para silenciar as multidões dos países nos quais é implantada, mas também uma metáfora para a lógica que a permeia. A autora documenta questões como o poder crescente da riqueza privada sobre o sistema político e a imposição global do neoliberalismo, que, segundo ela, utiliza-se frequentemente do racismo e do medo do Outro como uma potente ferramenta (KLEIN, 2017, p. 12). A autora continua:

A expressão Doutrina do Choque descreve a tática especialmente cruel de usar, de forma sistemática, a desorientação pública que se segue a um choque coletivo – guerras, golpes, ataques terroristas, colapsos de mercado ou desastres naturais – para aprovar medidas radicais a favor das corporações, com frequência chamadas de ‘terapia do choque’ (KLEIN, 2017, p. 12).

Naomi Klein explica que populações sofrem um estado de choque não somente quando algo ruim lhes acontece, como um terremoto ou furacão. Esse choque também ocorre quando elas perdem seus pontos de referência e se tornam desorientadas, ou seja, há maneiras de se criar choques. O que as mantém alheias ao choque e com senso de orientação é a sua própria história e narrativa. Quando a perda de narrativa e desorientação ocorrem, cria-se uma forma de domínio sobre o mais fraco (o trabalhador).

O choque como arma de manipulação na sociedade industrial capitalista já era citado por autores como Marcuse, em livros da década de 1960. Segundo o autor, “a sociedade industrial desenvolvida se torna mais rica, maior e melhor ao perpetuar o perigo. A estrutura da defesa torna a vida

mais fácil para um maior número de criaturas e expande o domínio do homem sobre a natureza” (MARCUSE, 1969, p. 13). É a mesma ideia utilizada pelos gurus do capitalismo com a implantação do neoliberalismo nos países menos desenvolvidos: a criação e perpetuação do perigo, desestruturando o senso de orientação e defesa dessas comunidades para que se aplique a mudança de mercado.

Segundo abordam Philip Oxhorn e Graciela Ducatenzeiler (1999), no livro *What kind of democracy, what kind of Market?*, importante obra sobre o neoliberalismo, é quase um clichê atualmente se referir à década de 1980 na América Latina como a década perdida. Houve, nesse período, excesso de dívida externa e inflação, causando dificuldades políticas que acabaram em escolhas governamentais difíceis para a população e para a democracia (OXHORN; DUCATENZEILER, 1999). Noam Chomsky, em vídeo de entrevista sobre o neoliberalismo, conta que ocorreu uma mudança importante na esfera global nos anos 1970. A economia mundial muda daquilo que algumas pessoas chamam de “capitalismo regimentado” (*regimented capitalism*) dos anos 1950 e 1960 (um período de grande crescimento igualitário, segundo o autor) para a entrada do neoliberalismo – era na qual se vive até hoje; por isso, o pensamento de década perdida a partir de 1980 na América Latina, defendido por esses autores (CHOMSKY, 2017)<sup>4</sup>. Oxhorn e Ducatenzeiler abordam que a seriedade dessa situação fez com que os criadores de políticas econômicas na América latina entrassem em quase consenso sobre novas medidas a serem tomadas:

Esse consenso político, cujas prescrições vão além da América Latina para incluir outras áreas em desenvolvimento e o antigo bloco Soviético, enfatizam a necessidade de políticas econômicas mais pragmáticas de liberalização do comércio e de privatização das economias nacionais com um papel limitado para o estado (WORLD BLANK, 1990; WILLIAMSON, 1990; 1993; apud OXHORN; DUCATENZEILER, 1999).

---

<sup>4</sup> CHOMSKY, Noam. 2017. Noam Chomsky: neoliberalism is destroying our democracy. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tBzSLu3MZ6I&t=109s>>. Acesso em: 17 dez. 2018.

Foi consolidado então esse modelo com ênfase no livre mercado, privatização de indústrias estatais e a redução do papel do Estado, ou seja, um modelo com políticas que fazem parte da ideologia neoliberal. É importante ressaltar que, em grande parte das populações latinas que sofreram essas mudanças econômicas na década de 1980, as novas políticas foram implementadas por governos autoritários e não democráticos, muitas vezes pela chamada doutrina do choque já explicada acima. Oxhorn (2004, p. 10) reflete sobre esse pensamento dizendo: “[m]esmo se a democracia fosse realmente consolidada, nós precisaríamos questionar qual o tipo de democracia está sendo consolidada”. Essa reflexão, sobre o modo de democracia que vem sendo consolidado, é também exposta no livro *Mídia: propaganda política e manipulação*, de Noam Chomsky. Chomsky explica que alguns teóricos, como Walter Lipmann, por exemplo, acreditam que a democracia esteja ligada ao fato de que interesses políticos escapam da mão da opinião pública e precisam ser administrados por uma parcela da população mais entendida sobre esse assunto – parcela esta que guiaria o restante dos cidadãos (chamados por Lipmann de rebanho desorientado). Chomsky cita que esses ideais acreditados por esses teóricos e adotadas pela nova direita (e que é o que realmente acontece hoje) acabam por transferir todo o poder de decisão sobre a administração do sistema político, ideológico e econômico para uma pequena parcela da população. Ele afirma:

Existem duas “funções” numa democracia: a classe especializada, os homens responsáveis, assume a função executiva, o que significa que eles pensam, planejam e compreendem os interesses de todos. Depois, temos o rebanho desorientado, e ele também tem função na democracia. Sua função na democracia, dizia ele, é a de “espectador”, e não de participante da ação (CHOMSKY, 2013, p. 17).

Segundo Chomsky (2013), esse rebanho desorientado só precisa ser distraído. O autor explica que é necessário algo que domestique esse rebanho, e aí entra a produção do consenso. Os construtores do consenso,

como explica o autor, são as pessoas que têm o poder para desorientar e distrair esse rebanho e que dispõem de recursos para isso: a comunidade dos negócios. É para ela que todo o resto do rebanho desorientado trabalha (CHOMSKY, 2013, p. 30). No caso neoliberal, o consenso de que esta seria a política econômica ideal ocorreu de uma forma um pouco diferente. Mark Fisher (2013, s.p.), importante teórico britânico sobre o neoliberalismo, coloca:

Não está claro, de modo algum, que o público tenha alguma vez abraçado doutrinas neoliberais com muito entusiasmo – mas as pessoas foram persuadidas da ideia de que não há alternativa ao neoliberalismo. A aceitação (tipicamente relutante) deste estado de coisas é a marca do *realismo capitalista*. O neoliberalismo pode não ter tido sucesso em se fazer mais atrativo do que outros sistemas, mas conseguiu se vender como o único modo “realista” de governo. “Realismo”, nesse sentido, é uma conquista política; o neoliberalismo teve sucesso em impor um modelo de realidade modelado sobre práticas e premissas vindas do mundo dos negócios.

O realismo capitalista é o que faz a população acreditar que não existe uma alternativa à consolidação do neoliberalismo como sistema econômico vigente; ele é vendido (imposto) à população pela classe que produz o consenso (FISHER, 2013, s.p.), classe chamada por Chomsky de comunidade dos negócios, como exposto acima. Esse sistema neoliberal, definido por Fisher como uma ideologia que prometia tirar a todos do socialismo burocrático, impõe a sua própria burocracia. Fisher declara que, assim como o capitalismo enfrenta uma crise acentuada desde 2008 (abordada mais adiante no texto), o neoliberalismo também vem caindo aos pedaços: “[s]egue agora cambaleando como um zumbi – mas como os fãs de filmes de zumbis sabem muito bem, às vezes é mais difícil matar um zumbi do que uma pessoa viva” (FISHER, 2013, s.p.). Essa ideologia – que, apesar de cambalear como um zumbi, para escritores como Fisher –, crescente desde a década de 1970, é definida por Mbembe, teórico camaronês, como:

A época ao longo da qual o tempo curto se presta a ser convertido em força reprodutiva da forma-dinheiro. Tendo o capital atingido seu ponto de fuga máximo, engrenou-se a um movimento de escalada, baseado na visão segundo a qual “a todos os acontecimentos e todas as situações do mundo da vida (pode) ser atribuído um valor no mercado”. Esse movimento também se caracteriza tanto pela produção da indiferença, a paranoica codificação da vida social em normas, categorias e números, quanto por diversas operações de abstração que pretendem racionalizar o mundo a partir de lógicas empresariais (MBEMBE, 2018, p. 15).

Após a crise de 2008, é notável o ressurgimento dessas ideias neoliberais, como as implantadas por meio do choque nos anos 1970, com grande força: o que antes era farsa viria a se tornar tragédia. A defesa pela propriedade privada, a liberdade de mercado pelos ideais do indivíduo (indivíduo como empresa) e a rejeição dos direitistas pelos programas sociais do governo Obama nos EUA são exemplos disso. Obama foi eleito em 2009 e é do Partido Democrata. Atualmente, o pensamento neoliberal nos EUA ganha maior espaço na presidência com a eleição de Donald Trump, apesar de nunca a ter deixado e se encontrar presente também em medidas tomadas por Obama. O neoliberalismo é mais claro quando um empresário republicano toma o poder. Isso causa consequências mundiais, que se refletiram até o momento principalmente em questões como o tratamento aos estrangeiros dentro dos EUA, os conflitos no Oriente Médio, assim como questões econômicas e bélicas.

Oxhorn, em um estudo de 2004, denomina como neopluralismo o que, segundo ele, seria uma das características da democracia na América Latina hoje, sendo também causa da falta de cuidados na cidadania e questões sociais e democráticas. Neopluralismo, segundo o autor, é:

Um padrão de incorporação política centrado no mercado associado com o corporativismo e o estado desenvolvimentista que dominaram a região nos anos 70 e é hermeticamente associado com políticas econômicas neoliberais atuais dando ênfase ao livre comércio, livre mercado, e o papel mínimo para o estado tanto na economia quanto na sociedade (OXHORN, 2004, p. 29).

Segundo Oxhorn, a lógica do neopluralismo, reforçada pela reforma econômica baseada no mercado, permeia sistemas políticos inteiros em variadas maneiras: “[o]s recursos econômicos pessoais de um indivíduo determinam enormemente a extensão e natureza de sua inclusão social e política” (OXHORN, 2004 p. 30). Segundo o autor, eles também afetam a qualidade de educação, saúde e proteção que o indivíduo possui.

A aplicação de uma nova economia de mercado, tão repentinamente e com o uso do choque (nesse caso, o neoliberalismo ou *neopluralismo*), faz com que a população perca sua noção de identidade e pertencimento (HALL, 2016, p. 21). Stuart Hall explana que esses sentidos, que seriam perdidos com a doutrina neoliberal sendo colocada em prática à força, “também regulam e organizam nossas práticas e condutas: auxiliam-no estabelecimento de normas e convenções segundo as quais a vida em sociedade é ordenada e administrada” (HALL, 2016, p. 22), e a sua falta pode gerar uma crise de identidade, outra forma de choque, como os abordados por Klein.

## **1.2 Contexto histórico no Brasil e nova direita brasileira**

Apesar de, como citado por Oxhorn, ser quase um clichê falar da década de 1980 como a época perdida da América Latina e, também, dos choques terem começado já na Ditadura do Chile em 1973, o Brasil teve a implantação do neoliberalismo um pouco mais tardia. É preciso compreender que essa implantação ocorre devido às estratégias de organização burguesa e de aparelhos privados de hegemonia (CASIMIRO, 2018). O processo de reorganização da burguesia no Brasil ocorre, segundo Casimiro (2018, p. 17), principalmente durante o processo de redemocratização do Brasil, entre 1980 e 2014 e “teve como sustentáculo fundamental a estruturação de uma multiplicidade de aparelhos privados de hegemonia formuladores de projetos de poder e difusores de ideologia de mercado” (CASIMIRO, 2018, p. 17). Uma das justificativas para a escolha do corpus desta pesquisa é justamente compreender o MBL como parte dessa

estruturação e estudar como ele age criando e propagando uma imagem de sua oposição (do Outro) a partir de seu nascimento em 2014. Segundo Casimiro (2018, p. 19),

Essa representação política não partidária dos segmentos da direita liberal-conservadora, atualizada, militando e muitas vezes, truculenta na defesa de seus pressupostos e de sua atuação política, configura-se, portanto, como um processo gestado e em curso a partir da redemocratização, com o surgimento dessa estratégia de organização que se materializa por meio dos aparelhos da burguesia, porém integra crescentemente o próprio Estado. Isso vem ganhando projeção tanto de forma deliberada quanto inconsciente, pela instrumentalização e objetivação de seus projetos e pela reprodução social de seus valores nos mais variados meios, tomando amplitude, intensidade e radicalizando seu discurso ao longo do tempo.

Na época de Reagan no poder, quando a ideologia neoliberal começou a se expandir nas Américas e em alguns outros países em desenvolvimento, estiveram no governo do Brasil os presidentes João Figueiredo e Jose Sarney. Após o mandato de Sarney, o país sofreu conturbações políticas acentuadas, como as famosas manifestações contra o governo Collor. O então presidente Collor foi substituído por Itamar Franco por meio de um *impeachment*, e Itamar sucedido por Fernando Henrique Cardoso. No Governo FHC, ocorreram as maiores privatizações que o país já enfrentou, incluindo a privatização da Telebras e da Vale do Rio Doce, empresas de telefonia e de mineração respectivamente. Foi o último governo antes da entrada do PT, com Lula em 2003, no que pode ser categorizado como o neoliberalismo progressista no Brasil. Ou seja, o neoliberalismo progressista brasileiro tem seu auge a partir dos anos 1990.

Segundo Leo Maar (2016), a luta de classes no Brasil é resultado do processo de decantação histórica, e aparece na disputa entre público e privado. Contudo, o público não é sempre identificável como popular – no sentido de direitos universais –, e o privado não significa controle de objetivos particulares diferentes dos fins da sociedade (LEO MAAR, 2016, p. 225). Leo Maar (2016, p. 225) prossegue: “[e]sses deslocamentos são

politicamente determinados precisamente no estado da luta de classes concreta, medida pela socialização capitalista vigente”. Há dicotomias presentes na política brasileira: esquerda *versus* direita, privado *versus* público – além de outros termos importantes a serem discutidos, como o lulismo, o pmdbismo e o antipetismo. A presença do MBL, a partir de 2014, vem a intensificar ainda mais essas situações, juntando-se a toda formação já existente na política nacional em relação a essas colocações, e ganhando espaço.

Trazendo a discussão do contexto histórico brasileiro para um momento mais recente, tem de ser discutida a época em que ocorre o surgimento do MBL. O grupo nasce no YouTube e em demais redes sociais em 2014, mas já estava sendo gestado desde 2013. Nogueira resume muito bem as manifestações que deram início a esses movimentos, como o MBL, quando cita:

O estopim foi o combate ao aumento dos bilhetes de metrô ônibus urbano na cidade de São Paulo e em outras capitais. Impulsionados pelas redes sociais, os protestos logo se estenderam, diversificaram sua agenda e passaram a incluir reivindicações por melhores escolas, saúde pública de qualidade, maior eficácia governamental e menos corrupção na política (NOGUEIRA, 2013, p. 31).

Após esse começo multifacetado das manifestações de 2013, diferenças ideológicas começaram a transparecer, e a dicotomia entre direita e esquerda cresceu nos movimentos que estavam se formando. Essa polarização, que alcançou muitos jovens presentes nos manifestos, causou em muitos deles uma escolha entre ideologias, desenvolvendo-se até as eleições de 2014.

Porém, nesse embate, os extremos se confrontaram. A esquerda, representada por militantes de partidos políticos como PSTU, PSOL e o próprio PT, e a direita, que se declarava apartidária, entraram em um conflito de interesses. Ouviam-se gritos lado a lado de “Fora, Dilma” e “Fora, Alckmin” e, logo após, vaias de ambos os lados. A união pela causa do passe livre rapidamente se desfez, e as pessoas começaram a declarar suas próprias bandeiras. Passaram

a dizer que não era pelos 20 centavos<sup>3</sup> que aconteciam os protestos, mas pela total insatisfação com a política e a sua representatividade no Estado (BRUGNAGO; CHAIA, 2015, p. 104).

Na época, Fernando Haddad era prefeito da cidade de São Paulo pelo PT. Haddad decidiu tomar uma posição mais neutra em relação às manifestações, apoiando-as, porém, criticando as depredações à cidade. Criticou a violência da polícia militar, que estava sob o comando de Geraldo Alckmin (PSDB). Apesar de seus comentários mais neutros em relação aos de Alckmin, Haddad também sofreu manifestos em frente à prefeitura da cidade (BRUGNAGO; CHAIA, 2015). Nessa parte dos acontecimentos, a dicotomia esquerda *versus* direita já está presente e clara. Marina Amaral, jornalista e pesquisadora da nova direita no Brasil, cita:

Depois que os protestos contra a alta nas tarifas de ônibus e metrô tomaram o país, em junho de 2013, uma juventude que não costumava se manifestar nas ruas começou a aparecer nos jornais. Os novos integrantes, logo apelidados de “coxinhas” pela juventude da esquerda, repudiavam as bandeiras vermelhas a pretexto de impedir a “partidarização” do movimento, e assumiam o verde-amarelo de “todos os brasileiros” (AMARAL, 2016, p. 49).

Um dos aspectos favoráveis ao desenvolvimento do MBL após essas manifestações foi o fato de elas serem multicêntricas e sem liderança definida: “[a]s manifestações foram dispersas e multicêntricas, refratárias a lideranças fixas e sem maior dimensão organizacional. Sua forma explosiva, espasmódica e reticular anunciou a hipermodernidade das ruas” (NOGUEIRA, 2013, p. 32). Isso resulta numa posição tomada por grupos de direita sobre o vácuo deixado pelos esquerdistas durante e após 2013:

Grupos como “Vem pra Rua”, “Movimento Brasil Livre” e “Revoltados Online” lideraram todos os protestos antigoverno assumindo, literalmente, o vácuo deixado pelos movimentos e partidos de esquerda durante e após as manifestações de 2013. Liderados por jovens de classe média e alta e com alta instrução acadêmica, estes novos movimentos sociais representam com algum grau de precisão o perfil do manifestante dos protestos de 2015: homem, jovem,

branco, classe média, “apartidário” ou “suprapartidário” e com um grau de politização bastante questionável (SCARTEZINI, 2016, p. 190).

Hoje, diante do fascismo eminente e reaparente no Brasil, principalmente com as eleições de 2018 e a ascensão de Bolsonaro, é ainda mais importante destacar o papel de grupos de direita como o MBL – outra justificativa da importância e contemporaneidade desta pesquisa. Em estudo sobre a reemergência da direita brasileira, Luis Felipe Miguel destaca a importância de afirmar que essa direita não é única, e sim plural. Para o autor, não é por acaso que essa crescente visibilidade direitista tenha ocorrido durante os governos do PT, quando a classe política se sentiu prejudicada com transformações sociais e programas voltados às fatias mais pobres e, também, estranhou os novos líderes não fazerem parte de seu círculo social.

Miguel destaca dois fenômenos da direita que os anos do petismo testemunharam: “[o] PSDB entendeu que seu caminho era liderar a direita, e a direita entendeu que havia espaço para radicalizar seu discurso” (MIGUEL, 2017). A direita radical começa, então, a ganhar proeminência no Brasil. Sobre essa emergência de ideias radicais que surge com a nova direita brasileira, o filósofo brasileiro Vladimir Safatle (2012, s.p.)<sup>5</sup> cita: “[é] preferível acreditar que há uma força capaz de ‘colocar tudo em ordem’, mesmo que por meio da violência cega, do que admitir que a vida social não comporta paraísos de condomínio fechado”. O neoliberalismo descrito nessa pesquisa está cada vez mais alinhado ao próprio fascismo e à *altright* – a nova direita alternativa que se propaga entre jovens, jovens predominantemente de classe média, por isso, paraísos de condomínio fechado.

Foi no primeiro turno das eleições de 2018 que Kim Kataguiri, a face do MBL, foi eleito deputado pelo Estado de São Paulo, com apenas 22 anos. Com mais de 465.000 votos, foi o quarto mais votado no estado, o que prova a importância desse assunto e de entender o alcance do movimento.

---

<sup>5</sup> SAFATLE, Vladimir. Escala F. *Folha de São Paulo*. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opinia0/23105-escala-f.shtml>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Em entrevista para a UOL, o líder do MBL aproveitou o momento para reiterar a fala antipetista do grupo, declarando voto útil em Bolsonaro no segundo turno, pois, para ele, Haddad na presidência significaria uma ameaça à democracia: “[n]ão dá pra gente arriscar ter o programa do Haddad, um cenário de totalitarismo assustador”<sup>6</sup>.

Houve o fortalecimento dessa extrema-direita na eleição das bancadas no primeiro turno, e um quase apagamento de partidos como o PSDB e o MDB. Para Safatle, isso significa que o Brasil entrou em uma rota de lógica de extrema-direita internacional:

O Brasil está na rota de uma lógica de extrema-direita internacional na qual você não opera mais no espaço aberto, você opera no espaço obscuro, virtual, utilizando dados da *Cambridge Analytica*, como os caras fizeram, para direcionar mensagens de maneira muito específica, criando esses vídeos... Eu vi os vídeos em que eles misturavam imagens das manifestações com imagens de mulheres profanando símbolos religiosos, imagens feitas para chocar a classe média brasileira. É claro, a esquerda não estava preparada pra isso, ninguém está preparado pra isso. Foi uma lógica de outro tipo de campanha que a gente nunca tinha visto. E uma campanha feita em cima do desprezo do embate no espaço público (SAFATLE, 2018, s.p<sup>7</sup>).

O filósofo acredita que um governo de setores das forças armadas misturado com fundamentalismo evangélico é o pior cenário possível para o Brasil, e é isso que provavelmente o aguarda. Um governo difícil para a esquerda e para a democracia, por isso, é tão necessário compreender suas táticas e aprofundar o pensamento nessas estratégias governamentais que envolvem empresas estrangeiras como a *Cambridge Analytica* (para com Bolsonaro) e a *Atlas Network* (para com o MBL). O uso das redes sociais se tornou fonte de notícias, de informação e uma maneira de percepção de mundo. Controlar as notícias para as quais o usuário tem acesso e

---

<sup>6</sup> BOLSON, Bibiana. Eleito Deputado Federal, Kim Kataguiri declara “voto útil” em Bolsonaro. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/07/eleito-deputado-federal-kim-kataguiri-declara-voto-util-em-bolsonaro.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

<sup>7</sup> SAFATLE, Vladimir. Quando você não acerta suas contas com a história, a história de assombra. 2018. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/11/politica/1539293203\\_367199.html?id\\_externo\\_rsoc=FB\\_BR\\_CM](https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/11/politica/1539293203_367199.html?id_externo_rsoc=FB_BR_CM)>. Acesso em: 05 jan. 2019.

redirecionamento é influenciar a maneira como ele pensará e agirá em momentos como as eleições.

A manipulação não precisa ser feita da mesma maneira para todos os internautas, e nem abertamente. Ela pode ser adequada a nichos, desde que se tenham os seus dados, e é aí que entra o papel das empresas estrangeiras na construção de percepção das pessoas de cada comunidade. O MBL tem inúmeros vídeos, alguns com poucas visualizações perto do número de seguidores do canal. Esses são vistos por quem é mais afetado pelo conteúdo e também baixados e compartilhados em outras redes, como o WhatsApp. Dessa maneira, o sentimento de anticomunismo, antipetismo e antimídia tradicional está sendo perpetuado de acordo com o perfil de cada receptor de conteúdo. É o retorno de uma extrema-direita nacionalista dentro de uma guerra que agora utiliza as redes sociais como arma (chamada por alguns teóricos, como o jornalista brasileiro Pepe Escobar, de guerra híbrida).

### **1.3 Como se dão as relações no neoliberalismo, e o sujeito neoliberal**

É necessária a compreensão de como se dão as relações no neoliberalismo e o comportamento do sujeito neoliberal para que se possa compreender a criação da imagem do MBL por meio das diferenças com o Outro. O grupo precisa do Outro para que sua autodefinição ocorra, e são as relações dentro do neoliberalismo que definem isso.

Em *A ideologia da sociedade industrial*, publicado pela primeira vez em 1964, Herbert Marcuse já refletia sobre a falta de liberdade que viria com a civilização industrial desenvolvida, falta de liberdade esta que se agrava no neoliberalismo. O autor começa o capítulo “As novas formas de controle” indagando uma série de questões sobre o assunto:

Uma falta de liberdade confortável, suave, razoável e democrática prevalece na civilização industrial desenvolvida, um testemunho de progresso técnico. De fato, o que poderia ser mais racional do que a supressão da individualidade na mecanização de desempenhos socialmente necessários, mas penosos; a

concentração de empreendimentos individuais em organizações mais eficazes e mais produtivas; a regulamentação da livre competição entre sujeitos econômicos desigualmente equipados; a redução de prerrogativas e soberanias nacionais que impedem a organização internacional dos recursos? (MARCUSE, 1969, p. 23).

Marcuse já compreendia e questionava a questão do “empreendedor de si mesmo”, que ascenderia com o neoliberalismo a partir da década de 1970 e que ainda se intensifica hoje, mesmo tendo publicado sua obra antes da instauração neoliberal como ideologia reinante. A liberdade de empreendimento, para ele, nunca foi uma vantagem. O autor explica que isso se traduziu em mais labuta para o trabalhador, pois era uma escolha entre a liberdade de trabalhar, ou morrer à míngua (MARCUSE, 1969, p. 24). Para Marcuse (1969, p. 24), “[s]e o indivíduo não mais fosse compelido a se demonstrar no mercado como um sujeito econômico livre, o desaparecimento desse tipo de liberdade seria uma das maiores conquistas da civilização”.

Esta pseudoliberalidade que vem com a questão do empreendimento é, na verdade, uma forma de escravidão. É a libertação do fato de se ter um patrão para tornar-se patrão de si. Assim, essa pseudoliberalidade econômica do neoliberalismo significaria, na verdade, liberdade de ser controlado pelas forças e relações econômicas, liberdade de luta cotidiana pela existência, enquanto a liberdade política significaria “a libertação do indivíduo da política sobre a qual ele não tem controle eficaz algum” (MARCUSE, 1969, p. 15). Marcuse discute também que a forma mais pura de escravidão seria existir como um instrumento. E essa forma de existência não é imposta: a coisa é animada e escolhe seu alimento material e intelectual. (MARCUSE, 1969, p. 49). Ou seja, o indivíduo existe como instrumento ao vender sua força de trabalho no capitalismo, mas o faz de maneira voluntária, pois pode escolher como sobreviverá com o dinheiro ganho.

Trazendo o debate para autores mais contemporâneos, há bastante importância nos debates do filósofo coreano Byung-Chul Han sobre esse

assunto. Han é um autor que trata muito da pós-modernidade e, portanto, dessa sociedade neoliberal. Segundo Han, o neoliberalismo é uma forma mutante de capitalismo que acaba por transformar os trabalhadores em empreendedores:

Não é a revolução comunista que agora está abolindo a classe trabalhadora explorada – ao contrário, o neoliberalismo está em vias de fazê-lo. Hoje, todo mundo é um trabalhador de exploração automática em sua própria empresa. As pessoas são agora mestre e escravo em um. Até mesmo a luta de classes transformou-se em uma luta interior contra si mesmo (HAN, 2017, p. 17)<sup>8</sup>.

O teórico também explica que “[a] livre concorrência, que é baseada na ideia de liberdade individual, simplesmente equivale para a relação do capital para si mesma, como outra forma de capital” (HAN, 2017, p. 30). Han argumenta que o neoliberalismo representa uma maneira eficiente e inteligente de explorar a liberdade dos indivíduos, e que tudo que representa as práticas e expressões da liberdade acaba sendo explorado. Não é eficiente explorar as pessoas contra a vontade, por isso, essa máscara, essa dupla forma da liberdade capitalista. (HAN, 2017, p. 30).

Segundo o autor, agora as formas de produção são imateriais e não-físicas, e elas que determinam o curso do capitalismo:

O que são produzidos não são objetos materiais, mas imateriais – por exemplo, informação e programas. O corpo não representa mais a força central de produção, como fazia anteriormente na sociedade disciplinar e biopolítica. Agora, produtividade não deve ser aumentada pela superação da resistência física mas sim pela otimização do processo psíquico ou mental (HAN, 2017, p. 30).

Por isso, é cada vez mais difícil vender a força de trabalho, mas ainda é possível escolher o que fazer com o produto dela; ou seja, a condição dentro da análise marcusiana continua sendo voluntária, uma pseudoliberdade. Não se sobrevive sem vender a força de trabalho, mas para mim estou vendendo-a porque quero, como quero e para quem eu quiser.

---

<sup>8</sup> Nota bene: todas as citações extraídas do **Psychopolitics: Neoliberalism and new Technologies of power** são de tradução da autora.

O filósofo Mbembe também reflete sobre essas questões. O que seria chamado pelo autor de um novo ser humano, “empreendedor de si mesmo”, é reconfigurado em função do que a época oferece e necessita (MBEMBE, 2018, p. 16). Esse homem-coisa, definido por Mbembe, configura sua conduta de acordo com as normas do mercado: “[c]ondenado à aprendizagem por toda a vida, à flexibilidade, ao reino do curto prazo, deve abraçar sua condição de sujeito solúvel e fungível, a fim de atender a injunção que lhe é constantemente feita – tornar-se um outro” (MBEMBE, 2018, p. 17). O autor prossegue:

Esse novo homem, sujeito do mercado e da dívida, vê-se a si mesmo como um mero produto do acaso. Essa espécie de “forma abstrata já pronta”, como diz Hegel, capaz de se vestir de todos os conteúdos, é típica da civilização da imagem e das novas relações que ela estabelece entre os fatos e as ficções (MBEMBE, 2018, p. 16).

Para Mbembe, já não existem mais trabalhadores, mas sim nômades do trabalho. O autor cita que o drama, que antigamente era ser explorado pelo capital, hoje é não pode ser explorado de modo algum e ser relegado ao que ele chama de “humanidade supérflua”, sem utilidade para o capitalismo (MBEMBE, 2018, p. 15). É preciso ser capaz de se vestir de todos os conteúdos, pois, como coloca Han, o corpo não é mais a posição central de produção. A produção existe sem o homem, o indivíduo precisa vender novas forças de trabalho, aprender a ter diversas funções dentro do capitalismo, pois elas estão sumindo uma a uma.

Por que então não questionar o sistema e deixar de ser um nômade do trabalho? Marcuse explica essa concordância como uma comodidade: “[s]e os indivíduos estão satisfeitos a ponto de se sentirem felizes com as mercadorias e os serviços que lhes são entregues pela administração, por que deveriam eles insistir em instituições diferentes para a produção diferente de mercadorias e serviços diferentes?” (MARCUSE, 1969, p. 63). E também reflete que o indivíduo está condicionado além do consumo de mercadorias a ter também pensamentos, sentimentos e aspirações pré-

programadas, que o livram de ter de pensar, desejar e sentir por si mesmo (MARCUSE, 1969, p. 63).

Um dos jornalistas mais importantes na discussão do neoliberalismo atualmente, George Monbiot, inicia o artigo “Neoliberalismo, a ideologia na raiz dos nossos problemas”, publicado no *The Guardian*, propondo a seguinte questão: e se a população da antiga União Soviética vivesse seus dias sem saber o que é comunismo? Segundo o jornalista, a ideologia que reina sobre o planeta neste momento não tem nome para a maioria das pessoas, isto é, a população não sabe o que significa neoliberalismo. Esse anonimato, segundo o autor, é sinônimo e causa de seu poder:

O neoliberalismo tornou-se tão penetrante que raramente o reconhecemos sequer como ideologia. Parecemos aceitar a proposição de que essa fé utópica e milenar descreve uma força neutra; uma espécie de lei biológica, como a teoria da evolução de Darwin. Mas essa filosofia surgiu como a tentativa consciente de remodelar a vida humana e mudar o *locus* do poder (MONBIOT, 2016, s.p.).

As relações dentro do neoliberalismo são definidas pela competição, a qual define, segundo Monbiot, o cidadão como consumidor, e suas escolhas democráticas são exercidas no ato de comprar e vender. Esse exercício é visto como uma recompensa ao mérito do cidadão trabalhador que possui o dinheiro para comprar e uma punição à ineficiência dos que não trabalham.

O neoliberalismo faz com que crenças como meritocracia e a definição do sujeito social pelo trabalho sejam enraizadas dentro dos pensamentos. Ricos começam a acreditar que conseguiram todo seu poder por mérito e ignoram a herança familiar ou os privilégios como estudo particular e boa alimentação e qualidade de vida, e pobres passam a se definir como fracassados, mesmo que tenham nascido sem qualquer assistência para conseguirem empregos ou remunerações boas futuramente, muitas vezes não tendo acesso à educação e à boa alimentação:

Esqueça o desemprego estrutural: se você não tem trabalho é porque não é empreendedor. Esqueça os custos impossíveis da moradia: se seu cartão de

crédito está no limite, você é imprudente e imprevidente. Esqueça que seus filhos não têm mais uma quadra de esportes na escola: se ficam gordos, é falha sua. Num mundo governado pela competição, aqueles que ficam para trás passam a ser definidos e a se autodefinir como fracassados (MONBIOT, 2016, s.p.).

Essa caracterização do neoliberalismo pelo jornalista George Monbiot, sobre as crenças implantadas no pensamento do indivíduo que vive na sociedade neoliberal, conversa com os pensamentos de Maurílio Lima Botelho, mais abordadas no próximo capítulo, sobre o sujeito e o trabalho na sociedade neoliberal:

Para o radicalismo de mercado, essa condição estrutural não decorria de um processo social objetivo, mas do fracasso pessoal daqueles que, sustentados pelo governo, não conseguiram autonomia econômica. Isso suscitou gradualmente o ressentimento de que aqueles que trabalhavam, “investiam” numa carreira ou sacrificavam suas vidas na tortura do emprego estavam sendo ludibriados (BOTELHO, 2018, p. 122).

Concretizam-se ainda mais a fé na meritocracia e o pensamento de que a classe média sustenta aqueles que não conseguem um desenvolvimento bom o bastante para o capital dentro do mercado de trabalho. Além desse preconceito formado sobre aqueles que não são mais úteis no capitalismo e fazem parte desse desemprego estrutural, a sociedade neoliberal também causa seu distanciamento da realidade social: “[n]a sociedade neoliberal do capitalismo financeiro, embora sejam resultantes da dominação dessa realidade social específica, os homens são, simultaneamente, vítimas de um processo efetivo de distanciamento da realidade social” (LEO MAAR, 2016 p. 222). Sobre o processo de privatização, incentivado pela sociedade neoliberal, Leo Maar (2016, p. 222) explica que

Em primeiro lugar, o processo de privatização das estruturas estatais impõe a realização privada da satisfação de suas necessidades, como benefícios que não se convertem em direitos, demonstrando assim haver uma redução de sua inserção social pública e coletiva. E, em segundo lugar, o que chama-se de opinião pública é gerada dentro dessa esfera de plano de iniciativas privadas e

oligarquias em uma esfera pública guiada pelas redes e pela mídia, controladas por essas mesmas empresas. A inserção na realidade social no âmbito de tal esfera pública erigida em conformidade com interesses privados concentradores, resulta efetivamente na construção do distanciamento da realidade social. As consequências imediatas dessa situação formam uma subjetividade restrita aos indivíduos isolados, incapazes de apreensão adequada de sua inserção social e, por isso, submetidos pelo próprio processo do qual são, a rigor, em vez de sujeitos, mera engrenagem reprodutora e desprovida de fins próprios para além do objetivo da acumulação.

Portanto, como destacados pelo autor, há dois processos dentro dessa sociedade neoliberal que precisam ser destacados e compreendidos pelo “rebanho desorientado”: a privatização – que acarreta o pensamento segundo o qual a satisfação das necessidades não seja mais papel do Estado, e sim uma realização privada, impondo uma redução na inserção social do indivíduo – e o fato de que a opinião pública é gerada dentro dessa esfera de iniciativas privadas e oligárquicas, sendo guiada pela mídia, também inserida nisso.

#### **1.4 Sobre o MBL**

É nesse ambiente político analisado que surgem novos grupos neoliberais na América Latina, dentre os quais o MBL (Movimento Brasil Livre). No Brasil, isso ocorre a partir de 2013 com a leva de manifestações. Em novembro de 2014, entra em cena o que se tornaria o movimento de direita de maior influência e abrangência, principalmente entre os jovens no país: um MBL já estruturado nas redes sociais.

O MBL dessa época tem como seus principais líderes os jovens Kim Kataguiri, Fernando Holiday e Renan Santos, sendo entre eles Kataguiri o mais popular e espécie de face do movimento. Depois, surgem novas figuras dentro do movimento, como Arthur do Val, conhecido como Mamãe falei (nome de seu canal do YouTube). O grupo ganhou visibilidade na internet e conta com mais de 2 milhões 860 mil curtidas no Facebook e mais de 728.998 inscrições em seu canal do YouTube, com 1,1 milhão de

visualizações em seu vídeo mais visto<sup>9</sup>. No Facebook do MBL, o movimento se define como “uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera” (MBL, 2014, s.p.) e marca seu início como 01 de novembro de 2014.

O MBL alcançou sua notoriedade internacional por meio de matérias, publicadas principalmente no meio *online*. Em 2018, Kim Kataguiri ganhou página inteira na revista do Jornal *Le Monde*, da França, a “Revista M”. O jovem foi descrito pela revista, em matéria da jornalista Claire Gatinois, como “o novo rosto da direita linha-dura no Brasil” (*le visage juvénile de la droite dure au Brésil*)<sup>10</sup> e foi criticado por seus ataques ao ex-presidente Lula: “[o] estudante de economia, quem segue somente a escola de Chicago (fundada por Milton Friedman), odeia tudo que Lula representa: uma esquerda que, segundo ele, faz o papel de assistente social e bloqueia a evolução do Mercado” (GATINOIS, 2018, s.p.). A revista ainda menciona que, após o processo de *impeachment*, o movimento se manteve mais discreto nas manifestações, pois a corrupção continua no Brasil, e do novo presidente eles não ousaram reclamar:

Uma vez que a presidente da esquerda foi retirada, o MBL se fez mais discreto. Os escândalos de corrupção ainda atormentam parlamentares, ministros e até mesmo o chefe de Estado Michel Temer, mas o movimento parece envergonhado de criticar a equipe agora liberal (GATINOIS, 2018, s.p.).

Para ganhar essa repercussão, o grupo é, sobretudo, uma marca. Com logo, *site* oficial, redes sociais, loja de produtos e uma infinidade de seguidores, essa marca-movimento é comparável com o que foi criado por Donald Trump nos EUA:

A ascensão das supermarcas, como a que Trump construiu em torno de sua prepotente persona, tem raízes em uma única e aparentemente inócua ideia

---

<sup>9</sup> Dados numéricos coletados no dia 03 out. de 2018.

<sup>10</sup> GATINOIS, Claire. *Le visage juvénile de la droite dure au Brésil*. Disponível em: <[http://www.lemonde.fr/m-actu/article/2018/04/18/kim-kataguiri-le-visage-juvenile-de-la-droite-dure-au-bresil\\_5286915\\_4497186.html](http://www.lemonde.fr/m-actu/article/2018/04/18/kim-kataguiri-le-visage-juvenile-de-la-droite-dure-au-bresil_5286915_4497186.html)>. Acesso em: 16 dez. 2018. As citações são de tradução da autora.

desenvolvidos por teóricos da administração em meados dos anos 1980, a ideia de que para ter sucesso, as corporações precisam em primeiro lugar produzir marcas em vez de produtos (KLEIN, 2017, p. 34).

Além de suas redes sociais (YouTube, Facebook, Twitter), o grupo conta com um *site* oficial, o [mbl.org.br](http://mbl.org.br). Neste, encontram-se as abas *home*, propostas do MBL, contribua, podcast, café com MBL e Não vai ter Golpe.

A aba “Home” é a abertura do *site*, e nela ficam disponíveis uma imagem de manifestação convidando o internauta a contribuir mensalmente; vídeos institucionais do MBL, um flyer virtual da loja *online* e as redes sociais do movimento. Na aba “Propostas do MBL”, são expostas as propostas de políticas públicas do movimento para o país, as quais são abordadas adiante nesta pesquisa. A aba “Contribua” é onde ficam disponíveis os planos mensais para ser um contribuinte do MBL, os quais são: Agente da CIA R\$ 30,00/mês, que dá ao contribuinte o direito a 10% de desconto da loja *online* e 25% de desconto no congresso do MBL; Irmãos Koch R\$ 100,00/mês, que dá ao contribuinte o direito a 15% de desconto na loja e congresso do MBL; Mão invisível R\$ 250,00 mês, que dá o direito a 20% de desconto na loja *online*; Congresso MBL, e evento exclusivo; Exterminador de pelegos R\$ 500,00/mês, recebendo o direito a 25% de desconto na loja *online*, Congresso MBL, convite para evento exclusivo e kit anual de produtos; e, por fim, Rolo Compressor R\$ 1000,00/mês, que dá direito a 30% de desconto na loja *online*; Congresso MBL, convite para evento exclusivo, kit anual de produtos e jantar com os líderes do MBL. O internauta ainda pode optar por realizar uma doação única de R\$ 50,00, R\$ 150,00, R\$ 300,00, R\$ 750 ou R\$ 1500,00.

É importante analisar que, para ser um contribuinte mensal do MBL, é necessário ter uma renda maior do que a maioria dos brasileiros, visto que o valor mínimo é de R\$ 50,00. Dados divulgados pelo IBGE, e retirados de matéria<sup>11</sup> da revista *Piauí*, apontam que

---

11 LUPA. Pnad Contínua: cinco verdades sobre a renda dos brasileiros em 2017. *Piauí*, 13 abr. 2018. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/04/13/cinco-verdades-renda-brasil/>>. Acesso em: 19 dez. 2018.

A Pnad/C mostrou que, em 2017, 1% da população brasileira teve rendimento mensal médio de mais de R\$ 27 mil. Enquanto isso, 50% dos brasileiros receberam uma média de R\$ 754 por mês. A diferença foi ainda mais acentuada na região Nordeste, onde a razão entre esses dois valores superou a média nacional de 36 vezes. Nessa região, foi de 44,9 vezes (LUPA, 2018, s.p.).

Dentro desses 50% de brasileiros, que receberam uma média de R\$ 754,00 por mês, R\$ 50,00 (colaboração mensal mínima) equivale a mais de 6% do salário. A colaboração de R\$ 1000 não seria nem possível. A distinção social do participante do MBL já começa a partir da colaboração.

Um dos vídeos escolhidos para análise desta pesquisa, publicado em 31 de julho de 2015, tem como título “Financie o Movimento Brasil Livre”. Nele, aborda-se:

Você gostaria de viver em um país aonde (sic) o dinheiro fica na mão das pessoas, e não dos políticos? Você gostaria de viver num país onde as decisões são tomadas na sua comunidade, e não por burocratas em Brasília? E mais, você gostaria de viver num país onde quem trabalha e produz não é tratado como um criminoso? Eu também! O Brasil Livre é uma rede colaborativa presente em mais de 120 cidades e 20 estados, fazendo a diferença na luta contra ideologias que nos impedem de crescer e de prosperar. A queda de Dilma Rousseff é apenas o primeiro passo na direção desse Brasil que queremos, e essa mudança é responsabilidade de todos nós. Se você concorda conosco, contribua. Derrotar um governo corrupto custa caro, e nós não temos a Petrobras pra nos financiar. Entre em nosso site, conheça um pouco do nosso trabalho e clique no link para doação. Nós contamos com você (FINANCIE o movimento, 2015).

No vídeo, o MBL é apresentado como uma rede colaborativa que luta contra ideologias que impedem o crescimento e a prosperidade. A desculpa para o pedido de financiamento é “derrotar um governo corrupto custa caro, e nós não temos a Petrobrás pra nos financiar”, pressupondo que o governo do PT, este governo corrupto ao qual o MBL se refere, seria financiado pela Petrobrás. O membro do movimento que fala no vídeo é Renan Santos, o mais velho. As imagens escolhidas para ilustrar o pedido são as manifestações, destacando as cores verde e amarela e a caminhada do MBL

até Brasília, sobrepostas por *prints* de notícias internacionais falando sobre as manifestações no Brasil. As imagens atuam para o MBL, nesse caso, como prova de que pode ser depositada credibilidade na fala do movimento.

Voltando à análise do *site*, a “Loja”, acessível por um banner na lateral do site, é onde ficam disponíveis os produtos do MBL. Podem ser adquiridos, por exemplo, camisetas, meias, gorros, acessórios de academia, entre outros. Algo a se observar na loja do movimento são as camisetas voltadas à crítica do Outro, como a camiseta intitulada “O Lula tá preso, babaca”. Outro fator que se destaca são os preços dos produtos; eles custam em média R\$ 50,00. Voltando à questão da escala social formada com a colaboração mensal em um grupo como o MBL, o mesmo se aplica ao consumo dos produtos da loja. Baudrillard (1995, p. 18) cita que “os estratos sociais são aí simplesmente indexados a partir de um balanço dos objetos”. E isso é possível, segundo o autor, pois vive-se numa sociedade onde o poder de compra acaba por recortar as classes com nitidez (BAUDRILLARD, 1995, p. 18). Consumir os objetos do MBL, assim como contribuir mensalmente com a marca, exige poder de compra e acaba por causar um recorte social.

Na aba “podcast”, fica disponível o podcast do MBL, o MBLcast, em diferentes plataformas, para escolha do internauta. Na aba Café com MBL fica disponível outro podcast do movimento, o Café com MBL, também em diferentes plataformas (este seria mais um informativo, que vai ao ar de segunda à sexta-feira). E, por último, na aba “Não vai ter Golpe”, está disponível um link que redireciona o internauta para o Prime Video (plataforma de streaming) onde está disponível o documentário lançado pelo MBL, de título Não vai ter Golpe, sobre a queda de Dilma Rousseff.

Sobre a formação do MBL, cabe agora uma análise mais apurada. Uma vez que o MBL foi formado em 2014, após a principal onda de manifestações (2013), para o auxílio de análise do público que formou o movimento, segue abaixo uma tabela citada e estudada por André Singer em seu artigo “Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas” sobre o público presente nos atos:

## Quadro da idade dos manifestantes

QUADRO I  
Idade dos manifestantes

Faixas	São Paulo 17/06	São Paulo 20/06	Rio de Janeiro 20/06	Oito capitais 20/06	Belo Horizonte 22/06
Mais jovens	53% (12 a 25)	51% (12 a 25)	41% (15 a 24)	43% (14 a 24)	55% (Até 25)
Idade intermediária	35% (26 a 35)	31% (26 a 35)	39% (25 a 34)	38% (25 a 39)	29% (26 a 39)
Mais velhos	12% (acima de 36)	19% (acima de 36)	20% (acima de 35)	19% (acima de 40)	17% (Acima de 40)
<b>Total</b>	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: Para São Paulo, Datafolha. Para Rio de Janeiro, Plus Marketing. Para oito capitais, Ibope. Para Belo Horizonte, Innovare.

**Fonte:** Singer (2013, p. 28).

Nota-se a formação dos integrantes das manifestações sendo majoritariamente de jovens de 12 a 25 anos, ultrapassando 41% do total em todos os cinco dias analisados e 50% do total em 3 dias. Esses dados contribuem para a credibilidade da fala de que o MBL é um movimento formado por jovens. Agora, sobre a formação econômica e social do movimento, pode-se levar em conta ainda a análise de Singer sobre a composição social dos acontecimentos de junho:

Houve dois pontos de vista sobre a composição social dos acontecimentos de junho. O primeiro identificou neles uma extração predominante de classe média, enquanto o segundo tendeu a enxergar uma forte presença do precariado: “a massa formada por trabalhadores desqualificados e semiqualeificados que entram e saem rapidamente do mercado de trabalho”. Analisando as pesquisas disponíveis, gostaria de sugerir uma terceira hipótese: a de que elas possam ter sido simultaneamente as duas coisas, a saber, tanto expressão de uma classe média tradicional inconformada com diferentes aspectos da realidade nacional quanto um reflexo daquilo que prefiro denominar de novo proletariado, mas cujas características se aproximam, no caso, daquelas atribuídas ao

precariado pelos autores que preferem tal denominação: trata-se dos trabalhadores, em geral jovens, que conseguiram emprego com carteira assinada na década lulista (2003-2013), mas que padecem com baixa remuneração, alta rotatividade e más condições de trabalho (SINGER, 2013, p. 27).

Sendo assim, como o MBL é um movimento que surgiu principalmente após os acontecimentos de junho, sua formação também é, em partes, por essa composição mista de trabalhadores que entram e saem rapidamente do mercado de trabalho, desgostosos com a década lulista e a classe média:

A direita buscou tingir as manifestações de um sentimento anticorrupção. Convém lembrar que, no Brasil, essa é sempre a arma favorita da oposição, e o objetivo quase único da direita, nesta quadra, é opor-se ao governo federal, tirando o PT do poder e, se puder, impedindo-o para sempre de voltar. Como a corrupção é um fluxo de transações indevidas entre os bens públicos e os interesses privados, os governos, enquanto gestores da riqueza coletiva, estão constantemente no centro das denúncias. Acrescente-se que o chamado mensalão, cujo julgamento, amplamente televisionado, ocorrerá seis meses antes da explosão, pode ter tido efeito sobre os acontecimentos de junho, mobilizando uma fração que viu no chamado do MPL para ir às ruas a oportunidade de colocar em pauta um assunto profundamente entalado na garganta (SINGER, 2013, p. 35).

Segundo o autor, a vantagem dessa bandeira levantada contra a corrupção é que ela penetra em todas as camadas mais facilmente, pois ninguém se coloca a favor dos corruptos (SINGER, 2013). Desse modo, o MBL utiliza-se disso também como técnica de prospecção de seguidores e apoiadores, conseguindo espalhar ainda mais a ideia anti-Dilma e anti-PT, que será melhor analisada no capítulo sobre o Outro.

Nessa pesquisa, destacam-se dois nomes do MBL dentro dos 18 vídeos da análise, o de Fernando Holiday e o de Kim Kataguirí. Por conta disso, cabe aqui uma pequena análise da imagem desses jovens dentro do movimento. Marina Amaral (2016, p. 51) cita:

Ao contrário dos diretores do EPL, como Torres e Fábio Ostermann, um cientista político gaúcho que assessora o também jovem deputado estadual Marcel van Hatten (PP-RS), Kim não havia feito os cursos de formação de lideranças promovidos pela Atlas. Também não era filho de empresários militantes da direita, como o arquiteto Anthony Ling, filho de Willian Ling (dono do grupo Évora, um dos patrocinadores do Instituto Millenium, o principal *think tank* da direita brasileira), e financiador da campanha de Van Hatten. O que interessava aos líderes do EPL era a capacidade de Kataguiiri de atrair os jovens de classe média nas redes, assim como Fernando Holiday, escalado para o papel de “negro contra as cotas para negros” em debates e entrevistas para TV.

Os discursos de Holiday na Câmara serão explorados na análise do trabalho, para que haja a compreensão de como o MBL utiliza a história de Holiday (gay, negro, de origem pobre e nordestina) em favor da defesa das ideias neoliberais. Kataguiiri ganha destaque na pesquisa por sua importância no cenário do movimento; portanto, um de seus discursos também entrou na seleção dos vídeos escolhidos como corpus de análise.

#### 1.4.1 MBL e os *think tanks*

Nem toda manifestação é sobre apoiar os ideais do MBL; muito se dá pelo fato de ele ter se tornado um movimento-marca. Outra parte importante é sobre pertencer a um grupo, impor uma ideologia, o que Naomi Klein chama de “confundir cidadania engajada com fidelidade a uma marca” (KLEIN, 2017 p. 70). A autora prossegue:

Essas marcas pioneiras seguiam um modelo diferente: criar uma ideia ou marca transcendente em torno de sua empresa e usar isso para se conectar com consumidores que partilhem os mesmos valores. Em seguida, cobrar um preço exorbitante por produtos que tem menos a ver com os objetos em si do que com o profundo desejo humano de ser parte de uma tribo, de um círculo de pertencimento (KLEIN, 2017, p. 35).

Como defende Chomsky, os construtores do consenso precisam ter poder para tal construção; logo, é importante questionar o que está por trás do MBL. Seria ele apenas a ponta do iceberg? Como ele é financiado?

O grupo não confirma nenhum patrocínio e nenhuma relação maior com empreiteiras, mas há dezenas de reportagens confirmando sua relação com *think tanks* e empresas estrangeiras.

A formação do MBL deve-se muito a um movimento chamado Estudantes Pela Liberdade, um dos aparelhos privados de ação doutrinária liberal atuante no Brasil (EPL). É uma organização liberal voltada especificamente ao público jovem universitário, definida por Casimiro (2018, p. 394) como “um aparelho privado de hegemonia de orientação neoliberal. Sua atuação pode ser caracterizada pelo recrutamento de jovens universitários para a composição e novos quadros de intelectuais orgânicos da ideologia de mercado”. Casimiro (2018, p. 402) afirma que

Segundo a reportagem de Marina Amaral, o Movimento Brasil Livre (MBL), seria uma marca criada pelo EPL para participar das manifestações de rua sem comprometer as organizações norte-americanas que são impedidas de doar recursos para ativistas políticos pela legislação da receita americana (IRS).

*Think tanks* são instituições que se interessam por pesquisas e propagações de ideias e ideologias políticas, financiando grupos e movimentos, como o MBL. “No contexto contemporâneo, a propagação de concepções conservadoras e liberais destas organizações ecoaram de forma polifônica, à direita do espectro político, a defesa da chamada ‘liberdade’ da sociedade de mercado” (BARBOSA, 2017, p.3). Essa ligação entre o MBL e os *think tanks* ficou mais evidente a partir de 2015, quando o movimento atinge seu auge nas manifestações em março pró-*impeachment* de Dilma Rousseff (AMARAL, 2016, p. 50). Segundo Amaral (2016, p. 50), foi nesta ocasião que a Agência Pública começou a investigar a origem do movimento: “[t]rês meses depois, a reportagem ‘A nova roupa da direita’ comprovaria o laço entre os irmãos Koch<sup>12</sup> e o movimento de Kanguiri”.

---

<sup>12</sup> Os irmãos Koch são “megaempresários americanos do setor petrolífero identificados com a extrema direita e que estariam interessados em desestabilizar o governo Dilma para se apossar do Prê-Sal” (AMARAL, 2016, p. 50).

Segundo matéria<sup>13</sup> escrita por Camila Rocha, disponibilizada no *site* do Le Monde Diplomatique Brasil, a maior parte do financiamento de organizações ultraliberais como o MBL, vem de empresas e *think tanks* estrangeiros:

Contando com pouco financiamento proveniente de empresários nacionais, a maior parte das organizações ultraliberais angaria recursos por meio de editais disponibilizados nos sites de fundações e *think tanks* libertarianos estrangeiros, como as norte-americanas Cato e Atlas<sup>14</sup>, e a alemã Friedrich Naumann, as quais também atuam diretamente no Brasil por meio de diversos programas de treinamento (ROCHA, 2017, s.p.).

O primeiro *think tank* brasileiro foi criado pelo empresário Donald Stewart Jr, em 1983, o Instituto Liberal<sup>15</sup>. O empresário foi membro da sociedade Mont Pélerin e, em sua trajetória, teve iniciativas com o intelectual Alexandro Chaufen, hoje líder da Atlas Network, que tem ligações com o MBL. Outra figura importante na história dos *think tanks* liberais no Brasil é Willian Ling, criador do segundo instituto de opinião pública no Brasil, o Instituto de Estudos Econômicos, e pai de Antony Ling, um dos fundadores do Estudantes pela Liberdade – Brasil (EPL), que mais tarde abriria espaço para a criação do MBL (BARBOSA, 2017). Outra reportagem, de agosto de 2017, publicada pelo *The Intercept Brasil*<sup>16</sup>, aborda mais profundamente a questão dos *think tanks* no país atualmente. Segundo a matéria, escrita pelo jornalista Lee Fang:

---

<sup>13</sup> ROCHA, Camila. Think Tanks ultraliberais e a nova direita brasileira, 2017. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/>>. Acesso em: 14 de dez de 2018.

<sup>14</sup> “A Atlas possui como extensão de suas atividades a Atlas Network, que financia uma rede de think tanks atuantes em vários países da América Latina, da Europa, Ásia e África. Entre elas, a Students for Liberty, organização de origem estadunidense, com atuação e articulação com organizações congêneres em diversos países, com destaque para a atuação em países latino-americanos, como o Brasil” (BARBOSA, 2017, p. 3).

<sup>15</sup> “A organização foi fundada em 1983, por um grupo de empresários de orientação ideológica liberal, com o objetivo inicial de difundir o pensamento liberal entre as elites ‘formadoras de opinião’ no Brasil. Criado como uma instituição sem fins lucrativos, de acordo com seu estatuto, é vedada sua vinculação político-partidária. A partir da posição de seus intelectuais, a atuação do IL seria voltada à pesquisa, produção e divulgação ideológica fundamentada no pensamento liberal” (CASIMIRO, 2018, p. 261).

<sup>16</sup> FANG, Lee. Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino americana, 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

O cenário político do qual surgiu o MBL é uma novidade no Brasil. Havia no máximo três *think tanks* libertários em atividade no país dez anos atrás, segundo Hélio Beltrão, um ex-executivo de um fundo de investimentos de alto risco que agora dirige o Instituto Mises, uma organização sem fins lucrativos que recebeu o nome do filósofo libertário Ludwig von Mises. Ele diz que, com o apoio da Atlas, agora existem cerca de 30 institutos agindo e colaborando entre si no Brasil, como o Estudantes pela Liberdade e o MBL (FANG, 2017, s.p.).

Alexandre Chaufen, que teve ligações com o criador do primeiro *think tank* brasileiro, é atual presidente da Atlas Network (Atlas Economic Research Foundation). Chafuen, segundo Fang, é um empresário argentino-americano que “passou a vida adulta se dedicando a combater os movimentos sociais e governos de esquerda das Américas do Sul e Central, substituindo-os por uma versão pró-empresariado do libertarianismo” (FANG, 2017, s.p.). Fang também conta no texto que os líderes do MBL receberam financiamento da Atlas Network e já passaram pelos seus seminários de treinamento. E, na conclusão da matéria, cita o final da entrevista que Chafuen deu em uma reunião no Brick Hotel, em Buenos Aires: “[a]ntes de encerrar a entrevista, Chafuen sugere que ainda vem mais por aí: mais *think tanks*, mais tentativas de derrubar governos de esquerda, e mais pessoas ligadas à Atlas nos cargos mais altos de governos ao redor do mundo” (FANG, 2017, s.p.). Entre o *think tanks* patrocinados pela Atlas Network, destaca-se o Students for Liberty, que tem atuado em diversos países, inclusive no Brasil. O Students for Liberty abriria espaço para a criação do Estudantes pela Liberdade – Brasil (EPL), que, por sua vez, tem grande participação no início do MBL.

A Atlas Network atua em vários países latino-americanos, sobretudo no Brasil, como já apontado, e mantém articulações com os Estudantes pela Liberdade, o Movimento Brasil Livre e o Movimento Vem Pra Rua, entre outras organizações efêmeras e consolidadas na sociedade civil. Algumas delas, como o Millenium e o MBL, com espaços de atuação que avança sob a sociedade política, no âmbito do legislativo e do executivo (BARBOSA, 2017, p.5).

Em reunião do Fórum da Liberdade da América Latina de 2017 (uma reunião internacional de influentes libertários e neoliberais patrocinada pela Atlas Network), Chafuen, líder da Atlas Network, cita alguns líderes influenciados e patrocinados pela Atlas que conseguiram ganhar notoriedade nos últimos anos e, entre eles, Kataguirí: “[e]stive nas manifestações no Brasil e pensei: ‘Nossa, aquele cara tinha uns 17 anos quando o conheci, e agora está ali no trio elétrico liderando o protesto. Incrível!’ diz, empolgado” (CHAFUEN apud FANG, 2017).

Em 2015, o MBL foi um dos principais organizadores das manifestações contra o governo de Dilma Rousseff, sendo citado como organizador dos eventos em matérias de *sites* como *El País*<sup>17</sup> e *G1*<sup>18</sup> e, mais tarde, como um dos movimentos a protocolar um pedido de *impeachment* da presidente, considerada uma grande conquista para o movimento. O MBL organizou e participou de uma caminhada de São Paulo (local da sede do movimento e cidade dos seus principais líderes) até Brasília, onde também montaram acampamento e permaneceram por vários dias, relatando em seu canal do YouTube vídeos que fazem parte do primeiro ano de publicações, como “Fernando Holiday discursando no protocolo de pedido unificado de *impeachment*”, “Fernando Holiday em mais um discurso emocionante ao protocolar o pedido de *impeachment* de Dilma”, “O MBL vai acampar em Brasília” e “Acampamento cresce e ganha força”.

Muitas dessas ações políticas tomadas pelo MBL, juntamente com o estado atual do país, contribuem para o choque da população, citado anteriormente por meio das teorias da jornalista Naomi Klein. Klein (2017, p. 17) acredita que

Não ficamos em estado de choque quando algo grande e ruim acontece, tem que ser algo grande e ruim que ainda não compreendemos. O estado de

---

<sup>17</sup> BEDINELLI, Talita; MARTÍN, Maria. Três grupos organizam os atos anti-Dilma, em meio a divergências. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527\\_427203.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/13/politica/1426285527_427203.html)>. Acesso em: 18 dez. 2018.

<sup>18</sup> G1. Manifestações contra Dilma ocorrem em todos os estados do Brasil. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/12/manifestacoes-por-impeachment-de-dilma-sao-registradas-pelo-brasil.html>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

choque é o que acontece quando se abre um abismo entre os acontecimentos e a nossa capacidade inicial de explicá-los.

É o que acontece, por exemplo, com a questão do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff: uma líder eleita por mais de 50% da população que foi deposta de seu cargo por meio de um golpe político. É algo grande, e que a população não compreende, causando o abismo do qual a autora fala e impedindo a compreensão dos eleitores, além de contribuir para o choque e a aceitação pacífica de ideias neoliberais como as do MBL. Pode-se considerar então, nessa perspectiva, o Movimento Brasil Livre como instrumento do golpe. Michael Löwy (2016, p. 64), importante pensador marxista, coloca:

O que aconteceu no Brasil, com a destituição da presidente eleita Dilma Rousseff, foi um *golpe de Estado*. Golpe de Estado pseudolegal, “constitucional”, “institucional”, parlamentar ou o que se preferir, mas golpe de Estado. Parlamentares – deputados e senadores – profundamente envolvidos em casos de corrupção (fala-se em 60%) instituíram um processo de destituição contra a presidente pretextando irregularidades contábeis, “pedaladas fiscais”, para cobrir déficits nas contas públicas – uma prática corriqueira em todos os governos anteriores!

Löwy (2016), seguindo as mesmas ideias de Naomi Klein (2008), explica que essa prática de golpe de Estado legal é o que parece ser uma estratégia nova das oligarquias neoliberais na América Latina: “[t]estada em Honduras e no Paraguai (países que a imprensa costuma chamar de ‘República das Bananas’), ela se mostrou eficaz e lucrativa para eliminar presidentes (muito moderadamente) de esquerda” (LÖWY, 2016, p. 64).

Para entender a categorização do MBL como neoliberal e reprodutor das ideologias dessas oligarquias que aplicam o golpe, é importante conhecer algumas de suas propostas, que estão disponíveis na íntegra no *site* do movimento, na aba “Propostas”. Entre elas, destacam-se: Redução de impostos das escolas privadas; Gestão privada de escolas públicas por meio de Organizações Sociais e Parcerias Público-Privadas; Desburocratização de operadoras de planos de saúde; Abertura de mercado hospitalar a

empresas estrangeiras; Privatizar ou transformar em PPPs os serviços de saneamento básico dos municípios; Fortalecimento do federalismo, reforçando a autonomia administrativa, tributária e eleitoral de cada unidade da federação; Permitir o investimento estrangeiro para concorrer com empresas de telecomunicação; Acabar com o limite de 30% de participação de capital estrangeiro em veículos de imprensa; Privatização de presídios; Permitir a contratação de agências privadas de investigação para diminuir o número de criação de novas linhas por meio de PPPs. Aqui foram destacadas algumas propostas de cada área: educação, saúde, sustentabilidade, reforma política, economia, justiça, transporte e urbanismo.

Como visto antes na definição de neopluralismo e neoliberalismo, dadas por Oxhorn, as principais características dessa ideologia são o livre comércio, livre mercado e papel mínimo para o Estado. Isso fica claro na leitura das reivindicações do MBL que tratam o tempo todo de autonomia administrativa, facilitação da entrada de empresas estrangeiras, privatização e desburocratização dos trâmites relacionados ao Estado. Seguem abaixo dois exemplos de propostas neoliberais do grupo, abordadas nos vídeos analisados:

Quando eu fui convidado pra vir a essa comissão geral falar sobre políticas públicas para a juventude, pensei que as pessoas que subissem nessa tribuna viessem falar de soluções para a juventude desse país, viessem falar de propostas sérias para os jovens e trouxessem diagnósticos que pudessem nos ajudar a resolver esses problemas. Mas infelizmente o que vejo são apenas jovens doutrinados, que poucos sabem o que dizer e só repetem os rótulos já conhecidos. Os rótulos de que todo preto e pobre é bandido, os rótulos de que o governo deve resolver os problemas dos pobres porque são muito ignorantes e não conseguem resolver os seus problemas sozinhos. Eu fui obrigado a ouvir aqui que todo o negro no seu futuro vai parar na cadeia, eu fui obrigado a ouvir aqui que o pobre não tem futuro se não for ajudado pelo Estado. Eu venho hoje aqui a essa tribuna trazer, tentar trazer, aliás, uma nova visão. Tentar trazer para essa casa um novo meio de se fazer a política, não só para a juventude, mas a política para nosso país. É preciso deixar a decisão dos caminhos e dos objetivos na mão do cidadão, e não na mão do Estado, não na mão do governo. O presidente da República, os deputados, os senadores e os

ministros não são senhores ungidos que sabem o que é melhor para a dona de casa, para o pai de família. O que eu venho trazer aqui hoje é um modo de visão que respeite o indivíduo. Infelizmente, hoje o Brasil tem um Estado gigantesco e obeso, ineficiente, que impede sim muitas pessoas, principalmente os jovens mais pobres, de subirem na vida. E é este Estado gigantesco que hoje eu venho tentar combater. O alicerce da juventude, na minha humilde opinião, é a educação, e a educação no Brasil todos nós sabemos é um problema muito grande, foi dito aqui por muitos e muitos. E sempre a solução que apresentam é melhorar a educação pública, mas ninguém diz como melhorar a educação pública. Todos acham que o Estado deve administrar a escola, todos acham que os pobres da periferia têm que se submeter à péssima qualidade do ensino público. Eu venho aqui dizer que não, eu venho aqui trazer a proposta, uma proposta já conhecida de alguns países e já está sendo colocada em prática, que é a proposta de vales para a educação, de *vouchers*. Onde o governo, ao invés de administrar a educação pública, ele oferece vales para as famílias, para que elas possam escolher a escola, escola privada essa, onde seu filho pode estudar. Eu quero que o menino da periferia possa estudar na mesma escola do filho do patrão, mas infelizmente não é isso que a gente vê. O que a gente vê é uma elite arrogante dizendo que todos os pobres têm de se submeter ao péssimo ensino público. Enquanto o governo continuar tentando dominar a educação desse país, nós não conseguiremos alcançar na educação. Enquanto eu for obrigado, não só eu mas muitos outros jovens, enquanto nós formos obrigados a ouvir tantos outros socialistas subirem nessa tribuna, ou falarem pra imprensa, que pobres e negros e gays não têm oportunidades nesse país, enquanto nós apenas ficarmos ouvindo reclamações e mais reclamações sem apresentar nenhuma única mísera solução, nós não iremos evoluir, porque infelizmente a esquerda que dominou esse país só sabe reclamar, só sabe se vitimizar. Mas eu quero dizer que eu, como negro, como pobre, como homossexual, não me vitimizo, eu venho aqui, eu vou em qualquer lugar, porque eu quero lutar, eu quero alcançar o meu sucesso e não me rastejar por trás do Estado (FERNANDO Holiday discursa, 2015).

Antes de pensar em quebrar ônibus, acho que as pessoas têm que pensar em quebrar monopólios. Por exemplo: se amanhã eu quisesse comprar um ônibus e cobrar uma passagem de R\$ 1,00, eu não poderia, porque o governo proíbe. É só a empresa que possui licitação, é só o monopólio que faz acordo com o governo que pode prestar esse serviço. E o caso da estatização, o problema é pior ainda. Não existe nada tão ruim quanto um monopólio público, porque aí sim a gente tira completamente a decisão das mãos do consumidor. O grande

problema do transporte é a interferência do governo. Não é com mais governo que a gente vai solucionar isso, não é com mais político, não é com mais burocrata, não é com mais impostos que a gente vai solucionar o problema do transporte. Nenhuma cidade de um porte minimamente razoável em todo mundo jamais proclamou passe livre e teve bons resultados. O Brasil não é a Suécia, nem a Finlândia e nem a Dinamarca. Aliás, nem nesses países o Estado de bem-estar social em sua plenitude deu certo (AULA pública MBL, 2015).

No primeiro trecho, no qual aborda a questão dos *vouchers* para escolas, Fernando Holiday, tratando sua ideia como a mais cabível para solucionar os problemas educacionais do Brasil, coloca que o Outro é formado por jovens “doutrinados, que poucos sabem o que dizer e só repetem os rótulos já conhecidos”; suas ideias não seriam “propostas sérias para os jovens” ou “diagnósticos que pudessem nos ajudar a resolver esses problemas”. Destacando sua condição social, Holiday coloca sua ideologia como a correta e justifica: “[m]as eu quero dizer que eu, como negro, como pobre, como homossexual, não me vitimizo, eu venho aqui, eu vou em qualquer lugar, porque eu quero lutar, eu quero alcançar o meu sucesso e não me rastejar por trás do Estado”. É, como coloca Marcuse, a regulamentação da livre competição, fortalecendo a pseudoliberalidade e a competição entre indivíduos desigualmente equipados.

O trecho “não existe nada tão ruim quanto um monopólio público, porque aí sim a gente tira completamente a decisão das mãos do consumidor” reitera a ideia neoliberal de pôr fim às empresas estatais, privatização e abertura ao capital exterior, o que acabará reforçando a ideia de Han (2017) de que a livre concorrência equivale para a relação do capital para si mesma como outra forma de capital.

O MBL prova seu ponto enfraquecendo a ideia do Outro, por isso, coloca: “[n]ão existe nada tão ruim quanto um monopólio público”; “O Brasil não é a Suécia, nem a Finlândia e nem a Dinamarca. Aliás, nem nesses países o Estado de bem-estar social em sua plenitude deu certo”; e “Antes de pensar em quebrar ônibus, acho que as pessoas têm que pensar em quebrar monopólios”.

No primeiro caso, quando Holiday cita a questão dos *vouchers* para as escolas, é uma questão totalmente neoliberal, que visaria ao fim das escolas públicas. Holiday explica: “[o]nde o governo, ao invés de administrar a educação pública, ele oferece vales para as famílias, para que elas possam escolher a escola, escola privada essa, onde seu filho pode estudar.” Para ele, essa seria uma questão humanitária e social, e justifica: “eu quero que o menino da periferia possa estudar na mesma escola do filho do patrão, mas, infelizmente, não é isso que a gente vê. O que a gente vê é uma elite arrogante dizendo que todos os pobres têm de se submeter ao péssimo ensino público”. É como se o Estado, e não o capitalismo e a desigualdade social, obrigasse o mais pobre a frequentar uma escola ruim e o mais rico uma melhor. Toda culpa é transmitida para a mão do Estado, e esquece-se que a discrepância social continuaria a existir, e foi sempre maior a partir do neoliberalismo. Essa ideia contraditória se resume em uma citação de Marcuse (1969, p. 29):

Aí, a chamada igualação das distinções de classe revela a função ideológica. Se o trabalhador e seu patrão assistem ao mesmo programa de televisão e visitam os mesmos pontos pitorescos, se a datilógrafa se apresenta tão atraentemente pintada quanto a filha do patrão, se o negro possui um Cadillac, se todos leem o mesmo jornal, essa assimilação não indica o desaparecimento de classes, mas a extensão com que as necessidades e satisfações que servem à preservação do Estabelecimento é compartilhada pela população subjacente.

É o que Marcuse chama de elemento irracional da racionalidade. Frequentar a mesma escola que o filho do patrão não resolveria os problemas da população mais pobre, como insinua Holiday, mas certamente a renderia, sem perceber, ao sistema econômico vigente.

## 1.5 Nacionalismo

Há, além da ideologia neoliberal presente no MBL, a própria ideologia do nacionalismo utilizada como ferramenta nessa ascensão nas redes sociais e no cenário político nacional. Segundo Zizek (2012, p.20), “a

democracia é baseada na regra da lei; funciona somente dentro de fronteiras nítidas e entre pessoas que se sentem parte de uma mesma nação”. Ao mesmo tempo que, como elucidada Zizek, o nacionalismo é necessário (em alguns pontos) à democracia, ele também a ataca. Movimentos como o MBL o utilizam de diversas formas em seu discurso para agregar seguidores. Tudo isso faz parte da dinâmica do capital e está dentro dos princípios do capitalismo.

Benedict Anderson (2009) entende por nacionalismo a ideologia de criar nações como comunidades imaginadas. Segundo Anderson, em seu livro *Comunidades Imaginadas*, todas as nações são comunidades políticas imaginadas. São comunidades devido ao sentimento de camaradagem dividido por todos seus habitantes, e são imaginadas, pois suas divisões geográficas, língua e cultura não são produtos da natureza, e sim da criação humana. Esse nacionalismo foi fundamental na história das nações para que o governo pudesse implementar sistemas educacionais, uma língua, leis e constituição. Ele é implantado, segundo o autor, por meio de algumas ferramentas como: o censo, o mapa e o museu (ANDERSON, 2009).

Por isso, separar os povos em nações; por isso, a formação de identidades nacionais e culturais, que dão origem a expressões como *inglesidade* ou *brasilidade*, por exemplo. Utilizada por Hall para explicar o sentimento de ser inglês, a inglesidade não se resume apenas a habitar a Inglaterra, mas forma-se também com hábitos como o de tomar chá, com a língua inglesa e formas de comportamento do povo inglês, tudo integrando a identidade nacional do país. Esses hábitos e estereótipos ingleses são reforçados de diversas maneiras, e a mídia é uma delas. Eles exercem papel importante no turismo, na política e, como estuda essa pesquisa, na formação de movimentos.

Outro importante teórico do conceito de nacionalismo é Eric Hobsbawm. Em sua obra *Nações e Nacionalismo desde 1780*, Hobsbawm (1991) disserta sobre a importância de termos como nação e nacionalismo para a

explicação de importantes fenômenos históricos globais dos séculos XIX e XX:

Se a nação, como ele diz, possui diversas definições, e o vernáculo passou a ganhar diferentes significados conforme o tempo histórico em que era abordado, Hobsbawm a define enquanto dispositivo político identitário, ou seja, “qualquer corpo de pessoas suficientemente grande cujos membros consideram-se como membros de uma nação” [...]. O autor lembra que essa palavra inexistia no vocabulário político europeu até a altura de 1830. Sua invenção recente seguia alguns preceitos políticos estabelecida a partir de necessidades históricas: o contingenciamento dos recursos naturais e humanos, a administração dos processos sociais internos e das políticas públicas, o crescimento e a dinamização da economia, entre outros (YAMAMOTO; DE MOURA, 2018, p. 155).

No MBL, o nacionalismo está presente no slogan, nas cores, em várias frases proferidas nos vídeos, nos discursos e em *posts* no Facebook. Há nacionalismo na própria formação do grupo como uma comunidade de pertencimento. É importante a compreensão do nacionalismo e, portanto, a inserção deste subcapítulo no livro, para o entendimento de uma técnica que está presente desde a descrição do movimento como “O Movimento Brasil Livre é uma entidade que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”, presente no Facebook. E também para que se analise mais profundamente uma série de frases e enunciados que se repetem nos vídeos do canal do MBL. Em um dos vídeos de apresentação do canal, tem-se a frase: “[s]em você, nenhuma conquista seria alcançada. Sua ajuda é fundamental para que possamos juntos transformar o Brasil num país digno para cada brasileiro.” A convocação da ajuda vem ligada ao lembrete de que o seguidor é brasileiro, faz parte da comunidade imaginada do Brasil e, portanto, deve se juntar à comunidade imaginada MBL para que ajude o movimento nessa transformação que ele propõe.

A chamada no *site* oficial do movimento é “Seja membro do movimento que está mudando o Brasil”, um slogan geral, ou como prefere

definir Noam Chomsky para slogans abertos, um “slogan vazio”. Para o autor:

O objetivo dos slogans de relações públicas como “apoie nossas tropas” é que eles não significam nada [...]. Esse é o objetivo principal de uma propaganda bem-feita: cria um slogan do qual ninguém vai discordar e todos vão apoiar. Ninguém sabe o que ele significa porque ele não significa nada. Sua importância decisiva é que ele desvia a atenção de uma questão que, esta sim, significa algo: “Você apoia nossa política”? Sobre ela ninguém quer saber sua opinião (CHOMSKY, 2013, p. 26).

Para a compreensão desse nacionalismo aplicado pelo MBL, que cria o sentimento de camaradagem e comunidade entre seus seguidores, formando uma identidade do grupo, é preciso voltar à questão do choque. Como descrito nos tópicos anteriores, o choque causa a perda do sentido de si e, com isso, uma crise de identidade – e isso pode ser utilizado pelo MBL para a prospecção de novos integrantes do grupo. As pessoas marginalizadas pelo choque estariam passando por uma falta de sentido e de identificação com algum grupo, algo necessário dentro da cultura e, então, encontrariam no MBL a saída. Segundo Hall (2016, p. 22), “[e]m outras palavras, a questão do sentido relaciona-se a todos os diferentes momentos ou práticas em nosso ‘circuito cultural’ – na construção da identidade e na demarcação das diferenças, na produção e no consumo, bem como na regulação da conduta social”.

Ou seja, assim como o sentido relaciona-se com as práticas do circuito social e com a construção da identidade de um indivíduo, ele pode também auxiliar na criação da identidade do Outro. O nacionalismo une os indivíduos em uma só comunidade imaginada e apaga suas diferenças, e esses indivíduos criarão sua identidade e também a identidade da oposição, a sua alteridade – como no caso do MBL, em que a sua própria identidade é baseada na identidade que o grupo tem do “Outro”, questão que será comprovada na análise, assim atuando na construção de diferenças e na regulação da conduta social desse grupo, como explicou Hall. Hall (2006, p. 59) explica esse apagamento de diferenças citando que “não importa

quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional”.

Trazendo a definição de nacionalismo para o âmbito brasileiro, há a autora Marilena Chauí, que publicou um importante estudo sobre o assunto em seu livro *Brasil, mito fundador e sociedade autoritária*, destacando esse conceito sob o ponto de vista da representação social:

[...] cada um de nós experimenta no cotidiano a forte presença de uma representação homogênea que os brasileiros possuem do país e de si mesmos. Essa representação permite, em certos momentos, crer na unidade, na identidade e na indivisibilidade da nação e do povo brasileiros, e, em outros momentos, conceber a divisão social e a divisão política sob a forma dos amigos da nação e dos inimigos a combater, combate que engendrará ou conservará a unidade, a identidade e a indivisibilidade nacionais (CHAUÍ, 2000, p. 7).

Para Chauí, o termo nacionalismo explica a formação de uma representação homogênea a partir de uma situação de heterogeneidade, como a descrição de um povo e um território, por meio do apagamento das diferenças. Isso ocorre com grupos, nações, povos, entre outros, transformando-os no que seriam as chamadas por Anderson de comunidades imaginadas. Chauí chama a ideologia que causa essa representação homogênea no Brasil de verdeamarelismo. Este nacionalismo, chamado por Chauí de verdeamarelismo, é a ideologia que cria a identidade nacional dentro do Brasil e dá origem a essa comunidade imaginada. Ela é responsável pela criação do sentimento de união nacional em prol de objetivos políticos ou sociais e cria o pertencimento à “família brasileira”, o patriotismo e, até mesmo, o fanatismo por grupos políticos, como o MBL.

Uma das maneiras de captar o nacionalismo é, então, por meio do discurso e do conteúdo que tenta unir a heterogeneidade em uma homogeneidade. Seguem abaixo alguns exemplos de nacionalismo abordado dentro dos vídeos do MBL que fazem parte do corpus da pesquisa:

Gostem ou não do MBL, a classe política começou a vê-lo com temor e respeito. E não é por menos, estamos presentes nos 4 cantos do país. Somos paulistas, catarinenses, alagoanos e baianos, deixamos nossa marca do serrado goiano à Floresta Amazônica, tocamos rock, somos banda de barra braba e sabemos rir dos inimigos e de nós mesmos. Somos mais de 150 núcleos de brasileiros, jovens e velhos, homens e mulheres, negros e brancos, dispostos a lutar até o fim por um Brasil mais justo e livre. E esse é só o começo de uma jornada que irá transformar o país. A queda de Dilma Rousseff será apenas o primeiro de uma revolução que tornará o Brasil de fato um país para os brasileiros. Se nossos inimigos nos temem e nos agridem, que então se preparem. O MBL vem ainda mais forte pra 2016 (MBL – 365 Ascensão<sup>19</sup>, 2016).

O PT há anos veio dividindo a sociedade: dividiu a gente entre ricos e pobres, entre negros e brancos. Mas, a partir de hoje, suas divisões inúteis não vão mais separar o povo brasileiro, porque estamos demonstrando que somos um só povo, de uma só nação (15 DE MARÇO, 2015).

Nós, a oposição da sociedade civil, acreditamos num país onde o povo é livre. Livre do autoritarismo, livre da mentira, livres de governantes inescrupulosos. O governo de Dilma Rousseff não respeita os limites do seu próprio poder. Com suas mentiras, está acabando com a esperança da população. Com sua incompetência, está destruindo o país. Com seus crimes, está matando o sonho dos brasileiros. Tudo o que queremos é fazer a voz do povo, é fazer a voz das ruas ecoar pelo Congresso Nacional e impedir que a população sofra ainda mais. Somos milhões de brasileiros, brancos, negros, homens e mulheres. Estamos cansados de sermos (sic) roubados, estamos cansados de sermos (sic) enganados, estamos cansados de esperar por um futuro que nunca chega. Exigimos o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff (KIM KATAGUIRI discursando, 2015).

Há falas claramente nacionalistas presentes nos enunciados do movimento como: “somos paulistas, catarinenses, alagoanos e baianos, deixamos nossa marca do serrado goiano à Floresta Amazônica [...]. Somos mais de 150 núcleos de brasileiros, jovens e velhos, homens e mulheres, negros e brancos” (MBL – 365 Ascensão, 2016); “estamos demonstrando que somos um só povo, de uma só nação” (15 DE MARÇO,

---

<sup>19</sup> A autora optou por preservar a grafia original do título “Ascensão” (sic) a despeito da inadequação ortográfica.

2015); e “somos milhões de brasileiros, brancos, negros, homens e mulheres” (KIM KATAGUIRI discursando, 2015). Nelas, a unificação em uma grande identidade nacional, como explicou Hall, fica mais evidente.

Para o MBL, esse nacionalismo representa o porquê de ser um movimento digno de respeito: “gostem ou não do MBL, a classe política começou a vê-lo com temor e respeito. E não é por menos, estamos presentes nos 4 cantos do país. Somos paulistas, catarinenses, alagoanos e baianos, deixamos nossa marca do serrado goiano à Floresta Amazônica”. Essa tentativa de apagamento das diferenças acaba apagando a liberdade do Outro. Não se pode ser cidadão de bem fora do nacionalismo da nova direita. No trecho “mas a partir de hoje, suas divisões inúteis não vão mais separar o povo brasileiro. Porque estamos demonstrando que somos um só povo, de uma só nação”, fica claro que, apesar do “somos um só povo, de uma só nação”, aqueles que praticam as “divisões inúteis” citadas pelo movimento não seriam parte do povo.

Outro vídeo interessante do corpus, para se analisar dentro desse contexto, se chama “GOLPE? Estrangeiros mandam a real sobre o Brasil”. Publicado em 23 de agosto de 2016, é o último vídeo publicado pelo movimento antes do *impeachment* de Dilma ser oficializado em 31 de agosto de 2016. Nesse vídeo, o nacionalismo é abordado de maneira um pouco diferente. O MBL coloca como a cultura brasileira seria despreparada politicamente, perto de países considerados avançados como Holanda e Dinamarca, apesar de citar também outros países da América Latina como exemplo. Na gravação, um entrevistador do MBL pergunta “Se o presidente do seu país fosse pego gastando mais do que o orçamento aprovado, o que que você acharia disso?” (GOLPE? Estrangeiros mandam, 2016), e a resposta vem de colombianos, dinamarqueses, holandeses, ingleses e portugueses, respectivamente: “Acharia um absurdo. Eu sou contra a corrupção, então...” (GOLPE? Estrangeiros mandam, 2016); “Eu sou da Dinamarca. Eu acho que ele iria pra prisão por um longo período. Acho que nosso parlamento iria intimidá-lo. E ele não seria mais primeiro-ministro por um bom tempo. Ele seria condenado com certeza.” (GOLPE?

Estrangeiros mandam, 2016); “Nós somos da Holanda. Ele iria para o tribunal, ele seria preso” (GOLPE? Estrangeiros mandam, 2016); “Eu acho que as pessoas ficariam muito irritadas. Eu acho que dependeria de onde o orçamento foi gasto. Mas, no geral, isso seria considerado irresponsável. E eu acho que provavelmente as pessoas estariam protestando” (GOLPE? Estrangeiros mandam, 2016); “Ele seria preso. Nosso primeiro-ministro foi pego assim numas infrações, e ele foi preso. Então aqui, eu acho que assim de verdade, que também ele deveria ser preso” (GOLPE? Estrangeiros mandam, 2016).

## 1.6 Crise do capitalismo

Sabe-se que o MBL surgiu em um momento politicamente conturbado no Brasil, e essa situação em si pode ter contribuído para sua legitimação. O país estava na época de uma eleição acirrada entre dois de seus maiores partidos, o PT e o PSDB, e havia acabado de presenciar as manifestações de 2013. Além de toda essa situação nacional, não se pode deixar de lado a própria crise do capitalismo que está ocorrendo mundialmente. Autores como Pierre Dardot e Christian Laval defendem que, a partir dos anos 1970, o capitalismo entra em uma crise que está cada vez mais intensa, e isso promove diretamente uma maior ascensão do neoliberalismo (DARDOT; LAVAL, 2016). Segundo eles,

O capitalismo é indissociável da história de suas metamorfoses, de seus descarrilamentos, das lutas que o transformam, das estratégias que o renovam. O neoliberalismo transformou profundamente o capitalismo, transformando profundamente as sociedades (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7).

Tempos de crise, como a que o capitalismo está enfrentando, são favoráveis para reaparecimento de mitos ou grupos de encenação. Isso acontece, pois a população fica angustiada com a falta de sentido. Logo, quando algo toma forma e tem alguma lógica, traz conforto. Isso explica,

de certa forma, a adesão tão rápida de seguidores a movimentos como o MBL, e a sua legitimação.

Além de todo esse contexto nacional de crise, que colabora pro surgimento do MBL assim como o choque colaborou com a implementação do neoliberalismo nos países da América Latina, há também o contexto mundial da crise do capitalismo em si. A partir dos anos 1970, o capitalismo começa a sofrer uma crise que – como aborda Wolfgang Streeck (2014) em seu artigo publicado na revista *Piauí*, “Como vai acabar o capitalismo? O epílogo de um sistema em dismantelo crônico” –, ao contrário do que as teorias da crise de Habermas apontavam, não se desenvolve devido a não aquisição das massas ao capitalismo, mas sim devido ao próprio capital. Segundo Streeck, no livro *Tempo comprado: a crise adiada do capitalismo democrático*, a crise se intensifica a partir de uma longa sequência de eventos iniciada na década de 1970, com o fim da prosperidade pós-guerra. Streeck afirma que são três as principais sintomas e tendências da crise desse sistema, quais sejam: o declínio persistente na taxa de crescimento dos países capitalistas, o aumento do endividamento desses países e o surgimento com maior intensidade das desigualdades sociais. O autor ainda explica que crises são acontecimentos comuns no sistema capitalista e podem servir para seu crescimento e fortalecimento; porém, o que está havendo no momento é uma decadência gradual, lenta, mas aparentemente inexorável (STREECK, 2014, s.p.).

Depois da Segunda Guerra, com o plano keynesiano, o capitalismo precisava se estabelecer como sistema vigente e convencer, principalmente o Ocidente, de que era a melhor forma de superar a crise causada com a guerra – portanto, prometeu e cumpriu, de certa forma e durante certo tempo, várias medidas sociais, oferta de empregos, crescimento e apoio à população. A partir dos anos 1970, no entanto, essa promessa começou a ser ignorada, devido a vários fatores envolvendo, por exemplo, a crise do petróleo e a mudança do padrão monetário internacional, com o fim do acordo de Bretton Woods, em 1971, que tornou o dólar uma moeda fiduciária. Por causa desses eventos, juntamente com a grande oferta de

mão-de-obra, diferentes produtos concorrendo no mercado e as revoluções de maio de 68, o capitalismo se entrega ao começo de uma crise que traria mais fortemente para a cena, então, o neoliberalismo. Streeck (2014, s.p.) aponta:

A crise de 2008 foi apenas a mais recente de uma longa sequência iniciada em meados da década de 70, com o fim da prosperidade do pós-guerra. Cada crise mostrou-se mais grave do que a anterior, alastrando-se mais ampla e rapidamente por toda a economia global, cada vez mais interligada. O surto de inflação dos anos 70 foi seguido pelo aumento da dívida pública nos anos 80, e o ajuste fiscal dos anos 90 se fez acompanhar por um acentuado aumento da dívida do setor privado. Já faz quatro décadas que o desequilíbrio tem sido mais ou menos a condição normal do mundo industrial avançado, tanto em nível nacional como global.

Streeck (2014) destaca que os historiados consideram as crises dentro do capitalismo como movimentos cíclicos e, até mesmo, necessários para a sua manutenção como sistema vigente; porém, o autor acredita que o que se vive agora não é apenas uma dessas conhecidas crises e ciclos, mas sim um processo contínuo de decadência gradual. Essa crise em que o capitalismo se encontra tem o poder de ela mesma causar o choque necessário para ações de livre mercados. Zizek trata disso em uma parte do livro *Primeiro como tragédia, depois como farsa* chamada “A crise como terapia de choque”:

A crise financeira seria um momento de sobriedade, o despertar de um sonho? Tudo depende de como ela será simbolizada, de qual interpretação ou história ideológica se imporá e determinará a percepção geral da crise. Quando o curso normal das coisas é interrompido de forma traumática, abre-se campo para uma competição ideológica “discursiva” – como aconteceu, por exemplo, na Alemanha no início da década de 1930, quando, invocando a conspiração judaica, Hitler triunfou na competição de qual narrativa melhor explicava as causas da crise da República de Weimar e oferecia a melhor saída para escapar da crise. Do mesmo modo, na França de 1940, a narrativa do marechal Pétain é que venceu a luta para explicar as raízes da derrota do país (ZIZEK, 2011, p. 27).

Segundo o autor, e segundo se observa também na situação atual do Brasil e na ação de grupos como o MBL, tudo se trata de como a crise é simbolizada e qual interpretação ideológica impor-se-á. Abriu-se campo para uma competição ideológica; por isso, é tão natural que grupos ideológicos, como o estudado, surjam e conquistem espaço rapidamente. Esse campo aberto dá cada vez mais espaço às ideias neoliberais, generalização do mercado e da concorrência, como citam Dardot e Laval (2016, p. 27): “[a] crise mundial é uma crise geral da “governamentabilidade neoliberal”, isto é, de um modo de governo das economias e das sociedades baseado na generalização do mercado e da concorrência”.

## Descrição do corpus e metodologia

Não é necessária uma observação muito profunda das publicações do MBL em suas redes sociais para perceber seu ataque constante à esquerda e, principalmente, ao PT. Contudo, um estudo aprofundado dos vídeos é capaz de mostrar uma imagem do MBL criada com base na relação com o Outro. Além disso, estudar o MBL é também aprender sobre toda fatia da sociedade que o apoia, daí a importância deste livro. O grupo toma mais tempo definindo sua oposição e a criticando do que explicando suas próprias ideias e propostas. A percepção disso fez com que a ideia desta dissertação surgisse, e será mais profundamente abordada neste e no último capítulo. É um grupo que acaba se definindo por meio da diferença para com o Outro.

A linha condutora da análise do livro basear-se-á no conceito de ideologia, segundo os estudos de Marcuse. Para o autor, para a organização da sociedade e de seus membros, há uma escolha inicial entre alternativas históricas, resultante de um jogo de interesses dominantes. Essa escolha determinará a ideologia reinante no desenvolvimento social de uma época (MARCUSE, 1969, p. 18). Nesse caso, o neoliberalismo. Segundo Marcuse (1969, p. 18), “[e]la antevê maneiras específicas de utilizar o homem e a natureza e rejeita outras maneiras. Mas, assim que o projeto se torna operante nas instituições e relações básicas, tende a tornar-se exclusivo e a determinar o desenvolvimento da sociedade em seu todo”.

É como ideologia reinante que o neoliberalismo afeta e impõe modos de vida aos integrantes da sociedade. Por isso, na análise de um grupo presente dentro dessa ideologia, ela servirá como base de método:

Essa sociedade é irracional como um todo. Sua produtividade é destruidora do livre desenvolvimento das necessidades e faculdades humanas; sua paz mantida pela constante ameaça de guerra; seu crescimento, dependente da repressão das possibilidades reais de amenizar a luta pela existência (MARCUSE, 1969, p. 14).

Sendo um movimento neoliberal com foco no digital, o MBL também impõe modos de vida e pensamento aos integrantes de sua sociedade cibernética. Utiliza também da constante ameaça de guerra citada por Marcuse, e o faz através do choque já descrito por Klein.

As mesmas características dadas por Marcuse à sociedade industrial, visto que o autor publicou sua obra antes do crescimento do neoliberalismo como ideologia dominante, são tomadas aqui para a definição das relações econômicas mundiais atualmente. O neoliberalismo inibe o livre desenvolvimento e necessita do choque e da repressão para seu crescimento, deixando de lado as medidas sociais e a importância das necessidades e faculdades humanas. O livre empreendimento, por exemplo, é uma das principais doutrinas neoliberais e, segundo os conceitos de Marcuse, seria uma prisão, ou uma pseudoliberalidade. E a produtividade, sempre incentivada pelos neoliberais, seria a destruidora do desenvolvimento das faculdades humanas para o autor.

Toda essa contrariedade que se pode traçar dos pensamentos marcuseanos em relação a características específicas que hoje se sabe serem adotadas pelo neoliberalismo é o que torna Marcuse a linha condutora desta análise.

## 2.1 Corpus da análise: vídeos escolhidos

A análise será baseada nos vídeos publicados no canal do MBL desde a data da sua criação até o dia do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, em 31 de agosto de 2016. O movimento produziu um total de 92 vídeos durante este espaço de tempo, e a análise utilizará uma amostragem de 20%, ou seja, 18 vídeos como corpus: os mais específicos para o

tratamento de cada assunto, com base nas formações discursivas e assuntos tratados.

Os vídeos contemplados na análise são: “01 DE NOVEMBRO: o vídeo que a mídia não quer mostrar”; “06 de dezembro”; “*Impeachment* é mais amor – Movimento Brasil Livre”; “Renan Santos sobre as instituições da nossa República”; “Discursos 16 de agosto | Renan Santos”; “Discursos 16 AGO | Fernando Holiday”; “Fernando Holiday discursando no protocolo do pedido unificado de *impeachment*”; “Faça Parte da Mudança! 16 de Agosto”; “13 de março – Ou você vai ou ela fica!”; “Holiday mita em comissão sobre discriminação racial na Câmara”; “Fernando Holiday discursa na Câmara dos deputados”; “MBL - 365 Ascensão – 1 ano de MBL”; “Comemoração dia 31/08 – PT nunca mais”; “Estrangeiros mandam a real sobre o Brasil”; “Aula pública MBL | como melhorar o transporte sem demagogia”; “15 DE MARÇO – A Maior Manifestação da História do Brasil”; “Financie o Movimento Brasil Livre”; e “Kim Kataguri discursando no 16 de agosto”.

Nome do vídeo	Data da publicação	Número de visualizações e duração do vídeo	Enunciados utilizados na análise	Imagens
01 DE NOVEMBRO: o vídeo que a mídia não quer mostrar	03 de novembro de 2014	153.233 visualizações. Duração: 3'10"	<p>“DIA 01 DE NOVEMBRO ATO CONTRA A DILMA E O PT”</p> <p>“Chega desse governo de iniciativas bolivarianas que quer transformar o Brasil em Cuba” (Membro do MBL).</p> <p>“Estão tentando dividir pobres e ricos, negros e brancos a fim de dividir pra poder reinar. O PT e sua corja, liderados pelo LULA” (Membro do MBL).</p> <p>“Nós estamos aqui pelo Estado Democrático de Direito. (Renan Santos). Decência, legalidade, é isso que nós queremos” (Membro do MBL).</p> <p>“Eu gostaria de parabenizar esse movimento e espero que todos tenham consciência, sem a nossa luta nós não vamos a lugar algum. Fora PT”.</p> <p>“A voz, a palavra de Martin Luther King... o que me assusta não é o grito dos maus, mas sim o silêncio dos bons. Vamo pra rua”.</p>	Imagens de manchetes de jornal sobre as manifestações de 01 de novembro, mostrando dados numéricos; imagens dos seguidores do MBL; imagens da manifestação e dos palanques com os discursos; <i>print</i> de post de Jean Wyllys, utilizado para prová-lo errado.

06 de dezembro	09 de dezembro de 2014	5.380 visualizações Duração: 4'6"	<p>“Nossa bandeira jamais será vermelha” (coro da multidão).</p> <p>“Eles estão nos alinhando com o que há de pior na política externa, nós não merecemos ser parceiros subservientes de Cuba e nem de Venezuela. Nós não nascemos pra isso”.</p> <p>“O governo da Dilma já não está acontecendo. Nunca, nunca antes, nossos parlamentares de Brasília agiram da forma como eles estão agindo. Eles estão agindo com o coração. Porque nós, no dia 11, no dia 15, e o pessoal do ‘Vem pra Rua’ antes, obrigamos nossos parlamentares a agirem como homens. Agora eles vão agir como homens” (Renan Santos).</p> <p>“Nós nunca, nunca vamos deixar que nosso país esteja sob uma ditadora totalitária, que é o objetivo do PT” (Kím Kataguiri).</p> <p>“Que isso, Dona Dilma, nós não aceitamos ver a Petrobrás ser estuprada – na verdade, que é isso que acontece. Temos uma quadrilha patrocinada pelo PT e seus aliados alugados, que usam toda estrutura da empresa para financiar o seu maldito projeto de poder, pra se beneficiar e também para servir aos planos nefastos do Foro de São Paulo. O Brasil consegue furar a barreira da informação, graças à liberdade na internet, que a tecnologia e o capitalismo nos proporcionou (sic)”.</p>	Imagens de manifestações, líderes do MBL fazendo discursos nos palanques montados; imagens das pessoas nas ruas. As cores que prevalecem são o verde e amarelo. Manifestantes seguram cartazes como: “Menos Duvi-vier, mais Gentili”, “Menos Keynes, mais Hayek” e “Menos Marx, mais Mises”.
<i>Impeachment</i> é mais amor – Movimento Brasil Livre	14 de agosto de 2015	2.509 visualizações. Duração: 0'46"	<p>“Dia 16 de agosto será uma demonstração de amor pelo Brasil. Pois mais amor é abdicar de um dia com a sua família para lutar por seu país. Mais amor é honrar aqueles que nos orgulham e inspirar aqueles que nos seguem. Mais amor é lutar pelo que é certo, e não pelo que é mais conveniente. Mais amor é fazer uma revolução pacífica, popular e inclusiva. Nós repudiamos o discurso de ódio do PT, pois <i>Impeachment</i> é mais amor” (Narrador).</p>	Imagens de manifestações, dos líderes do grupo sorrindo, bandeiras verde-amarelas sendo balançadas. No final, sobem os letreiros “ <i>Impeachment</i> é mais amor” e “16 de agosto, fora Dilma”.
Renan Santos sobre as instituições da nossa República	7 de outubro de 2015	2.722 visualizações Duração 2'35"	<p>“O Movimento Brasil Livre é um movimento que acredita que fundamentalmente uma República é feita de instituições fortes. E ele acredita também que o combate a um partido que trabalha de forma sistemática pra destruir e desmoralizar as instituições, seja comprando parlamentares, seja aparelhando desde empresas estatais a órgãos, ministérios, autarquias, em todas as instâncias. A derrota desse sistema, a derrota desse partido, através justamente das instituições, é que o nos fará um dia, se trabalharmos dessa maneira decente, uma democracia séria, tal qual os EUA da América” (Renan Santos).</p>	Renan Santos fala para a câmera, em cenário composto por sofá de couro preto e estantes de livros.

Discursos 16 de agosto   Renan Santos	24 de agosto de 2015	853 visualizações. Duração: 3'43"	<p>“Isso aqui é a cultura de resistência ao modelo hegemônico que foi tentado ser implementado na nossa cabeça. E cada camiseta com um dizer diferente que a gente veste... Cada música que a gente canta... e essa coisa incrível que eles estão fazendo de ir ensaiar e vir aqui botar pra foder e levantar todo mundo, não tem preço!</p> <p>Uma vez Hugo Chávez disse, na Venezuela – e o Flávio vai me confirmar – que a revolução não será televisonada. E eu achei muito irônico que a nossa revolução não está sendo televisonada. Boa parte da grande imprensa ainda nos ignora e boa parte da imprensa ainda tenta nos tachar do que não somos. Nós não somos a favor de intervenção militar coisa nenhuma! Nós somos a favor da liberdade de imprensa!</p> <p>Nós... Nós não ficamos aqui falando sobre pobre. Porque pobre tem que deixar de ser pobre, isso é o fundamental! Pobre tem que ganhar dinheiro. E pobre não tem que ser instrumento político em nome dos mesmos. Porque quem fala em nome dos pobres sempre vai querê-los pobres. Nós não queremos ter pobres. Porque nós não queremos que ninguém seja pobre. Esse é o pensamento do brasileiro!</p> <p>Não tem ninguém aqui intolerante, não tem discurso de ódio contra negro, contra gay, contra nordestino [...]. Nosso discurso é de amor, amor por um país. Porque, quando você sai da tua casa pra lutar pelo teu país, você também está lutando por pessoas que não fizeram o mesmo por você. Quando você está saindo da sua casa, pensando que os outros tem que pagar menos impostos, você não tá pensando apenas em você, está sendo caridoso com outros... <i>Impeachment</i> é sim um pedido de amor. É um pedido de amor pelas contas públicas que são esturpadas por governantes que usam dinheiro pra se promover. Eles falam em discurso de ódio, mas o que eu vejo aqui é apenas amor. O que eu vejo aqui são pessoas, de todos os cantos da minha cidade, juntos – sem se conhecer – gritando a mesma coisa” (Renan Santos).</p>	Renan Santos discursando em palco. Na tribuna, está escrito a palavra “livres”. Renan está de verde, as cores que prevalecem no cenário são o verde e o amarelo. Algumas pessoas vestem camisas da seleção de futebol do Brasil, outras do MBL.
Discursos 16 AGO   Fernando Holiday	21 de agosto de 2015	1239 visualizações Duração: 4'50"	<p>“Na tarde de hoje, eu gostaria de dizer a todos vocês e principalmente à imprensa, a imprensa que vem defendendo esse governo mesmo em seus últimos instantes, de que eu não sou branco e não sou rico. Eu venho de Carapicuíba, uma região periférica da grande SP. Minha família é do interior da Bahia. E, na década de 60, vieram para São Paulo em pau de arara passando fome. E se hoje temos... E se hoje temos o mínimo de conforto é porque minha família não se acomodou. E porque, mesmo sendo pobres, mesmo passando por dificuldades, nós lutamos, nós trabalhamos, nós</p>	Fernando Holiday discursando em palco montado na rua, em São Paulo.

			<p>acordamos cedo todas as manhãs. Para lutar e para prosperar. E é isso que todos os brasileiros fazem [...].</p> <p>Nós não vamos deixar o PT dominar esse país.</p> <p>Luiz Inácio Lula da Silva, você não é digno de amararrar os sapatos do Fernando Holiday.</p> <p>E é com base na experiência de vida da minha mãe que hoje venho trazer um recado a todos vocês. Quando saírem daqui, dessa manifestação no dia de hoje, e voltarem pra casa, e encontrarem um político do PT, do PCdoB ou do PSOL, que insistir em dizer que, se hoje você tem comida na sua panela e no seu prato, e que, se hoje seu estômago não é corroído pela fome, é porque o PT trouxe comida para sua casa, é porque o PT trouxe dinheiro para sua conta, diga a eles que não! Diga a eles que nós somos os vencedores!” (Fernando Holiday).</p>	
Fernando Holiday discursando no protocolo do pedido unificado de <i>impeachment</i>	17 de setembro de 2015	11.912 visualizações. Duração: 2'18”	<p>“Estou aqui representando o Movimento Brasil Livre, mas não somente o Movimento Brasil Livre. Eu disse no momento do protocolo e acredito que é sempre bom repetir: eu venho da periferia de São Paulo, minha família vem do interior da Bahia. Passaram fome, é verdade, hoje já não passam mais. E, durante os últimos mais de 12 anos, fomos obrigados a ouvir que o senhor Luiz Inácio Lula da Silva e que a senhora Dilma Rousseff tirou (sic) a nossa fome. Fomos obrigados a ouvir que foram (sic) graças a eles que subimos na vida. Hoje, eu venho aqui em nome da minha família e em nome de tantas outras dizer que isso não é verdade. Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff o que mais fizeram para os pobres, na verdade, foram (sic) enganá-los, foram roubá-los. E, hoje, o <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff que foi protocolado fará justiça a isso, fará justiça aos crimes cometidos pelo governo de Dilma, fará justiça à enganação, fará justiça a todas as mentiras ditas” (Fernando Holiday).</p>	Fernando Holiday discursando rodeado de microfones, imprensa e, em sua maioria, homens de terno e gravata.
Faça Parte da Mudança! 16 de Agosto	22 de julho de 2015	35.923 visualizações Duração: 0'36”	<p>“16 de agosto será o dia nacional daqueles que acordam cedo todas as manhãs. Será o dia nacional daqueles que cansaram de ser roubados em silêncio. Será o dia nacional daqueles que voltaram a sonhar e daqueles que mantêm o nosso país vivo. 16 de agosto estará nos livros de história. Cabe a você escolher como ela será contada. A mudança já começou. Por um Brasil livre!” (Narrador).</p>	Integrantes do MBL envolvidos em bandeiras do Brasil e segurando cartazes; imagens do acampamento do MBL na frente do Congresso Nacional em Brasília; imagens dos integrantes do Movimento

				marchando até Brasília pela rodovia; imagens dos protestos, de manifestações e de Kim Kataguiiri levando uma bandeira.
13 de março - Ou você vai ou ela fica!	8 de março de 2016	30.034 visualizações. Duração: 1'12"	Falas do Presidente Lula: "Eu quero dizer aqui à CUT, ao PT, aos sem-terra, ao PCdoB, que, a partir da semana que vem me convidem que eu estarei disposto a andar esse país..." (LULA)	Vídeo começa com um discurso do Lula, mostra também pessoas de vermelho e com a camiseta do PT causando uma confusão em protesto, jogando objetos e brigando. Depois mostra as manifestações do MBL em verde e amarelo nas ruas e o surgimento de um integrante balançando uma bandeira.
Holiday mita em comissão sobre discriminação racial na Câmara	22 de março de 2016	127.751 visualizações. Duração: 5'48"	"Começo dizendo que, no convite em que recebi, consta aqui que deveríamos comemorar o dia da eliminação da discriminação racial, ou dia internacional de luta de eliminação da discriminação racial. Entretanto, o que vi aqui, entre líderes de movimentos, de sindicatos, de parlamentares, dos mais diversos partidos, o que vi aqui foi o puro racismo. Em sua maioria vindo de negros. Negros que dizem defender as pautas dos mais pobres, as pautas dos mais oprimidos. Eu tive de ouvir aqui muitos absurdos, mas, dentre os quais, o mais absurdo foi o tal do hino à negritude. Um hino que, senhores, eu não consigo ver de outra forma senão como um hino de segregação, senão como um hino que tenta mais uma vez, como é de praxe da esquerda, separar o povo" (Fernando Holiday).	Fernando Holiday discursando em tribuna na Câmara.
Fernando Holiday discursando na Câmara dos Deputados	03 de novembro de 2015	56.635 visualizações. Duração: 5'52"	"Quando eu fui convidado pra vir a essa comissão geral falar sobre políticas públicas para a juventude, pensei que as pessoas que subissem nessa tribuna viessem falar de soluções para a juventude desse país, viessem falar de propostas sérias para	Fernando Holiday discursando em tribuna na Câmara dos Deputados.

		<p>os jovens e trouxessem diagnósticos que pudessem nos ajudar a resolver esses problemas. Mas, infelizmente, o que vejo são apenas jovens doutrinados, que poucos sabem o que dizer e só repetem os rótulos já conhecidos. Os rótulos de que todo preto e pobre é bandido, os rótulos de que o governo deve resolver os problemas dos pobres porque são muito ignorantes e não conseguem resolver os seus problemas sozinhos. Eu fui obrigado a ouvir aqui que todo negro no seu futuro vai parar na cadeia, eu fui obrigado a ouvir aqui que o pobre não tem futuro se não for ajudado pelo Estado. Eu venho hoje aqui a essa tribuna trazer, tentar trazer, aliás, uma nova visão. Tentar trazer para essa casa um novo meio de se fazer a política, não só para a juventude, mas a política para nosso país. É preciso deixar a decisão dos caminhos e dos objetivos na mão do cidadão, e não na mão do Estado, não na mão do governo. O presidente da República, os deputados, os senadores e os ministros não são senhores ungidos que sabem o que é melhor para a dona de casa, para o pai de família. O que eu venho trazer aqui hoje é um modo de visão que respeite o indivíduo. Infelizmente, hoje o Brasil tem um Estado gigantesco e obeso, ineficiente, que impede sim muitas pessoas, principalmente os jovens mais pobres, de subirem na vida. E é este Estado gigantesco que hoje eu venho tentar combater. O alicerce da juventude, na minha humilde opinião, é a educação, e a educação no Brasil todos nós sabemos é um problema muito grande, foi dito aqui por muitos e muitos. E sempre a solução que apresentam é melhorar a educação pública, mas ninguém diz como melhorar a educação pública. Todos acham que o Estado deve administrar a escola, todos acham que os pobres da periferia têm que se submeter à péssima qualidade do ensino público. Eu venho aqui dizer que não, eu venho aqui trazer a proposta, uma proposta já conhecida de alguns países e já está sendo colocada em prática, que é a proposta de vales para a educação, de <i>vouchers</i>. Onde o governo, ao invés de administrar a educação pública, ele oferece vales para as famílias, para que elas possam escolher a escola, escola privada essa, onde seu filho pode estudar. Eu quero que o menino da periferia possa estudar na mesma escola do filho do patrão, mas, infelizmente, não é isso que a gente vê. O que a gente vê é uma elite arrogante dizendo que todos os pobres têm de se submeter ao péssimo ensino público. Enquanto o governo continuar tentando dominar a educação desse país, nós não conseguiremos alcançar na educação. Enquanto eu for obrigado, não só eu mas muitos outros jovens, enquanto nós formos obrigados a ouvir tantos outros socialistas subirem</p>	
--	--	--	--

			<p>nessa tribuna, ou falarem pra imprensa, que pobres e negros e gays não têm oportunidades nesse país, enquanto nós apenas ficamos ouvindo reclamações e mais reclamações sem apresentar nenhuma única mísera solução, nós não iremos evoluir, porque infelizmente a esquerda que dominou esse país só sabe reclamar, só sabe se vitimizar. Mas eu quero dizer que eu, como negro, como pobre, como homossexual, não me vitimizo, eu venho aqui, eu vou em qualquer lugar, porque eu quero lutar, eu quero alcançar o meu sucesso e não me rastejar por trás do Estado” (Fernando Holiday).</p>	
<p>MBL - 365 Ascensão - 1 ano de MBL</p>	<p>22 de maio de 2016</p>	<p>17.787 visualizações. Duração: 3'46”</p>	<p>“Até onde nós estamos dispostos a ir em nome dessa luta? Até o fim, certo?” (Renan Santos). “Não é fácil iniciar uma revolução, ainda mais difícil é levá-la adiante confrontando os percalços que surgem ao longo do caminho. Vencê-la, no entanto, é a mais difícil das tarefas, demanda força, criatividade, companheirismo e resiliência, sim resiliência. Resiliência pode ser confundida com fibra moral, é a incrível capacidade que o ser humano tem de permanecer fiel aos seus princípios, mesmo diante do implacável teste do tempo e dos desafios impostos por sua jornada. É característica fundamental dos campeões, dos líderes e dos santos. E não faltou resiliência ao Movimento Brasil Livre ao longo de seu primeiro ano de existência. Já nascemos em guerra com uma imprensa governista e militante. Fomos forjados na indiferença e no ódio dos porta-vozes do adesismo, atropelando suas mentiras com trabalho e criatividade. Lideramos as maiores manifestações do mundo em 2015, não apenas uma vez, mas 3, em centenas de cidades, com milhões de pessoas. Organizamos atos pequenos, médios e grandes e apanhamos, fomos caluniados, perseguidos e pressionados. Negros, jovens e mulheres aprenderam que só é vítima quem peleja a favor do caudilho, não nos vitimizamos [...]. Impressionamos e desmascaramos dezenas de políticos que insistem em tomar partido do silêncio ao invés do Brasil. Enquanto a oposição vacilava, marchamos mais de mil quilômetros para protocolar o <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff. Fomos atacados, atropelados e abandonados pela imprensa. Mas fizemos os congressistas seguirem as vozes das ruas a fórceps. Gostem ou não do MBL, a classe política começou a vê-lo com temor e respeito. E não é por menos, estamos presentes nos 4 cantos do país. Somos paulistas, catarinenses, alagoanos e baianos, deixamos nossa marca do serrado goiano à floresta amazônica, tocamos rock, somos banda de barra braba e sabemos rir dos inimigos e de nós mesmos. Somos</p>	<p>Renan Santos discursando em palco para uma multidão; imagens das barracas na frente do Congresso Nacional; imagens das manifestações; integrantes do MBL segurando bandeiras; Holiday e Kataguirí gritando para a multidão e aplaudindo; políticos segurando bandeiras do Brasil, caricatura do Lula sendo desenhada.</p>

			mais de 150 núcleos de brasileiros, jovens e velhos, homens e mulheres, negros e brancos, dispostos a lutar até o fim por um Brasil mais justo e livre. E esse é só o começo de uma jornada que irá transformar o país. A queda de Dilma Rousseff será apenas o primeiro de uma revolução que tornará o Brasil de fato um país para os brasileiros. Se nossos inimigos nos temem e nos agridem, que então se preparem. O MBL vem ainda mais forte pra 2016” (Narrador).	
Comemoração dia 31/08 – PT nunca mais	19 de agosto de 2016	14,860 visualizações. Duração: 1’00”	“Vencemos. Quem diria que aqueles poucos sonhadores que saíram às ruas em 2014 iriam triunfar? Quantos insultos, mentiras, calúnias e ataques da imprensa eles sofreram? Quanto silêncio de nossos artistas, quanta fraqueza de nossos representantes! Foram necessárias as maiores manifestações da história do país, quicá do Ocidente, para fazer a voz dos brasileiros de bem ser ouvida. E ela foi. A história foi escrita por todos vocês. O Brasil jamais será uma Venezuela, pois pode dizer com orgulho: seu povo saber lutar! Agora é hora de comemorar. Venha à Paulista, no MASP, assistir à votação do senado e gritar de uma vez por todas... PT nunca mais” (Narrador).	Imagens do MBL marchando para Brasília; membros do MBL segurando bandeiras; membros do MBL em palcos discursando, manifestações; e imagens do boneco do Lula com roupa de presidiário.
GOLPE? Estrangeiros mandam a real sobre o Brasil	23 de agosto de 2016	15,518 visualizações Duração: 5’02”	Membro do MBL: De que país que vocês são? Entrevistado: Da Colômbia. Membro do MBL: Se o presidente do seu país fosse pego gastando mais do que o orçamento aprovado, o que que você acharia disso? Entrevistado: Acharia um absurdo. Eu sou contra a corrupção, então... Entrevistado: Eu sou da Dinamarca. Eu acho que ele iria pra prisão por um longo período. Acho que nosso parlamento iria intimidá-lo. E ele não seria mais primeiro-ministro por um bom tempo. Ele seria condenado com certeza. Entrevistado: Nós somos da Holanda. Ele iria para o tribunal, ele seria preso. Seria expulso e seria preso. Iria para o tribunal, com certeza. Membro do MBL: De onde você é? Entrevistado: Inglaterra. Eu acho que as pessoas ficariam muito irritadas. Eu acho que dependeria de onde o orçamento foi gasto. Mas, no geral, isso seria considerado irresponsável. E eu acho que provavelmente as pessoas estariam protestando. Entrevistado: Sou de Portugal, Lisboa. Membro do MBL: Se o presidente do teu país fosse pego desviando recurso estatal pra comprar deputado, o que que aconteceria com ele lá em Portugal?	Membro do MBL (Arthur, do Mamãe falei) entrevista estrangeiros durante as Olimpíadas de 2016.

			Entrevistado: Ele seria preso. Nosso primeiro-ministro foi pego assim numas infrações, e ele foi preso. Então, aqui, eu acho que, assim, de verdade, que também ele deveria ser preso.	
Aula pública MBL   como melhorar o transporte sem demagogia	29 de janeiro de 2015	4.847 visualizações. Duração: 3' 27"	<p>“Antes de pensar em quebrar ônibus, acho que as pessoas têm que pensar em quebrar monopólios”. “Por exemplo: se amanhã eu quisesse comprar um ônibus e cobrar uma passagem de R\$ 1,00, eu não poderia, porque o governo proíbe. É só a empresa que possui licitação, é só o monopólio que faz acordo com o governo que pode prestar esse serviço.</p> <p>E o caso da estatização, o problema é pior ainda. Não existe nada tão ruim quanto um monopólio público, porque aí sim a gente tira completamente a decisão das mãos do consumidor.</p> <p>O grande problema do transporte é a interferência do governo. Não é com mais governo que a gente vai solucionar isso, não é com mais político, não é com mais burocrata, não é com mais impostos que a gente vai solucionar o problema do transporte.</p> <p>Nenhuma cidade de um porte minimamente razoável em todo mundo jamais proclamou passe livre e teve bons resultados. O Brasil não é a Suécia, nem a Finlândia e nem a Dinamarca. Aliás, nem nesses países o Estado de bem-estar social em sua plenitude deu certo” (Falas de Kim Kataguiri e Fábio Ostermann).</p>	Fábio Ostermann e Kim Kataguiri falam para um pequeno público, em espaço público.
15 DE MARÇO – A Maior Manifestação da História do Brasil	18 de março de 2015	55.512 visualizações. Duração: 6'19"	<p>“O PT há anos veio dividindo a sociedade: dividiu a gente entre ricos e pobres, entre negros e brancos. Mas, a partir de hoje, suas divisões inúteis não vão mais separar o povo brasileiro. Porque estamos demonstrando que somos um só povo, de uma só nação” (Fernando Holiday).</p> <p>Porque, para os parlamentares de oposição, o dinheiro deles tá aqui, ó, no bolso, durante 4 anos. Eles pediram pra Dilma sangrar, e a gente sangrar junto. Vocês querem esperar? Vocês querem sangrar com a Dilma? Vocês querem mais 3 anos de mentiras? Vocês querem perder seus empregos? Então é <i>impeachment</i> já!</p> <p>Carta aos congressistas (lida por Renan Santos): “Nós, os brasileiros, exigimos nessa tarde, que abandonem seu discurso fácil e sigam as vozes das ruas. Não aceitamos um governo golpista, que rouba o nosso dinheiro, que rouba nossa esperança e, acima de tudo, que rouba nossa liberdade. Não faremos sacrifício e nem pagaremos a conta daqueles que insistem em nos oprimir. Caros congressistas, o povo brasileiro exige apenas uma coisa: deixem seus interesses de lado e sejam oposição. <i>Impeachment</i> já!”</p>	Imagens da manifestação de 15 de março, organizada pelo MBL. Imagens do povo entoando paródias como “ô, o PT roubou”.

<p><b>Financie o Movimento Brasil Livre</b></p>	<p>31 de julho de 2015</p>	<p>457 visualizações Duração: 0'56"</p>	<p>“Você gostaria de viver em um país aonde (sic) o dinheiro fica na mão das pessoas, e não dos políticos? Você gostaria de viver num país onde as decisões são tomadas na sua comunidade, e não por burocratas em Brasília? E mais, você gostaria de viver num país onde quem trabalha e produz não é tratado como um criminoso? Eu também! O Brasil Livre é uma rede colaborativa presente em mais de 120 cidades e 20 estados, fazendo a diferença na luta contra ideologias que nos impedem de crescer e de prosperar. A queda de Dilma Rousseff é apenas o primeiro passo na direção desse Brasil que queremos, e essa mudança é responsabilidade de todos nós. Se você concorda conosco, contribua. Derrotar um governo corrupto custa caro, e nós não temos a Petrobrás pra nos financiar. Entre em nosso <i>site</i>, conheça um pouco do nosso trabalho e clique no link para doação. Nós contamos com você” (Renan Santos).</p>	<p>Renan Santos fala de trás de uma mesa; imagens das manifestações e da caminhada do MBL até Brasília são sobrepostas por notícias internacionais destacando as manifestações <i>pró-impeachment</i> de Dilma. Pessoas de verde e amarelo nas ruas, logo do MBL. Destacam-se as cores verde e amarelo.</p>
<p>Kim Kataguiuri discursando no 16 de agosto</p>	<p>19 de agosto de 2015</p>	<p>1274 visualizações. Duração: 2'10"</p>	<p>“Nós, a oposição da sociedade civil, acreditamos num país onde o povo é livre. Livre do autoritarismo, livre da mentira, livres de governantes inescrupulosos. O governo de Dilma Rousseff não respeita os limites do seu próprio poder. Com suas mentiras, está acabando com a esperança da população. Com sua incompetência, está destruindo o país. Com seus crimes, está matando o sonho dos brasileiros. Tudo o que queremos é fazer a voz do povo, é fazer a voz das ruas ecoar pelo Congresso Nacional e impedir que a população sofra ainda mais. Somos milhões de brasileiros, brancos, negros, homens e mulheres. Estamos cansados de sermos (sic) roubados, estamos cansados de sermos (sic) enganados, estamos cansados de esperar por um futuro que nunca chega. Exigimos o <i>impeachment</i> da presidente Dilma Rousseff” (Kim Kataguiuri).</p>	<p>Kim Kataguiuri, em um palco na rua. Conforme anuncia cada frase, suas palavras são repetidas pela multidão.</p>

## 2.2 Metodologia

A metodologia da pesquisa, e portanto da análise, se baseia em um corpus formado por 18 vídeos do MBL, que correspondem a uma amostra de 20% do total de vídeos publicados pelo movimento desde o dia de sua primeira publicação no YouTube, em novembro de 2014, até o *impeachment* de Dilma Rousseff. Esses 18 vídeos foram descritos na tabela acima

por meio da data de publicação, do número de visualizações, da duração, dos trechos falados e das imagens.

A escolha dos vídeos foi feita com base na maneira em que eles abordam o Outro. Ou seja, o Outro é o recorte dentro dos 92 vídeos do período escolhido, apontando a amostra de 20% (18 vídeos) que será utilizada.

Antes da apresentação do corpus, foi feita uma introdução sobre o neoliberalismo e seu contexto histórico no Brasil e no mundo, para que se pudesse compreender a ascensão de um grupo neoliberal no Brasil contemporâneo. *Item*, um estudo sobre as relações que se dão dentro de um país neoliberal, o nacionalismo e a crise do capitalismo, para que análise da relação do MBL com o Outro – e como este é necessário para sua auto-definição e criação de sua imagem por meio dos vídeos – fosse possível.

Após a descrição dos vídeos no segundo capítulo, são necessárias as fundamentações teóricas sobre o Outro, que acontecem no terceiro capítulo, a fim de que, em um segundo momento, se possa alinhá-las aos trechos dos vídeos escolhidos para a análise e, assim, chegar às considerações finais.

## Sobre o Outro

### 3.1 O que é o Outro

*Tudo o que vale para mim vale para o outro. Enquanto tento livrar-me do domínio do outro, o outro tenta livrar-se do meu; enquanto procuro subjugar o outro, o outro procura me subjugar. Não se trata aqui, de modo algum, de relações unilaterais com um objeto em si, mas sim de relações recíprocas e moventes. As descrições que se seguem devem ser encaradas, portanto, pela perspectiva do conflito. O conflito é o sentido originário do ser para-outro.*  
Jean-Paul Sartre.

Dentro de uma filosofia da representação, como a cartesiana, o Outro é tido como o próprio Eu, é um produto do pensamento: “não tematizo o outro enquanto outro, alteridade absoluta, mas o tematizo como um efeito de meu próprio pensamento” (GALLO, 2008, p. 2). Já na filosofia de Sartre, o Outro tem um papel ainda maior do que na filosofia de Descartes (GALLO, 2008, p. 3). Segundo Silvio Gallo, “[a]s coisas se invertem. Se, no cartesianismo, o outro era uma função do eu, da consciência, na fenomenologia de Sartre o eu é uma função do outro. A consciência descobre-se a si mesma olhando o outro; descobre-se presa do outro, descobre-se objetivada pelo outro” (GALLO, 2008, p. 3).

Gallo pensa a questão da alteridade sob dois pontos de vista, quais sejam: o Outro como representação, ou seja, o Outro como o próprio pensamento do eu; e o Outro como diferença (GALLO, 2008, p. 2). No primeiro caso, o Outro como fruto do pensamento do eu. Mesmo quando se concebe o Outro dentro da interioridade de um pensamento, ele não é tematizado enquanto Outro, mas sim enquanto um efeito do próprio

pensamento do eu, ou seja, não há alteridade absoluta, eu sou o próprio Outro (GALLO, 2008, p. 2). Gallo (2008, p. 2) continua:

Isto significa dizer que penso, tematizo, concebo o outro sempre na interioridade de meu ser, na interioridade de meu pensamento. O outro é um conceito, um efeito do pensamento. O outro de que falo é uma representação; isto é, não tematizo o outro enquanto outro, alteridade absoluta, mas o tematizo como um efeito de meu próprio pensamento. Em outras palavras, no âmbito de uma filosofia da representação, como é a filosofia cartesiana e toda a filosofia hegemônica, desde suas origens até nossos dias, o outro não passa de algo que eu mesmo crio, no pensamento. O outro sou eu mesmo.

Já no segundo caso, o Outro é tratado como diferença, sendo abordado nos conceitos da filosofia da diferença por diversos autores, como Deleuze, Foucault e Rancière, por exemplo. Gallo (2008, p. 9) coloca que

O exterior é, por excelência, o lugar do outro. Um pensamento do exterior é um pensamento do outro. Mas não do outro como um “outro eu”, e sim do outro enquanto tal, do outro que está, inclusive, no eu. Afirmar o pensamento do exterior significa afirmar a diferença como diferença, sem um retorno ao mesmo.

Peter Burke em sua obra *Testemunha Ocular* (2004), com base em estudos históricos sobre as reações de grupos de diferentes culturas confrontados, também divide a questão da alteridade em duas reações principais que podem ser tomadas. A primeira delas é ver ao Outro como um reflexo de si mesmo, como no caso citado pelo autor, no qual “o explorador Vasco da Gama, entrando num templo indiano pela primeira vez interpretou uma escultura de Brahma, Vishnu e Shiva como uma imagem da santíssima trindade” (BURKE, 2004, p. 153-154). A outra típica reação, que é a estudada nesta dissertação, é o reverso da primeira – construção dessa nova cultura confrontada como o inverso da sua. Para Burke (2004, p. 155), “[e]m outras palavras, quando ocorrem encontros entre culturas, é provável que a imagem que cada cultura possui da outra seja

estereotipada [...]. O estereótipo pode não ser completamente falso, mas frequentemente exagera alguns traços da realidade e omite outros”.

Busca-se entender a construção da imagem do MBL por meio do inverso que ele constrói do Outro, como no segundo exemplo de reação de Burke e no segundo pensamento de Gallo; portanto, ligado à diferença, à alteridade. O caso não é de choque de grupos culturais como no exemplificado acima, mas sim de grupos ideológicos: os neoliberais do movimento estudado (MBL) e seu inverso, a esquerda brasileira. Após essa pequena exposição do estado da arte nos estudos do Outro, o capítulo e a reflexão dessa pesquisa serão guiados principalmente pelos preceitos teóricos de alteridade de um importante autor dos estudos pós-coloniais, Edward Said.

Em seu livro *Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente*, de 1978, Said discute a construção da cultura ocidental por meio do choque com a cultura oriental, sendo estas consideradas inversas. Segundo o autor, “[o] oriente ajudou a definir a Europa (ou o Ocidente), como sua imagem, ideia, personalidade e experiência de contraste” (SAID, 1996, p. 14). É semelhante à questão de alteridade que se dá em relação ao MBL com a esquerda brasileira e, principalmente, com o PT. Esses seriam definidos pelo MBL como uma imagem e ideia de contraste.

Said aborda em sua obra o que chama de orientalismo, descrito como sendo “um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre ‘o Oriente’ e (a maior parte do tempo) ‘o Ocidente’” (SAID, 1996, p. 14) – complementando ainda que esse estereótipo de oriente trazido pelo orientalismo “é um sistema de representações enquadrado por todo um conjunto de forças que introduziram o Oriente na cultura ocidental, na consciência ocidental e, mais tarde, no império ocidental” (SAID, 1996 p. 209). No caso do MBL, há um sistema de representações tomado pelos criadores do movimento, que introduzem uma ideia de esquerda (e do próprio PT) para todos seus seguidores. Burke (2004, p. 157) explica da seguinte forma:

Os estereótipos mais grosseiros estão baseados na simples pressuposição de que ‘nós’ somos humanos ou civilizados, ao passo que ‘eles’ são pouco diferentes de animais como cães e porcos, aos quais eles são frequentemente comparados, não apenas em línguas europeias, mas também em árabe ou chinês. Dessa forma, os outros são transformados no “Outro”. Eles são transformados em exóticos e distanciados do eu. E podem mesmo ser transformados em monstros.

Essa estereotipagem ocorre não somente com outras nacionalidades, mas também com grupos dentro do próprio país: diferentes partidos políticos, religiões, orientações sexuais, gêneros. Há uma ligação entre esses estereótipos construídos sobre o Outro e o populismo. O cientista político Jan Werner Müller, em *What is Populism?*, explica que uma das características do populismo é o antipluralismo, e, para que ele seja perpetuado, é necessário estereotipar o Outro e distanciá-lo do Eu:

Populistas afirmam que eles, e somente eles, representam o povo. Pense por exemplo, no presidente turco Recep Tayyip Erdoğan declarando em um congresso do partido em provocação a seus numerosos críticos, “Nós somos o povo, quem são vocês?” Claro, ele sabia que seus oponentes também eram turcos. A afirmação de representação exclusiva não é empírica; é sempre distintamente moral. Quando concorrendo pelo cargo, populistas retratam seus oponentes políticos como parte do imoral, elite corrupta; quando no governo, eles se recusam a reconhecer qualquer oposição como legítima. A lógica populista também implica que quem quer que não apoie os partidos populistas pode não ser uma parte apropriada da população — sempre definida como justa e moralmente pura. Simplificando, populistas não afirmam “Nós somos os 99 por cento”. O que eles sugerem é “somos os 100%” (MÜLLER, 2016, p. 14, tradução da autora).

Muitos desses preconceitos e estereótipos estão presentes dentro da sociedade e têm papéis atribuídos historicamente; como cita Peter Burke (2004, p. 64):

Mas se estivermos de acordo em que todas as coisas na história, assim como a própria história, são feitas pelos homens, veremos então como é possível que a vários objetos ou lugares ou épocas sejam atribuídos papéis e significados

dados que adquirem validade objetiva só depois que essas atribuições acontecem.

Um exemplo de criação de imagem em relação ao Outro é o que os EUA fizeram com o “Pânico Vermelho”. Criou-se o medo do comunismo, do socialismo, dos estudos de Karl Marx. Bastava ver, como os controladores do consenso diziam, as barbáries que ocorriam na Rússia e na China socialistas. Não seria esse pânico semelhante a uma das referências de Outro que faz o MBL? Para tornar essa ideia clara, é necessário voltar no conceito de orientalismo de Said:

O orientalismo é um estilo de pensamento baseado em uma distinção ontológica e epistemológica feita entre “o Oriente” e (a maior parte do tempo) “o Ocidente”. Desse modo, uma enorme massa de escritores, entre os quais estão poetas, romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e administradores imperiais, aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como ponto de partida para elaboradas teorias, épicos, romances descrições sociais e relatos políticos a respeito do Oriente, dos seus povos, costumes, “mente”, destino e assim por diante (SAID, 1996, p. 14).

O que é a esquerda (do ponto de vista da direita neoliberal), senão uma distinção, com base na diferença, aceita pelos seus seguidores? Assim como a massa de escritores, filósofos e teóricos políticos aceitou a distinção básica entre Oriente e Ocidente como ponto de partida na elaboração de suas obras, os seguidores do MBL também aceitam a dicotomia formada entre direita e esquerda como partida para seu pensamento. Para elucidar melhor essa ideia, seguem alguns trechos retirados dos vídeos de MBL, nos quais a distinção entre o movimento e o Outro é exposta:

Nossa bandeira jamais será vermelha. Eles estão nos alinhando com o que há de pior na política externa, nós não merecemos ser parceiros subservientes de Cuba e nem de Venezuela. Nós não nascemos pra isso. O governo da Dilma já não está acontecendo. Nunca, nunca antes, nossos parlamentares de Brasília agiram da forma como eles estão agindo. Eles estão agindo com o coração. Porque nós, no dia 11, no dia 15, e o pessoal do “Vem pra Rua” antes, obrigamos nossos parlamentares a agirem como homens. Agora eles vão agir como

homens. Nós nunca, nunca vamos deixar que nosso país esteja sob uma ditadora totalitária, que é o objetivo do PT. Que isso, Dona Dilma, nós não aceitamos ver a Petrobras ser estuprada – na verdade, que é isso que acontece. Temos uma quadrilha patrocinada pelo PT e seus aliados alugados, que usam toda estrutura da empresa para financiar o seu maldito projeto de poder, pra se beneficiar e também para servir aos planos nefastos do Foro de São Paulo. O Brasil consegue furar a barreira da informação, graças à liberdade na internet, que a tecnologia e o capitalismo nos proporcionou (sic) (06 de dezembro, 2014).

DIA 01 DE NOVEMBRO ATO CONTRA A DILMA E O PT. Chega desse governo de iniciativas bolivarianas que quer transformar o Brasil em Cuba. Estão tentando dividir pobres e ricos, negros e brancos a fim de dividir pra poder reinar. O PT e sua corja, liderados pelo Lula. Nós estamos aqui pelo Estado Democrático de Direito. Decência, legalidade, é isso que nós queremos (01 de novembro, 2014).

Trazendo a análise para o ponto de vista do pressuposto, aproximando-se da análise do discurso, é possível realizar algumas comparações. “Eles estão nos alinhando com o que há de pior na política externa” (06 de dezembro, 2014): nesse enunciado, por exemplo, pressupõe-se que se “eles” estão alinhados com o que há de pior na política externa – e “eles” são o Outro –; logo, o MBL não está alinhado com o que é ruim internacionalmente, mas sim com o certo. “Estão tentando dividir pobres e ricos, negros e brancos a fim de dividir pra poder reinar” (01 de novembro, 2014). Se “eles” estão tentando dividir pobres e ricos, logo o MBL, nacionalista, é o contrário disso, pois traz a união à nação. “Temos uma quadrilha patrocinada pelo PT” (06 de dezembro, 2014): como o PT é o Outro, logo, o pressuposto da dicotomia é que o MBL seja honesto, e assim por diante.

Esses pressupostos, da alteridade e distinção de ações, acabam causando, em certa medida, ideias como: se a esquerda faz discurso de ódio, e eu sou diferente da esquerda, logo, eu não faço discurso de ódio. Caso semelhante ao pensamento de formação da ideia e da tradição imagísticas orientais que Said (1996, p. 17) coloca: “o Oriente é uma ideia que tem uma

história e uma tradição de pensamento, imagística e vocabulário que lhes deram realidade e presença no e para o Ocidente. As duas entidades geográficas, desse modo, apoiam e, em certa medida, refletem uma à outra”. São reflexos das duas entidades, como coloca o autor. O MBL, assim como o Ocidente, tem ideias, histórias e tradições de pensamentos diferentes da esquerda (Oriente).

Quando se refere a países da América Latina com governos conhecidos por serem de esquerda, o MBL pretende “carregar de conteúdo negativo as ações dos sujeitos referidos (PT, Dilma Rousseff, Lula etc.). Nos enunciados do MBL observa-se tanto a referência a esse país como um lugar violento, subdesenvolvido, ditatorial e sem liberdade” (YAMAMOTO; DE MOURA, 2018, p. 162). Isso acontece em enunciados como: “Nossa bandeira jamais será vermelha”; “nós não merecemos ser parceiros subservientes de Cuba e nem de Venezuela”; e “Chega desse governo de iniciativas bolivarianas que quer transformar o Brasil em Cuba”. É o “pânico vermelho” renovado pela nova direita brasileira. Mais: é, como colocou Burke, um distanciamento do Outro em relação ao Eu, é a transformação do outro em Outro, tornando-o uma espécie de monstro exótico. É o reforço da ideia do “nós somos o povo, quem são vocês?”, explorada anteriormente.

Outro enunciado que se repete durante os vídeos do MBL e em suas publicações *online* que precisa ser destacado na pesquisa é a exaltação do capitalismo. Em um dos vídeos, ele aparece na frase: “[o] Brasil consegue furar a barreira da informação, graças a liberdade na internet, que a tecnologia e o capitalismo nos proporcionou (sic)”.

O Movimento Brasil Livre é um movimento que acredita que fundamentalmente uma República é feita de instituições fortes. E ele acredita também que o combate a um partido que trabalha de forma sistemática pra destruir e desmoralizar as instituições, seja comprando parlamentares, seja aparelhando desde empresas estatais a órgãos, ministérios, autarquias, em todas as instâncias. A derrota desse sistema, a derrota desse partido, através justamente das instituições, é que nos fará um dia, se trabalharmos dessa maneira decente,

uma democracia séria, tal qual os EUA da América (RENAN SANTOS sobre, 2015).

No trecho “[...] é que o nos fará um dia, se trabalharmos dessa maneira decente, uma democracia séria, tal qual os EUA da América” (RENAN SANTOS sobre, 2015) fica destacado o efeito positivo de enunciado sobre os Estados Unidos, contrapondo o efeito negativo sempre utilizado para países como Cuba e Venezuela. Outro trecho que merece destaque nessa fala é: “[e] ele acredita também que o combate a um partido que trabalha de forma sistemática pra destruir e desmoralizar as instituições, seja comprando parlamentares, seja aparelhando desde empresas estatais a órgãos, ministérios, autarquias, em todas as instâncias”. É possível saber tratar-se do PT sem nenhuma menção anterior ao partido nessa fala de Renan Santos.

Sobre a construção de uma opinião, como o MBL faz por meio de seus vídeos, Chomsky coloca que as pessoas, no geral, não veem motivo para aventuras externas, confusão e guerras; portanto, é preciso instigá-las. É preciso amedrontá-las, pois a população normalmente é pacifista (CHOMSKY, 2013, p. 31). No livro, o autor refere-se a questões mais literais, como a Primeira Guerra Mundial; já, aqui, toma-se como exemplo para esse argumento a alteridade e austeridade instigadas pelo MBL com relação ao Outro – como é descrito nos vídeos que são citados e analisados durante a pesquisa –, atuando, assim, em uma construção da opinião dos seguidores do movimento sobre a esquerda e os pensamentos socialistas/marxistas.

Leo Maar explica que o ser humano, como agente histórico, é um produto socializado de uma maneira predeterminada e, dentro dessa construção de opinião “[e]xiste uma determinação do modo de produção capitalista e das correspondentes formas de organização da vida que é exercida sobre o processo histórico e seu próprio contexto de classe” (LEO MAAR, 2016 p. 220). O autor ainda complementa que “[p]articularmente no Brasil, desde cedo as relações inter-humanas resultam da dominação do modo de produção e da “forma particular de sociedade que lhe

corresponde”, contribuindo prioritariamente para a reprodução dessa mesma formação social” (LEO MAAR, 2016 p. 220).

Como o neoliberalismo, ideologia defendida e adotada pelo MBL tende a favorecer os proprietários de corporações e donos dos meios de produção, e a esquerda tende a ter um apelo maior às causas sociais, essa relação inter-humana dentro da autodefinição do MBL também resulta da dominação. Outra forma de negação da alteridade e ódio ao Outro propagada nos vídeos do MBL está presente no seguinte exemplo:

Vencemos. Quem diria que aqueles poucos sonhadores que saíram às ruas em 2014 iriam triunfar? Quantos insultos, mentiras, calúnias e ataques da imprensa eles sofreram? Quanto silêncio de nossos artistas, quanta fraqueza de nossos representantes! Foram necessárias as maiores manifestações da história do país, quiçá do Ocidente, para fazer a voz dos brasileiros de bem ser ouvida. E ela foi. A história foi escrita por todos vocês. O Brasil jamais será uma Venezuela, pois pode dizer com orgulho: seu povo saber lutar! Agora é hora de comemorar. Venha à Paulista, no MASP, assistir à votação do senado e gritar de uma vez por todas... PT nunca mais (COMEMORAÇÃO dia 31/08, 2016)

Frequentemente, o MBL utiliza do local de fala<sup>1</sup> de um de seus líderes para perpetuar o nacionalismo e o neoliberalismo. Fernando Holiday, gay, negro e filho de nordestinos de origem pobre, era sempre o escolhido pelo movimento, em seu primeiro ano de atuação, para falar em ocasiões como o protocolo de *impeachment* na Câmara dos Deputados, entre outros eventos mais formais. Holiday repete, em diversos vídeos, sua história, como forma de convencimento às suas ideias. Seguem abaixo os trechos dos vídeos em que isso ocorre:

Na tarde de hoje, eu gostaria de dizer a todos vocês e principalmente à imprensa, a imprensa que vem defendendo esse governo mesmo em seus últimos instantes, de que eu não sou branco e não sou rico. Eu venho de Carapicuíba,

---

<sup>1</sup> Local de fala é uma discussão recente, porém, importante na filosofia da linguagem. Foi sugerido por Linda Alcoff, em seu artigo “The Problem of Speaking for Others”, que o local de fala afeta não somente o sentido, mas também a verdade do que é dito (MARINO; LAUREN, 2005, p. 35).

uma região periférica da grande SP. Minha família é do interior da Bahia. E, na década de 60, vieram para São Paulo em pau de arara passando fome. E se hoje temos... E se hoje temos o mínimo de conforto é porque minha família não se acomodou. E porque, mesmo sendo pobres, mesmo passando por dificuldades, nós lutamos, nós trabalhamos, nós acordamos cedo todas as manhãs. Para lutar e para prosperar. E é isso que todos os brasileiros fazem [...] E é com base na experiência de vida da minha mãe que hoje venho trazer um recado a todos vocês. Quando saírem daqui, dessa manifestação no dia de hoje, e voltarem pra casa, e encontrarem um político do PT, do PCdoB ou do PSOL, que insistir em dizer que, se hoje você tem comida na sua panela e no seu prato, e que, se hoje seu estômago não é corroído pela fome, é porque o PT trouxe comida para sua casa, É porque o PT trouxe dinheiro para sua conta, diga a eles que não! Diga a eles que nós somos os vencedores! (DISCURSOS 16 agosto | Fernando, 2015).

Estou aqui representando o Movimento Brasil Livre, mas não somente o Movimento Brasil Livre. Eu disse no momento do protocolo e acredito que é sempre bom repetir: eu venho da periferia de São Paulo, minha família vem do interior da Bahia. Passaram fome, é verdade, hoje já não passam mais. E, durante os últimos mais de 12 anos, fomos obrigados a ouvir que o senhor Luiz Inácio Lula da Silva e que a senhora Dilma Rousseff tirou (sic) a nossa fome. Fomos obrigados a ouvir que foram (sic) graças a eles que subimos na vida. Hoje, eu venho aqui em nome da minha família e em nome de tantas outras dizer que isso não é verdade. Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff o que mais fizeram para os pobres na verdade foram (sic) enganá-los, foram (sic) roubá-los. E, hoje, o *impeachment* de Dilma Rousseff que foi protocolado fará justiça a isso, fará justiça aos crimes cometidos pelo governo de Dilma, fará justiça à enganação, fará justiça a todas as mentiras ditas (FERNANDO Holiday discursando no pedido, 2015).

Começo dizendo que, no convite em que recebi, consta aqui que deveríamos comemorar o dia da eliminação da discriminação racial, ou dia internacional de luta de eliminação da discriminação racial. Entretanto, o que vi aqui, entre líderes de movimentos, de sindicatos, de parlamentares, dos mais diversos partidos, o que vi aqui foi o puro racismo. Em sua maioria vindo de negros. Negros que dizem defender as pautas dos mais pobres, as pautas dos mais oprimidos. Eu tive de ouvir aqui muitos absurdos, mas, dentre os quais, o mais absurdo foi o tal do hino à negritude. Um hino que, senhores, eu não consigo ver de outra forma senão como um hino de segregação, senão como um hino

que tenta mais uma vez, como é de praxe da esquerda, separar o povo (HOLIDAY MITA em comissão sobre discriminação, 2016).

Destacam-se aqui alguns enunciados nos quais fica evidente o uso do local de fala feito por Holiday: “de que eu não sou branco e não sou rico”; “E é com base na experiência de vida da minha mãe que hoje venho trazer um recado a todos vocês”; “eu venho da periferia de São Paulo, minha família vem do interior da Bahia. Passaram fome, é verdade, hoje já não passam mais”; “E, na década de 60, vieram para São Paulo em pau de arara passando fome. E se hoje temos... E se hoje temos o mínimo de conforto é porque minha família não se acomodou”. A meritocracia também está presente nesse discurso, em enunciados como: “E porque, mesmo sendo pobres, mesmo passando por dificuldades, nós lutamos, nós trabalhamos, nós acordamos cedo todas as manhãs”. Essa exaltação do merecimento e do mérito é algo recorrente no discurso dessa nova direita – tais questões que serão melhor abordadas no próximo subcapítulo. Holiday aproveita ainda para citar mais uma repetição típica do MBL e termina um dos discursos dizendo “é de praxe da esquerda separar o povo” (HOLIDAY MITA em comissão sobre discriminação, 2016).

### **3.2 Alteridade e a crise do trabalho**

Retomando a questão do nacionalismo, analisada no capítulo anterior, bem como a crise do trabalho, é necessário entender como esses também são utilizados para propagar a alteridade e o ódio ao Outro. Chomsky (2013) cita o exemplo da Fórmula do vale Mohawk, uma maneira do governo americano sanar as greves utilizando-se para isso do nacionalismo:

O interesse geral é o “nosso”, o do homem de negócios, do trabalhados, da dona de casa. Todos esses somos “nós”. Nós queremos ficar juntos e partilhar de coisas como harmonia e americanismo, e também trabalhar juntos. Aí vem esses grevistas malvados e desordeiros, criando confusão, quebrando a

harmonia e profanando o americanismo. Precisamos detê-los para que todos possamos viver juntos (CHOMSKY, 2013, p. 25).

Um exemplo mais claro de guerra ao Outro, que acontece dentro do neoliberalismo e da crise do trabalho, está descrito no texto “Guerra aos vagabundos”, de Maurílio Lima Botelho, na revista *Margem esquerda*, da Boitempo. O autor explica como o desempregado é visto como o outro, como o vagabundo, embora essa condição decorra do fato de o sistema econômico vigente não ter espaço para todos os trabalhos necessários, a fim de que a sociedade viva sem exclusão de classe. Aqui no Brasil, segundo Botelho:

Principalmente no seio da classe média – que não foi eleita pelo lulismo como uma “classe sócia à mesa da comunhão nacional”, preterida diante dos “excluídos” e da elite econômica do país – foi inflamado o discurso contra o “vagabundismo remunerado”, tal como descrito, não por acaso, por um deputado do PMDB (BOTELHO, 2018, p. 122).

Segundo a análise de Botelho em seu artigo, foi principalmente a partir de 2013 e das manifestações verde-amarelas, as mesmas que deram espaço ao nascimento do MBL, que se multiplicaram os cartazes e críticas ao Bolsa Família e ao auxílio-reclusão, por conta da fé na meritocracia e do discurso de que só não trabalha quem não quer e que todos poderiam ser empreendedores. Os que sobrevivem do Bolsa Família seriam, para esses fiéis da meritocracia, sustentados pelo Estado e pelos impostos de quem tem um emprego ou trabalho dentro da lógica capitalista da palavra (excluindo o que não é considerado gerador de capital) (BOTELHO, 2018, p. 122). Como já comentado neste trabalho, Botelho afirma que a crença na meritocracia faz com que parte da população acredite que a “culpa” de não trabalhar e ter de sobreviver de subsídios do governo seria inteiramente pessoal daqueles que não conseguiram autonomia econômica, e não de uma condição estrutural preexistente. Logo após esse período de manifestações verde-amarelas, há o *impeachment* da presidente Dilma, considerado por Botelho “a válvula de escape para ressentimentos de todos os tipos em torno da ética do trabalho” (BOTELHO, 2018, p. 123).

Mas, como há toda uma condição estrutural no capitalismo e em sua crise, que está fazendo com que o trabalho seja mais automatizado e haja, por consequência, a diminuição do número de empregos, sequelas virão até mesmo para aqueles que acreditam na meritocracia. Segundo Botelho (2018, p. 126),

Mesmo os “trabalhadores” que se colocam hoje ao lado da intervenção militar e contra os “vagabundos” serão futuramente o inimigo nessa guerra civil difusa, tão logo o mercado de trabalho os expelir. Quem fala em nome do trabalho, fala em nome da guerra – historicamente, a principal fonte de empregos na sociedade capitalista.

Essa crise envolvendo as percepções de trabalho que ocorre no neoliberalismo – além da alteridade e da diferença para com o Outro, denominado vagabundo por não conseguir se encaixar e uma atividade produtiva ao capital – acontece principalmente porque o processo de neoliberalização abala toda as estruturas “do trabalho, das relações sociais, da promoção do bem-estar social, das combinações de tecnologias, dos modos de vida e de pensamento, das atividades reprodutivas, das formas de ligação à terra e dos hábitos do coração” (HARVEY, 2008, p. 13). Demonstrações dessa alteridade pela sociedade do trabalho estão presentes nos vídeos “*Impeachment é mais amor – Movimento Brasil Livre*” e “Faça parte da mudança! 16 de agosto”, nos quais se diz:

Dia 16 de agosto será uma demonstração de amor pelo Brasil. Pois mais amor é abdicar de um dia com a sua família para lutar por seu país. Mais amor é honrar aqueles que nos orgulham e inspirar aqueles que nos seguem. Mais amor é lutar pelo que é certo, e não pelo que é mais conveniente. Mais amor é fazer uma revolução pacífica, popular e inclusiva. Nós repudiamos o discurso de ódio do PT, pois *Impeachment é mais amor*. (IMPEACHMENT é mais, 2015).

16 de agosto será o dia nacional daqueles que acordam cedo todas as manhãs. Será o dia nacional daqueles que cansaram de ser roubados em silêncio. Será o dia nacional daqueles que voltaram a sonhar e daqueles que mantêm o nosso país vivo. 16 de agosto estará nos livros de história. Cabe a você escolher como

ela será contada. A mudança já começou. Por um Brasil livre! (FAÇA parte, 2015).

Os enunciados “será o dia nacional daqueles que acordam cedo todas as manhãs” e “pois mais amor é abdicar de um dia com a sua família para lutar por seu país” demonstram esse processo de neoliberalização que faz com que o povo relacione o espírito capitalista de mérito apenas ao trabalhador (trabalho aqui, no sentido de produção de capital), deixando o homem que é excluído pelo mercado de trabalho capitalista como errado, pois seria sustentado pelas medidas sociais do governo (como o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida, por exemplo, programas desenvolvidos pelos governos do PT). O enunciado “Será o dia nacional daqueles que voltaram a sonhar e daqueles que mantêm o nosso país vivo” reforça a ideia de que o país é mantido apenas pelo trabalhador, excluindo da ideologia neoliberal aquele que é afastado da sociedade do trabalho pelo próprio sistema vigente neoliberal. Nesses casos, o Outro se refere ao não trabalhador; e o Eu, ao trabalhador (dicotomia).

Já nas frases “Mais amor é lutar pelo que é certo, e não pelo que é mais conveniente” e “Nós repudiamos o discurso de ódio do PT, pois *Impeachment* é mais amor”, a questão do Outro fica evidente de uma forma um pouco diferente: não é o Outro não trabalhador (inverso do Eu trabalhador, que sustenta o país), mas sim o Outro PT, o Outro como forma inversa do Eu. Se o PT realiza um discurso de ódio, e eu sou diferente do PT; logo, o meu discurso não é de ódio. Se eu luto pelo que é certo e não pelo que é mais conveniente, e o PT é o Outro (diferente de mim); logo, o PT luta pelo que é conveniente, e não pelo certo. Assim, confirma-se que o Outro utilizado frequentemente no discurso do MBL assume diferentes formas conforme o enunciado do vídeo, mas sempre está ligado à esquerda.

A frase que termina o segundo vídeo citado – “A mudança já começou. Por um Brasil livre!” – traz à luz a discussão sobre o que seria o Brasil livre, o inverso do Brasil prisioneiro (Outro). De que Brasil Livre estariam

falando? Seria a liberdade democrática? A liberdade de expressão? A liberdade de escolhas? Ou apenas a liberdade de mercado?

A ideia de liberdade degenera assim em mera defesa do livre empreendimento, que significa a plenitude da liberdade para aqueles que não precisam de melhoria em sua renda, seu tempo livre e sua segurança, e um mero verniz de liberdade para o povo, que pode tentar em vão usar seus direitos democráticos para proteger-se do poder dos que detêm a propriedade. Mas se, como é sempre o caso, não é possível uma sociedade sem poder e compulsão, nem um mundo em que a força não tenha função, a única maneira de manter essa visão utópica liberal está na força, na violência e no autoritarismo (HARVEY, 2008, p. 46).

Ou seja, a liberdade se transforma em mera defesa de livre empreendimento e da liberdade de mercado. Acaba significando, como coloca Harvey, a plenitude de liberdade para as classes sociais altas e pouca liberdade para o povo. A liberdade, para o MBL e seus seguidores, é ligada a ideias de privatização, de *vouchers*, de diminuição de impostos e desburocratização de empresas estrangeiras. Isso não favorece em nada as classes menos favorecidas. É uma liberdade ditada por homens brancos ricos patrocinados por *think tanks* americanos. O que é tratado como hostil à liberdade pelo MBL é, na verdade, a limitação da competição, da entrada de capital exterior e da privatização. Ações promovidas pelo MBL, para serem consideradas livres no sentido filosófico da palavra, deveriam ser isentas de um fim intencionado ou previamente desejado (*impeachment*, por exemplo), deveriam também ser capazes de transcender objetivos e motivos. Mais: tampouco deveriam promover a alteridade e a austeridade para com o outro. O que se observa na análise, contudo, é um pouco diferente. Bem resumida em uma frase de Noam Chomsky, em entrevista ao *The Nation*: “[e] se você se perguntar qual era é essa, seu princípio crucial é debilitar mecanismos de solidariedade social e suporte mútuo, e engajamento popular na determinação política. E não é chamado disso. É

chamado é de liberdade” (CHOMSKY, 2017).<sup>2</sup> Segundo Barbosa (2017, p. 3),

Apresentam-se como libertários ou libertarianos, numa interpretação de que o neoliberalismo tem como pressuposto a defesa da liberdade econômica e, aqueles, além do primado “da mão invisível do mercado”, defendem principalmente as liberdades políticas sustentadas por um “Estado mínimo” e liberdades jurídicas, na valoração dos direitos individuais.

Assim como explana Bolaño, em sua tese “Capital, estado, indústria cultural”, sobre o que ocorre no capitalismo, o MBL é também um conjunto de burgueses interessados em manter a ideia de “liberdade” que, na verdade, é uma relação de inversão (BOLAÑO, 1993). Segundo o autor, “[o] Estado guarda apenas o momento da igualdade dos contratantes negando a desigualdade de classes, para que, contraditoriamente, a igualdade dos contratantes seja negada e a desigualdade das trocas seja posta” (BOLAÑO, 1993, p. 21).

Marcuse (1969, p. 27) propõe a questão: “[c]omo podem as pessoas que tenham sido objeto de dominação eficaz e produtiva crias elas próprias as condições de liberdade?”. Como pode o MBL, inserido dentro de uma ideologia, que, por sua vez, está inserida dentro de um sistema econômico vigente (capitalismo), propor o que seria um Brasil livre e, portanto, por meio do não dito, o que seria um Brasil não-livre? A resposta é: chamando de liberdade, como cita Chomsky, os mecanismos que debilitam a solidariedade social e o suporte mútuo, e intensificando, o que seriam para Marcuse algumas características da sociedade industrial desenvolvida e que hoje se encaixam nas políticas neoliberais, regulamentações da “livre competição entre sujeitos econômicos desigualmente equipados” (MARCUSE, 1969, p. 23). Ao mesmo tempo, como poderiam os seguidores e simpatizantes do movimento não acreditar nessas propostas de liberdade ou contestá-las, se também não podem criar sua própria condição de

---

<sup>2</sup> CHOMSKY, Noam. Neoliberalism is destroying our democracy. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tBzSLu3MZ6I&t=109s>>. Acesso em: 13 de jan de 2019. Tradução da autora.

liberdade, visto que estão inseridos dentro de uma ideologia de dominação eficaz?

As grandes palavras de liberdade e realização, ao serem pronunciadas por líderes políticos em campanhas nas telas, no rádio e nos palcos, tornam-se sons sem significado algum que só adquirem significado no contexto da propaganda, dos negócios, da disciplina, do repouso. Essa assimilação do ideal com a realidade é um testemunho do quanto o ideal foi ultrapassado. Ele é trazido do reino sublimado da alma ou do espírito ou do ser interior e trazido para termos e problemas operacionais (MARCUSE, 1969, p. 70).

Como cita Marcuse, as palavras de liberdade prometidas pela MBL, ao serem pronunciadas por seus líderes, acabam adquirindo significado no contexto da propaganda do movimento. Volta a questão: como prometer liberdade, se um movimento com uma ideologia predefinida e inserido dentro de um sistema vigente não pode ser capaz de definir o que é liberdade por si só? A liberdade do MBL é definida com base na diferença em relação ao Outro. Com Dilma estamos presos, com o MBL estamos livres.

Em um dos 18 vídeos escolhidos para a análise, chamado “Comemoração dia 31/08 – PT nunca mais”, no qual o movimento pronuncia essas palavras de liberdade analisadas acima, o MBL marca uma comemoração pelo *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, simbolizando aqui como o Outro tem grande importância em seu canal:

Vencemos. Quem diria que aqueles poucos sonhadores que saíram às ruas em 2014 iriam triunfar? Quantos insultos, mentiras, calúnias e ataques da imprensa eles sofreram? Quanto silêncio de nossos artistas, quanta fraqueza de nossos representantes! Foram necessárias as maiores manifestações da história do país, quicá do Ocidente, para fazer a voz dos brasileiros de bem ser ouvida. E ela foi. A história foi escrita por todos vocês. O Brasil jamais será uma Venezuela, pois pode dizer com orgulho: seu povo saber lutar! Agora é hora de comemorar. Venha à Paulista, no MASP, assistir à votação do senado e gritar de uma vez por todas... PT nunca mais. (COMEMORAÇÃO dia 31/08, 2016).

Para o movimento “vencer”, naquele momento, seria destituir a presidente Dilma de seu cargo. Nessa passagem, fica claro que, para o MBL, “aqueles poucos sonhadores que saíram às ruas em 2014” o estavam fazendo justamente pelo *impeachment*, e não pelo Brasil livre. Para eles, conclui-se que o Brasil livre, naquele momento específico do movimento, foi um Brasil sem Dilma. Como o movimento continuou crescendo depois dessa primeira conquista da nova direita (o golpe), a liberdade adquiriu novos sentidos, como a prisão de Lula e as eleições 2018.

Em “Foram necessárias as maiores manifestações da história do país, quiçá do Ocidente, para fazer a voz dos brasileiros de bem ser ouvida”, vem à luz novamente a questão do Eu ser sempre o brasileiro de bem, e o Outro ser sempre o impuro e errado, como coloca Müller sobre o discurso dos populistas. A frase “A história foi escrita por todos vocês” deixa evidente o fato de o populismo sempre se referir ao 100% e certo de que sua parte da população (a que interessa) é sempre inteiramente digna e correta. Essa ideia é reafirmada na frase “Quanto silêncio de nossos artistas, quanta fraqueza de nossos representantes!”. “Todos vocês” não significa todos os brasileiros, significa todos os brasileiros que interessam ao MBL, que pensam como o movimento. Quanto à frase “Foram necessárias as maiores manifestações da história do país, quiçá do Ocidente”, essa está ali para lembrar aos seguidores da credibilidade do movimento, capaz de organizar tais manifestações.

Os últimos dois vídeos dos 18 selecionados para análise são: “Discursos 16 de agosto | Renan Santos” e “13 de março – Ou você vai ou ela fica!”. A análise começa aqui com o vídeo de Renan Santos.

Uma vez Hugo Chávez disse, na Venezuela – e o Flávio vai me confirmar – que a revolução não será televisionada. E eu achei muito irônico que a nossa revolução não está sendo televisionada. Boa parte da grande imprensa ainda nos ignora e boa parte da imprensa ainda tenta nos tachar do que não somos (DISCURSOS 16 de agosto, 2015).

Renan transmite a imagem nos vídeos de ser um membro do MBL que entende de instituições, leis, direitos. Ele é um pouco mais velho que

os demais (36 anos). Cita Hugo Chávez, demonstrando saber sobre a história dos países da América Latina, então conhecidos por seus governos socialistas. A mensagem parece ser: Renan Santos sabe o que fala. Outro importante destaque desse trecho para a análise é a frase “E eu achei muito irônico que a nossa revolução não está sendo televisionada”, o que traz à luz a questão: por que para Renan é irônico a sua revolução não ser televisionada, mas quando Chávez diz isso tudo parece normal?

Isso aqui é a cultura de resistência ao modelo hegemônico que foi tentado ser implementado na nossa cabeça. E cada camiseta com um dizer diferente que a gente veste... Cada música que a gente canta... e essa coisa incrível que eles estão fazendo de ir ensaiar e vir aqui botar pra foder e levantar todo mundo, não tem preço! (DISCURSOS 16 de agosto, 2015).

Nós... Nós não ficamos aqui falando sobre pobre. Porque pobre tem que deixar de ser pobre, isso é o fundamental! Pobre tem que ganhar dinheiro. E pobre não tem que ser instrumento político em nome dos mesmos. Porque quem fala em nome dos pobres, sempre vai querê-los pobres. Nós não queremos ter pobres. Porque nós não queremos que ninguém seja pobre. Esse é o pensamento do brasileiro! (DISCURSOS 16 de agosto, 2015).

O enunciado “esse é o pensamento do brasileiro” é o que Marcuse coloca como a ideologia determinando os modos de vida.

Não tem ninguém aqui intolerante, não tem discurso de ódio contra negro, contra gay, contra nordestino [...]. Nosso discurso é de amor, amor por um país. Porque, quando você sai da tua casa pra lutar pelo teu país, você também está lutando por pessoas que não fizeram o mesmo por você. Quando você está saindo da sua casa, pensando que os outros tem que pagar menos impostos, você não tá pensando apenas em você, está sendo caridoso com outros... *Impeachment* é sim um pedido de amor. É um pedido de amor pelas contas públicas que são estupidadas por governantes que usam dinheiro pra se promover. Eles falam em discurso de ódio, mas o que eu vejo aqui é apenas amor. O que eu vejo aqui são pessoas, de todos os cantos da minha cidade, juntos – sem se conhecer – gritando a mesma coisa (DISCURSOS 16 de agosto, 2015).

Já o vídeo “13 de março” faz uso de falas do ex-presidente Lula, como “Eu quero dizer aqui à CUT, ao PT, aos sem-terra, ao PCdoB, que, a partir da semana que vem, me convidem que eu estarei disposto a andar esse país...”. O Outro atinge um patamar de importância tão grande no canal do MBL que suas falas são utilizadas como exemplo do que não deve ser propagado. Seria inaceitável para o MBL e seus seguidores se unirem à CUT, ao PT, aos sem-terra e ao PCdoB, pois esses já são instaurados em seu imaginário como algo ruim. Quando Lula diz abertamente que estará disposto a andar por este país ao lado destes, é como se dissesse coisas inaceitáveis, coisas horríveis.

Como se trata de uma análise audiovisual dos vídeos, e não apenas do discurso falado contido neles, agora se adentra a parte das imagens e da trilha sonora. As cores verde e amarelo são recorrentes nos vídeos e foram quase que tomadas como símbolos dos movimentos da nova direita brasileira. Isso aconteceu principalmente a partir de 2013, e hoje é perceptível também sua utilização na estética *bolsonarista*.

Algo também recorrente nos vídeos, já descritos na tabela do capítulo sobre a análise, são as imagens das manifestações e dos discursos em palanques montados. O MBL utiliza esses *frames* como uma espécie de comprovação de que seus eventos nas ruas foram grandiosos e calorosamente comprados pelos seguidores. Naquela época, era como se o movimento ainda precisasse comprovar seu crescimento e importância no cenário nacional.

Há imagens cujo objetivo é comprovar a credibilidade dos líderes do movimento, como acontece, por exemplo, nos vídeos de Holiday discursando na Câmara. Em contrapartida, há também vídeos dos líderes no meio do povo. É aquela famosa atitude política de tempos de eleição, mas aplicada aos membros do MBL: o político precisa mostrar seriedade (engravatado, no Congresso), mas também precisa tomar café com leite e comer pastel na rua (no caso, no palanque, utilizando uma camiseta da CBF no meio do povo).

Outro *frame* que chama a atenção nos vídeos analisados mostra os membros do MBL ao lado de políticos de Brasília (frame do vídeo “MBL – 365 Ascensão – 1 ano de MBL”), quando a caminhada pelo protocolo de *impeachment* chega ao fim. A imagem apresenta dois dos principais integrantes do movimento, Kim Kataguiri e Renan Santos, em meio a vários parlamentares de terno e gravata, quase como se estivessem mesclados. Os políticos seguram a bandeira do Brasil, reforçando o simbólico nacionalismo presente no MBL. É como se a verdadeira e boa pátria estivesse ao lado daqueles que carregam a bandeira, e os Outros fossem os errados e bandidos. Nota-se que os políticos estão à frente; são eles que carregam a bandeira do Brasil: Renan Santos e Kataguiri são coadjuvantes nessa foto. É quase como se o *frame* demonstrasse a verdadeira formação do movimento, levado pelo patrocínio de *think tanks*, de políticos e agentes poderosos.

A trilha sonora escolhida pelo MBL para os vídeos também transmite uma mensagem importante. Ela comprova o público-alvo dos vídeos. Os protestos são embalados por *hits* de bandas de *indie rock* contemporâneas, como Daft Punk (vídeo “06 de dezembro”), Cage the Elephant (“Aula Pública MBL | Como melhorar o transporte sem demagogia”), MUSE (“15 de março a maior manifestação da história do Brasil”) e até *rocks* mais clássicos, que estão sendo revividos pelos jovens agora, como Big Star (“Comemoração dia 31/08 – PT NUNCA MAIS!”). A trilha sonora funciona como uma forma de tornar o MBL ainda mais *cool*.

Outros vídeos, como “13 DE MARÇO – ou você vai ou ela fica!” e “MBL – 365 Ascensão – 1 ano de MBL”, têm na trilha a mensagem de motivação e, até mesmo, de ameaça. Especificamente no vídeo “13 DE MARÇO – ou você vai ou ela fica!”, a trilha sonora atua como a construtora de sentido. O vídeo começa com uma trilha assustadora e ameaçadora, mostrando imagens do Lula e de pessoas de vermelho causando confusão em protestos. Quando as cornetas tocam, o MBL, salvador verde e amarelo, é anunciado, trazendo consigo as manifestações verde e amarelas.

Nas imagens do vídeo, fica exposto como o MBL utilizou os vídeos de pessoas de vermelho e com símbolos do PT nas vestimentas, vandalizando a manifestação, para incentivar o “pânico vermelho” que ele reformula. A imagem do PT é construída como monstruosa, errada, maligna. O vermelho atua no imaginário dos seguidores do movimento como cor ruim, cor do comunismo, de tudo que é errado politicamente. Em contrapartida, o verde e o amarelo são as cores do brasileiro de bem, de família, nacionalista e correto.

## Considerações finais

O MBL surgiu em 2014, após ser gestado nas manifestações de 2013, como um movimento jovem e *hipster*, voltado à direita neoliberal e trazendo aos jovens uma lógica de mercado empresarial *pop* e *cool*. Sua gestação e ascensão foram possíveis por diversos fatores, entre os quais as manifestações terem sido multicêntricas, bem como a insatisfação da direita com o governo Dilma, o que auxiliou na maior campanha do MBL até hoje, o *impeachment*. Naquela ocasião, os integrantes do movimento marcharam de São Paulo à Brasília e acamparam por aproximadamente 1 mês em frente ao Congresso Nacional, realizando um dos protocolos de pedido da retirada da presidente do cargo. A ideia desta pesquisa surgiu já em 2015, com uma Iniciação Científica da graduação; cresceu para um TCC e, hoje, se torna uma dissertação e um livro.

Com o objetivo de compreender como o MBL se autodefine baseado na diferença com o Outro, o livro precisou percorrer o caminho da contextualização histórica do neoliberalismo, para que se compreendesse, então, a emergência de um novo grupo neoliberal brasileiro na contemporaneidade, assim como a definição de nacionalismo e da crise do capitalismo, essenciais para o entendimento da ascensão do movimento em tão pouco tempo, auxiliada pelas mídias *online*. Dentro das técnicas utilizadas pelo MBL, o nacionalismo está muito presente – difundido por meio das falas nos palanques, em vídeos e nas cores verde e amarelo, características da estética da nova direita brasileira.

O MBL precisa citar constantemente o Outro. Esse Outro toma diversas formas: a forma de PT, de esquerda no geral, da Dilma e do Lula. Isso faz com que o MBL tome a forma de: antipetista, antilulista, antidilmita e antiesquerdista. Assim como o orientalismo, estilo de pensamento e sistema de representações que introduziu o Oriente na cultura Ocidental,

estudado por Edward Said e abordado no capítulo sobre o Outro desta pesquisa, a oposição do MBL também está inserida com certos estigmas e estereótipos no mapa mental dos seguidores e membros do movimento. Em razão disso, a palavra Outro foi utilizada com a letra maiúscula no livro, sempre que se referiu ao Outro como diferença, sendo diferente do Eu (MBL).

Atinge-se um ponto no qual o PT não precisa ser mencionado diretamente na fala do movimento: sabe-se que o partido referenciado é ele, prova de que está dentro do imaginário dos seguidores do movimento como Outro, como algo ruim e diferente do Eu. Há enunciados que se repetem nos vídeos, quando se fala a respeito do Outro. Há a constante exaltação ao capitalismo e diminuição do socialismo: mencionam-se países como Venezuela e Cuba para causar o “pânico vermelho”, além das citações sobre o governo ser corrupto, roubar e estar envolvido em esquemas com a Petrobrás (governo de Dilma Rousseff).

Outra maneira de agir detectada no comportamento do movimento por meio desta pesquisa foi a doutrina do choque, estudada por Naomi Klein, jornalista e escritora canadense. Klein explica como a caminhada e implantação neoliberal lideradas por Milton Friedman nos anos 1970 utilizaram o choque na população para implantações de mudanças econômicas, assim como o neoliberalismo faz novamente nos dias de hoje. O MBL faz o mesmo por meio dos vídeos nas redes sociais, utilizando-se do estado de perda de identidade dos seguidores mais novos ou possíveis seguidores, para implantação de seus ideais como ideologia correta. Há o choque causado pelo *impeachment* de Dilma, considerado a primeira vitória e o que alçou o MBL a novas caminhadas. Posteriormente, o trabalho da doutrina do choque se voltou à prisão de Lula e à eleição de Bolsonaro.

É possível também, por meio deste estudo, traçar um perfil dos principais participantes do movimento, ficando claro que Renan Santos, o mais velho, sempre demonstra ser inteligente e detentor de muito conhecimento de leis, instituições e história da América Latina. Kim Kataguirí, a face principal, veio para ajudar no relacionamento com o público jovem e

acabou se destacando dos demais; ele poderia ser facilmente definido como o articulado. Já Fernando Holiday é o líder messiânico, que sobreviveu ao passado pobre, à família descendente de nordestinos, à fome, à pobreza e ao preconceito por ter se assumido homossexual. Kim Kataguiri e Fernando Holiday alcançaram cargos políticos, contradizendo a definição apartidária do movimento em 2014. Hoje, Kataguiri é deputado federal (eleito em 2018), e Fernando Holiday, vereador da cidade de São Paulo (eleito em 2016).

Quanto à estética dos vídeos, ressaltam-se as cores verde e amarelo, nacionalistas, que estão se tornando um símbolo da nova direita no Brasil. E, na trilha sonora, destacam-se as músicas de rock atual, que tornam os vídeos mais descolados e voltados ao público jovem de classe média. Os vídeos do período analisado são muito bem montados e mostram, em sua maioria, imagens das manifestações e da caminhada do MBL até Brasília, quase como se precisassem provar, naquele momento, uma credibilidade merecida pelo MBL. Hoje, isso não é mais necessário, e o movimento pode inovar mais nos *takes*.

No recorte temporal específico da análise, a liberdade para o MBL se corporifica no *impeachment* de Dilma, e a vitória seria alcançada com esse mesmo fato. Nota-se, porém, que o movimento continua crescendo após o ocorrido (até como consequência de sua vitória nos protestos anti-Dilma e protocolo de *impeachment*), e a liberdade e vitória tomam outras formas.

Conforme se radicaliza a direita, o MBL se torna ainda mais conservador. Finalizo retomando a discussão do título. A análise do primeiro ano de publicações do movimento no YouTube é importante para a percepção de como o MBL mudou sua forma e, hoje, está mais agressivo discursivamente e politicamente. Essa mudança é perceptível por meio do discurso, das ações, do local em que os integrantes ocupam na sociedade (estão mais importantes, ocupando cargos públicos) e, até mesmo, por meio dos títulos dos vídeos, que também ficam mais agressivos com o passar do tempo. Títulos como “Discursos 16 de Agosto | Renan Santos” abrem espaço para nomes como “Haddad defende bandidos contra pacote de Moro”. O MBL

de 2014, 2015 e 2016 estudado neste trabalho não é o mesmo de hoje, mas é o que começa a construção dos líderes que agora estão tomando o poder nos cargos públicos. É o primeiro MBL, que começa como tragédia, que inicia a criação da imagem do Outro. E sua segunda forma, a farsa, que demoniza cada vez mais essa oposição. Em sua segunda forma, o MBL é a farsa pior do que a tragédia que o antecede.

# Referências

## Fontes primárias

01 DE NOVENBRO: o vídeo que a mídia não quer mostrar. Produção de Movimento Brasil Livre, 2014, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Kbs-JTGJC-Kw>>. Acesso em: 13 dez. 2018

06 de DEZEMBRO. Produção de Movimento Brasil Livre, 2014, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qofpilhZZec>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

15 de MARÇO: a maior manifestação da história do Brasil. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=qem\\_OGZEjk&t=78s](https://www.youtube.com/watch?v=qem_OGZEjk&t=78s)>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Faça parte da mudança - 16 de agosto. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x28vvlKBg58>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Financie o Movimento Brasil Livre. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YSWrvoUhhqs>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Impeachment é mais amor – Movimento Brasil Livre. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x2cmFW6egdc>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Kim Kataguirí discursando no 16 de agosto. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=KC3AdoJWgco&t=49s>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Discursos 16 AGO | FERNANDO HOLIDAY. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SDSfaapa8BQ>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Discursos 16 Agosto | Renan Santos. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zjWSEfL8VG4>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Fernando Holiday discursando no protocolo de pedido unificado de impeachment. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xsZTgYJGVNo&t=6s>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Aula pública MBL: como melhorar o transporte sem demagogia. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7SuNPUWacSo>>. Acesso em: 13 dez. 2018.

Renan Santos sobre as instituições de nossa República. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=yTprcYaPCwo>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

13 de março – Ou você vai ou ela fica!. Produção de Movimento Brasil Livre, 2016, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=BLVgkUkr-PI>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

GOLPE? ESTRANGEIROS MANDAM A REAL SOBRE O BRASIL!. Produção de Movimento Brasil Livre, 2016, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wnA3LtmUx7w>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

Holiday mita em comissão sobre discriminação racial na Câmara. Produção de Movimento Brasil Livre, 2016, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=6B4HoszNufc&t=67s>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

MBL 365 Ascensão – 1 ano de MBL. Produção de Movimento Brasil Livre, 2016, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gUEaYX5lJZI>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Fernando Holiday discursa na Câmara dos Deputados. Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=f3qCFFTgRGo&t=216s>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

Comemoração dia 31/08 – PT NUNCA MAIS! Produção de Movimento Brasil Livre, 2015, son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=C\\_YJuDGkezK](https://www.youtube.com/watch?v=C_YJuDGkezK)>. Acesso em: 18 dez. 2018.

## Fontes bibliográficas

AMARAL, Marina. Jabuti não sobe em árvore: como o MBL se tornou líder das manifestações pelo impeachment. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?** Para entender o *impeachment* e a crise política no Brasil. Boitempo: São Paulo, 2018, p. 49-54.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. São Paulo: Editora Schwarcz LTDA, 2009.

ARENDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

BARBOSA, Jefferson Rodrigues. “Movimento Brasil Livre (MBL)” e “estudantes pela liberdade (EPL)”: ativismo político, think tanks e protestos da direita no Brasil contemporâneo, ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 41., 2017. Caxambu. **Anais...** Caxambu, 2017. Disponível em: <<https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/41-encontro-anual-da-anpocs/gt-30/gt11-15/11078-movimento-brasil-livre-mbl-e-estudantes-pela-liberdade-epl-ativismo-politico-think-tanks-e-protestos-da-direita-no-brasil-contemporaneo/file>>. Acesso em: 23 fev. 2019.

BOLAÑO, Cesar Ricardo Siqueira. **Capital, estado, indústria cultural**. 1993. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

BOTELHO, Maurilio Lima. “Guerra aos ‘vagabundos’”: sobre os fundamentos sociais na militarização em curso no Brasil. **Margem esquerda**, n. 30, p. 119-127, 2018.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. **Aurora**: revista de arte, mídia e política, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 99-129, out. 2014-jan. 2015.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**: história e imagem. Bauru: Edusc, 2004.

CASIMIRO, Flávio Henrique Calheiros. **A nova direita no Brasil**: aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa (1980-2014), Expressão Popular: São Paulo, 2018.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil, mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

\_\_\_\_\_. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CHOMSKY, Noam. **Mídia**: Propaganda política e manipulação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

\_\_\_\_\_. Neoliberalism is destroying our democracy. **The Nation**. Publicado em 2 de junho de 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tBzSLu3MZ6I&t=109s>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo editorial, 2016.

FANG, Lee. Esfera de influência: como os libertários americanos estão reinventando a política latino-americana. **The Intercept**, 11 ago. 2017. Disponível em: <<https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

FISHER, Mark. How to kill a zombie: strategizing the end of neoliberalism. **Open Democracy** 2013. Disponível em: <<https://www.opendemocracy.net/mark-fisher/how-to-kill-zombie-strategizing-end-of-neoliberalism>>. Acesso em: 10 jul. 2018.

GALLO, Silvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos, 2., 2008, Niterói. **Anais...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2008, p. 1-16.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2006.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2016.

HAN, Byung-chul. **Psychopolitics: Neoliberalism and new Technologies of power**. Londres: Verso Books, 2017.

HAN, Byung-Chul. **A sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARVEY, David. **O neoliberalismo – história e implicações**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HOBSBAWN, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2007.

\_\_\_\_\_. **Não basta dizer não: resistir à nova política de choque e conquistar o mundo do qual precisamos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

LEMONDE. **Kim Kataguri, le visage juvenile de la droite dure au Brésil**. Disponível em: <[https://www.lemonde.fr/m-actu/article/2018/04/18/kim-kataguri-le-visage-juvenile-de-la-droite-dure-au-bresil\\_5286915\\_4497186.html](https://www.lemonde.fr/m-actu/article/2018/04/18/kim-kataguri-le-visage-juvenile-de-la-droite-dure-au-bresil_5286915_4497186.html)>. Acesso em: 27 jul. 2018.

LEO MAAR, Wolfgang. Luta de classes na socialização capitalista: Estado privatizado e construção privada da esfera pública. In: SINGER, André; LOUREIRO, Isabel. **As contradições do lulismo: a que ponto chegamos?**. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 219-250.

LÖWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?** Para entender o impeachment e a crise política no Brasil. Boitempo: São Paulo, 2018, p. 61-67.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

\_\_\_\_\_. Prólogo. In: MARX, Karl. **O 18 Brumário de Luis Bonaparte**. Trad. Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 9-16.

MARINO, Lauren. Speaking For Others. **Macalester Journal of Philosophy**, vol. 14, n. 1, Article 4, 2005. Disponível em: <<http://digitalcommons.macalester.edu/philology/vol14/iss1/4>>. Acesso em: 27 jan. 2019.

MARX, Karl. **O 18 de Brumário de Luís Bonaparte**. Trad. Nélío Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1 edições, 2018.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, Esther Solano (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018, Kindle, posição 149 a 355.

MONBIOT, George. Neoliberalism, the ideology at the root of all our problems. *The Guardian*. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2016/apr/15/neoliberalism-ideology-problem-george-monbiot>>. Acesso em: 04 jul. 2018.

O GUIA Pervertido da Ideologia. Direção: Sophie Fiennes. Produção: Sophie Fiennes. Intérpretes: Slavoj Žižek. [S.l.]: Blinder Films. 2012.

OXHORN, Philip. Neopluralism and the challenges for citizenship in Latin America. **Soundings: An Interdisciplinary Journal**, vol. 87, n. 1/2, p. 27-58, 2004.

OXHORN, Philip; DUCATENZEILER, Graciela. **What Kind of Democracy? What Kind of Market?: Latin America in the Age of Neoliberalism**. University Park: Pennsylvania State University Press, 1999.

ROCHA, Camila. O jogo sujo da direita: think tanks neoliberais e a nova direita brasileira. **Le Monde Diplomatique Brasil**, 2 nov. 2017. Disponível em: <<http://diplomatique.org.br/think-tanks-ultraliberais-e-nova-direita-brasileira/>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

SAID, Edward W. **Orientalismo**: O oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Schwarcz. 1996.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, n. 86, p. 28-39, junho/agosto 2010.

SINGER, André. Brasil, junho de 2013: Classes e ideologias cruzadas. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 97, p. 23-40, dez. 2013.

STREECK, Wolfgang. Como vai acabar o capitalismo? O epílogo de um sistema em desmantelo crônico. **Revista Piauí**, ed. 97, out. 2014. Disponível em: <<http://piaui.folha.uol.com.br/materia/como-vai-acabar-o-capitalismo/>>. Acesso em: 03 fev. 2018.

\_\_\_\_\_. **Tempo comprado**: a crise adiada do capitalismo democrático. Coimbra: Actual, 2013.

YAMAMOTO, Eduardo Yuji; DE MOURA, Júlia Frank. O Brasil a partir do Movimento Brasil Livre: imagens de uma comunidade imaginada. **Comunicologia**, v. 11, n.1, p. 153-169, 2018. Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/8325/5817>>. Acesso em: 12 jan. 2019.

ZIZEK, Slavoj. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. O violento silêncio de um novo começo. In: HARVEY, David et al. **Occupy**: movimentos de protesto que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, Carta Maior, 2012, Kindle, posição 181 a 351.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
**[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)**